DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ

UNIV. OF ARIZONA
mn
PQ9697.Q54 C6
Queiro, Dinah Silve/Comba Maline; ficcao
3 9001 03821 4428

DINAH FANTÁSTICA

Laudes

ficção científica

COMBA MALINA

Dinah Silveira de Queiroz e a Ficção Científica

Dinah Silveira de Queiroz foi uma pioneira da ficção científica entre nós, tendo-se em conta a reinvenção de um gênero cujas origens se perdem nas distâncias do tempo, pois Plutarco já descrevia uma "aventura espacial" em **Na superfície do disco lunar** e, antes dêle, lendas egípcias e chinesas procuraram desvendar o mistério das estrêlas. Nesse mistério, aos seis anos de idade, já era iniciada a autora de **Comba Malina**. Antes de aprender a ler, ouvia o pai, Alarico Silveira, que lhe fazia "adaptações" de Wells e de Julio Verne. Assim, quando se abria a curiosidade da futura escritora para o mundo exterior, já estava também traçada a rota que a levaria à ficção científica, sendo suas primeiras imaginações uma porta aberta de seus sonhos de criança. No entanto, embora os **marcianos** fôssem seus amigos íntimos em tão distantes dias, só em 1957 Dinah veio a publicar (na revista **Jóia**) seu primeiro conto dêsse gênero — **Êles herdarão a Terra** — datando-o de 4 de outubro de 1957, data em que o primeiro **sputinik** foi lançado. Seguiram-se a **Universidade Marciana**, escrito em 1959 e publicado em 1960, que Antonio Olinto colocaria, como afirmou, numa antologia de plano universal, entre as melhores obras de autores de ficção científica, e **O**

COMBA MALINA

Digitized by the Internet Archive
in 2024

https://archive.org/details/combamalina0000dina

DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ

PQ
9697
Q54
C6

COMBA MALINA

(FICÇÃO-CIENTÍFICA)

LAUDES
1969

COLEÇÃO DINAH FANTÁSTICA

Vol. I Margarida La Rocque

Vol. II Comba Malina

Êste livro pôde ser editado graças à colaboração do BANCO INDUSTRIAL DE CAMPINA GRANDE S. A.

Capa de Luiz Canabrava

PRINTED IN BRAZIL

Dinah Silveira de Queiroz

ÍNDICE

Págs.

Comba Malina 9

Os Possessos de Núbia 25

O Céu Anterior 49

A Universidade Marciana 61

Ânima 97

A Ficcionista 117

Éles Herdarão a Terra 153

O Carioca 179

COMBA MALINA

"Deixe contar a história, seu doutor. É questão de crédito de juízo; a gente perdendo não recupera nunca mais. Tenha paciência. A coisa até começou com um pensamento maroto: Se o *fominha* do gerente não me deu o aumento — deixa pra lá. Corto na passagem e no aluguel."

Tão simples, tão fácil. Pra que um sujeito solteiro, rueiro como eu, ter êsse luxo de quarto em Brás de Pina e ainda gastar um horror com duas passagens para o subúrbio? Na invenção com que me dava o aumento negado pelo gerente, abria uma felicidade malandra, gostosa — uma dessas alegrias meio bôbas que fazem a gente andar rindo na rua e os outros sérios olhando e perguntando: — "Que é que êsse cara viu de bom? Passarinho verde?"

Pois eu andava rindo quente, gostoso, na tarde de gente encabrestada, aflita, amarrada em seus problemas, na pior hora da volta para casa. Deixei a Praça Quinze e uma pequena meteu o ôlho em cima de mim, reparando aquêle meu riso frajola, desatado, desfazendo de caras alheias. Então, seu doutor, descobri que o beco era ali mesmo, mas tão diferente de tudo, que parecia que eu tinha pôsto o pé num mundo dos tempos de trás que não tem mais no Rio. Umas quatro ou cinco casas baixinhas, um sobradinho faceiro e eu consultando o anúncio passei a vista por êle.

"Parece que estou no interior. Casa com altos e baixos, terracinho, gato estirado na porta, tudo tão calmo, tão diferente da zoeira aí da praça!"

Enxotei o bichano — sempre tive raiva de gato — bicho maligno, traiçoeiro, capaz de morar com a gente vinte anos, mas só querendo saber de suas safadezas nos telhados e do bem-bom do confôrto.

Já ia pondo a mão na campainha, quando todo aquêle barulho da praça esmaeceu, sumiu. E aí começou um toque de flauta meio engraçado, que nem moda de palhaço. As primeiras notas vinham como ôvo chôco que estoura, atirado: booom-booom... E as outras eram uma escalinha fresca feito assovio que subia umas três notas — conheço música um bocado, seu doutor, toco até de ouvido — e depois a escalinha caía, vindo em seguida a repetição das notas gordas, esparramadas, esborrachadas. Aquilo mexeu logo comigo. Fiquei pensando: que diabo de música é esta? A coisa se repetiu umas três vêzes, depois parou. Eu toquei a campainha, veio abrir uma brancosa que já devia ter feito sua vista, mas agora — bem, o senhor já ouviu falar naquela história da mulher que tinha o cabelo tão prêto, que parecia branco? Pois era assim mesmo. Boazuda ainda, mas entrada já nas tintas. Parecia que ela esperava um namorado; quando me viu botou dente pra fora que não acabava mais:

— "Veio pelo anúncio?"

E quando eu já ia entrando, um pi:a-nos-tocos saiu lá de dentro e ela se desculpou:

— "Sinto muito não ter mais nenhuma vaga."

— "Então — disse — já vou-me mandando que tenho ainda outras vagas pra ver."

— "Não — respondeu apressada. — Espere. Vamos conversar primeiro."

E fechou a porta na cara do sujeito, enquanto me puxava para dentro. Num átimo, o pequenino fêz ôlho redondo pra nós. Pensei com meus botões: "a coroa gostou de mim e eu não tenho nada contra isto".

Fêz-me sentar num sofá coberto de plástico e eu cheirei com alegria a limpeza da casa, o óleo dos móveis, uma nuvem de comida limpa e de carne do dia chegando até meu nariz.

A mulher, seu doutor, entrou logo na conversa prometida:

— "O senhor há de se admirar de que tenha dito àquela pessoa não haver mais vagas aqui. É que estou escolhendo um companheiro de quarto para o Professor Sarmento. E o Professor é homem exigente. Não vai aceitar qualquer cafajeste."

Pela primeira vez, alguém mencionava, ainda que por alto, a minha distinção. Acho que jamais me encantei tanto, doutor, com um elogio do que com estas palavras.

— "O Professor Sarmento virá aqui. Espere um instantinho."

A mulher olhou e eu tive a certeza de que ela me limpava o couro, assim como uma cozinheira vê um frango ainda por depenar, sabendo o que vai dar na panela.

Mas, aquêle alegre comêço anoiteceu dentro de mim. "Será que êsse professor é um..." Bem, o senhor sabe... gente mais pra lá do que pra cá. Se fôsse assim — o barato saía caro.

Dentro de alguns minutos, ela voltava com o Professor Sarmento. Êle era uma pessoa correta, como se diz. Nem carne, nem peixe... nem velho, nem môço... nem magro, nem gordo, muito bem barbeado, isto sim. E a bôca cheirando a dentifrício, o que dá boa impressão na gente quando se trata de companheiro de quarto. E aí, seu doutor, o Professor Sarmento foi dizendo com muita delicadeza que só repartia a dormida com outra pessoa porque tinha umas quedas de pressão — coisa muito de longe em longe, mas que pensava pudesse lhe dar um dia uma vertigem e êle sòzinho sem poder chamar por alguém...

— "Por isto mesmo, rapaz, você vai pagar uma ninharia pela vaga."

Era mesmo uma ninharia. A bem dizer, o Professor não queria humilhar o companheiro de quarto e cobrava um quase nada pela cama. Vi logo que minha primeira impressão de que êle pudesse ser um "sabe como é" não tinha razão de ser. Eu sou rápido em descobrir estas coisas: um jeito de pôr as mãos nas cadeiras, um modo e um riso... pego logo no ar quando o sujeito não é cem por cento. Acalmei por êsse lado e ao ver o quarto acho que dei uma risadinha parecida ainda com aquela da rua. Era uma sala muita espaçosa: eu ocuparia um sumiê. Havia uma prateleira de livros muito bem tratados, uma lousa com uns troços escritos que eu não sei, doutor, se era geometria ou coisa parecida e bem em cima do sofá tinha umas figuras antigas. O Professor veio para junto de mim:

— "Êste lugar aqui é a Praça Quinze há duzentos e cinqüenta anos. Aqui está o Arco do Teles, veja você. Igualzinho, quase, ao que era antes."

— "Puxa vida! Parece ainda um bocado. Mas aqui onde nós estamos tinha uma bodega."

— "É — disse o Professor. — A bodega da Comba Malina."

— "Como é que o senhor sabe disto?"

— "Ora, rapaz, está escrito, veja. Tenho passado a vida estudando êste miolo onde nós hoje moramos, mas pode estar certo que não vou aborrecer você com meus estudos."

— "Pra mim êsse negócio de História é como Religião: quem quiser que acredite. Respeito todo mundo que acredita, mas também é só."

A mulher, que se queria calada, levantou o braço gordinho puxou uma cortina e disse, por fim:

— "Veja que o senhor pode ficar à vontade, quase como num quarto em separado."

— "É — respondi com uma certa prevenção que de súbito me engasgou um pouco. — Mas isto é assim? Não tem depósito nem carta de apresentação? Eu trabalho no banco, aqui perto. Lá eu sou o faxineiro, todo mundo me conhece."

O Professor agora me considerava com muita lerdeza de vista. Botava o ôlho comprido de cima abaixo, igualzinho ao que a mulher fizera.

— "Vá buscar suas coisas, meu caro — disse. — Eu conheço as pessoas muito depressa. A gente vê logo que você é um rapaz de bem."

* * *

Já me havia mudado para o quarto do Professor e, folgado, dormia até um quarto para as oito, pois o Banco só abria às nove em ponto — quando, certa madrugada, assim numa nuvem — eu tive a impressão de que alguém dizia um recado. E dizia *com música*. Primeiro, as notas esborrachadas, grossonas, depois a escalinha safada que descia e sumia e isto nhenhenhém, implicando, repetindo. A primeira vez foi assim: uma espécie de coisa ouvida misturada com sonho. Já nem sabia se estava ouvindo ou lembrando aquela primeira cantiga de flauta que troava no dia de minha chegada àquela casa. Mas, depois, percebi que estavam tocando, mesmo, ali bem junto. Corri a cortina, de repente, e peguei o Professor de lâmpada acesa, a flautinha na mão, rindo forte pra mim.

— "Mas a esta hora, Professor? Tem dó. Eu preciso trabalhar. Assim a gente não descansa."

Êle me olhou com agrado de cachorro pidão:

— "Rapaz, vê se você não implica com a minha flautinha. É a única distração que tenho."

— "Não implico, não, Professor. Podia até dormir com ela. Já dormi milhões de vêzes ouvindo cantigas de rádio. Mas que raio de musiquinha é esta? O senhor não sabe outra? Só toca êste troço?"

Êle foi pegando a flauta, colocando no estôjo e me dizendo:

— "Amanhã vamos conversar sôbre isto. Espero sua boa vontade."

Puxei a cortina, enfiei a cabeça no travesseiro e de repente me bateu na idéia aquêle nome esquisito: *Bodega Comba Malina*. Não ia dar confiança ao Professor de perguntar o que queria dizer Comba Malina. Mas senti que entre êste nome e aquela musiquinha de flauta havia uma parentela, um chamado, que sei lá. *Cooom-ba*. É o tipo do nome que soa como um estouroôco. *Ma-li-na* faz uma carreirinha igual à música do Professor. Então, seu doutor, pelo fim da madrugada, cá por dentro, me vinha o nome ao mesmo tempo grosso e delicado: Comba Malina — nome que virava trenzinho barulhento: *Comba Malina, Comba Malina*... mais depressa, mais malina, mais Comba Malina... E depois subia como notas alegres, prometendo nem sei que satisfação: *Malina, Malina*... foi assim o comêço de tudo, seu doutor. Agora, vou descansar que estou com a língua que nem papagaio, sêca, pedindo água ou coisa melhor que não se bebe aqui. Amanhã, eu continuo: pode estar certo, doutor, que tudo que lhe vou contar é verdade tão verdadeira como Deus estar no céu.

* * *

Passaram algumas noites e o Professor não soprava mais a flauta. Quem sabe se deixava para tocar quando eu estava em serviço? Não sei. Eu não dava entrada para conversa, mas com a educação para o gasto que sempre tive, despachava meu bom dia, meu boa noite; o Professor Sarmento respondia, ficávamos naquilo. Acontece que bateu um calorão desgraçado e aquelas palavras *Comba Malina* entraram a dar trabalho a meus miolos. Sabe como é, seu doutor? Queria pensar na namorada, uma bacaninha que era recepcionista do Banco e que eu tinha escolhido para dizer que tinha namorada

como qualquer rapaz. Eu namorava só, ela neca, nem sonhava, o senhor sabe como é. Tinha, por cima, o azar do Flamengo, horrível para mim naquele tempo e com isto tudo ainda o raio de uma prestação a pagar, que não vem ao caso. *Comba Malina, Comba Malina Comba Malina, Comba.* Uma noite em que aquilo me escaldou a cabeça, percebi que o Professor não dormia, pigarreava mansinho, do outro lado da cortina. Não agüentei mais e perguntei:

— "Professor, o senhor está acordado?"

— "Estou. Quem é que pode dormir com êste calor?"

— "Ainda que mal lhe pergunte, Professor, estou aqui com umas palavras virando cambota atrás da testa. Será que o senhor pode me explicar o que é Comba Malina?"

O diabo do Professor Sarmento parecia querer deixar que aquilo me envenenasse o juízo, porque respondeu:

— "É uma história muito comprida. Depois falamos."

Fiquei acordado, sentindo o cheiro do mar. O Entreposto de Peixe cheirava a falta de faxineiro que nem eu, pode estar certo, doutor, e não era cheiro de sereia, não. Acendi uma lampadazinha, fiquei olhando a figura daquele mesmo nosso lugar mas do tempo de duzentos e cinqüenta anos passados quando, nesta mesma casa, havia a Bodega Comba Malina. Bodega com um pano meio rasgado, pendurado, uns cordões de cebola na porta.

No dia seguinte, o Professor foi direto ao assunto. Chamou-me para junto da lousa, fêz mil cálculos para explicar, ponto por ponto, aquela adivinha de Comba Malina. Veio com uma opinião muito engraçada: não tem música que se acabe. O doutor conhece êsse troço de lei? Lei fisca, não, física. Disse que a lei lá de seu entendimento era de que o barulho, mal comparando, é pedra jogada na água. Abre uma roda, mais outra, mais outra. Que tudo quanto foi palavra dita fica rolando no mundo que nem alma penada; que a gente pode entrar na onda de um canto sôlto e perdido de tempo antigo... Também disse que sem valor na cabeça alguém pode receber feito médium a música ou dito que não morreu e está morando pelos vazios e ser compositor ou poeta pelo tempo, doutor, o senhor me entende? Eu custei a entender, mas entendi. Quando vim de Pau dos Ferros, falassem comigo e falassem com um jumento, o bicho tinha mais entendimento. Agora sou velho no Rio, com mais de dez anos

e não tem palavra marota de carioca que me escape. Por isso, no fim, entendi bem. Depois de entendido, perguntei:

— "Que é que tem o fundo com as calças? Que é que isto tem a ver com aquela Comba Malina? É a musiquinha da flauta?"

— "Vai ser difícil explicar. Tentarei outro dia."

Quando voltei do serviço à tardinha, a toada inundava o beco. Já sabe como é: as notas chocas, de esparrame — duas redondas e largadas e depois a escalinha safada, com o final maneiro, leviano que só vendo:

— "Ou o senhor me dá o serviço disso tudo..."

— "Não compreendo, rapaz."

— "Ou o senhor me diz o que é êste toque de flauta, ou me mando dêste quarto. Coisa boa vai ver que não é..."

— "Meu filho — disse o Professor Sarmento — todos nós temos nosso retrato em música. Quer ver o seu? Ou por outra, quer ouvir?"

— "Pare com a mangoça."

Tomou giz, foi para a pedra, fêz cálculos, rabiscou notas e voltou:

— "Aqui está seu retrato."

Firulin, firulin, toc, toc, cantava a flautinha que êle soprava, me espiando com ôlho de galo assuntador de galinha.

— "Isso sou eu? Essa besteira?"

— "É."

— "E por que sou eu?"

Aí o Professor respondeu. Deu uma resposta cheia de sabença e que está tôda no meu côco, doutor:

— "Porque os homens, como os mundos... no espaço... têm seu som... sua música. Esta é a sua."

— "E aquela que o senhor entoa, piando grosso e depois fino?"

— "Aquela é Comba Malina. Estou chamando Comba Malina."

* * *

Passou um tempo de chuva; cada um que chegava no Banco era rasto de lama, balcão molhado, os metais enferrujavam, gente largava no chão os jornais com que cobria as cabeças justo na hora em que eu acabava de passar o pano na entrada. Doutor, só sendo faxineiro um cristão pode

conhecer a sujeira dêste povo sem capricho. Eu chegava em casa como boneco que os meninos desengonçam. Era um molambo, caía de sono, pouco se me dava se o Professor tocasse a flautinha; estava arrasado. Mas a chuva passou, o ar aliviou, eu peguei meu sossêgo. Fiquei tão desafrouxado que até tive juízo para perguntar à dona da casa como uma pessoa tão metida à profissão de sábio, que nem o Professor, morava naquela casa boa para motorista, faxineiro, mas não para o fino de gente do porte dêle.

— "Sai pra lá — disse ela, alegrando os dentes. — O Professor é aposentado e ganha pouco."

— "Foi por isto que êle topou mais um no quarto?"

— "Foi por isto."

A mulher ria molhado. Depois sacudiu os cabelos duros:

— "Pode ser que você tenha de ser ajudante do Professor... mas deve ser pouca coisa" — e relinchava gostosa, os dentes quadrados, para mim.

Nem bem a dona acabara de rir e eu batia no ombro do Professor, aí fazendo suas visagens no quadro negro:

— "Quero tudo em pratos limpos. Minha bagagem é leve e praia bem pode ser cama de pobre que se dá o respeito. Quando aluguei a vaga não me disseram... tinha de ser seu ajudante?"

— "Ajudante, não, com-pa-nhei-ro. Você deve ser preparado e isto não se faz num dia."

Levou-me diante da figura onde se lia *Bodega Comba Malina.*

Só vendo a cara do Professor que tremia tôda.

Bestei:

— "E a gente não está morando no lugar onde tinha a bodega?"

— "Sim — disse êle — mas duzentos e cinqüenta anos mais adiante."

— "Venha cá, Professor, a aposentadoria veio porque o senhor não gozava da mais perfeita?"

— "Gozava da mais perfeita saúde, sim, mas esta terra é contra todo o mundo que enxerga um pouco mais longe. E a aposentadoria... veio por isto."

Aí o professor começou a ficar irado e a falar que nem espíquer. Engrolou o nome de Pedro Segundo, dizendo que se o Imperador não quisesse tanto bem aos sábios não tinha

sido despachado do Brasil e foi enraivecendo, foi estufando uma veia na testa.

— "Onde é que eu fico, Professor?"

— "Você fica aí. Saiba que eu já entrei na Bodega Comba Malina. Senti o cheiro de cebolas, vi uma porção de queijos, potes de mel, ramos de arruda. No balcão havia um homem pequenino, vestido com calções curtos, um pano amarrado à cabeça. E onde nós estamos — a escada era dessas de pedreiro — havia um grande colchão de palha de milho, uma abertura no canto. E uma mulherzinha pequenina metia a mão pelas palhas, afofando o colchão. A criatura era Comba Malina."

— "Puxa vida, mas que nome!"

— "Acho lindo. Comba Malina era cigana. O dono da bodega deu dinheiro aos guardas e tirou a mulher do Campo dos Ciganos, junto da cidade, onde os da sua raça viviam arredados do povo..."

Aí então, seu doutor, minha cabeça ardeu:

— "Comba Malina era bonita?"

— "Bonita, mas bem pequenina. Tudo que eu apanho no tempo que já passou eu vejo bem de cima e então fica pequeno. Para mim, o mais bonito de Comba Malina estava nos pés. Redondinhos, quentes, da macieza das crianças."

Espichei-me no sumiê olhando o quadrinho:

— "O senhor garante que não foi um sonho?"

— "Não, meu filho. E você também vai conhecer Comba Malina. Calma; confiança em mim e terá nas mãos a cigana mais bonita que já existiu no Rio."

* * *

Prometido e cumprido. Com pouco mais, noite vindo e noite indo, o Professor pegou com jeito a flautinha e ela mais se aclarava, parecia gente dizendo:

— "Comba Malina"

Eu ficava no meu canto espiando o Professor Sarmento, a janela aberta, o céu pintando lonjura preta atrás dêle. Êle piou que não acabava mais, que nem pombo macho arrulhando. Por Deus que está me ouvindo: fui puxado para o alto. Foi como se me pusessem enganchado em cima da parede, sentado num ôco. Olhei para baixo: vinha uma nuvem de cheiro balançando, subindo do calor de umas brasas que

eu não podia enxergar. Era extrato enjoento, de dar tonteira e apêrto no estômago. Eu me via naqueles altos e o piadinho da flauta continuava no repinique, mas nem sombra do Professor. Foi então que comecei a ver a cabecinha dela: pequenina como a de uma criança de uns nove anos; os olhos, passada a nuvem de fumaça, me olhavam apertadinhos como de china. Vi os ombros redondinhos, bem estreitos, a camisa frouxa e curta, um resto de barriguinha aparecendo antes da saia de mescla dourada. E aí reparei nos pés bem pequeninos, de criança, os pés que o Professor dizia ser o mais bonito em Comba Malina. Parece que ela me olhava com mêdo. Era mulher-menininha medrosa. De repente, puxou do chão uma bandeja redonda, de cobre, e começou a bater nela alegre para mim: tam-tam-tam... tam-tam-tam... Era a música que acabava o piado de Comba Malina, feito pela flauta. A flauta dava a música e ela — meu coração batia, eu sabia que era bem a Comba Malina —, tangia com fôrça, os dedos na bandeja e assanhava um batuquezinho só para mim. Mas, quando eu fui descer lá de cima do teto, veio uma tonteira, o quarto rodou, foi como um abismo e quando acordei de todo aquêle precipício estava caído no meu sumiê. O quarto era igualzinho. Lá na outra cama, o Professor, flautinha na mão, me olhava sem dizer esta bôca é minha.

Acho que aquêles cheiros me deram um pouco de perturbação, porque vomitei ali mesmo. Não sei porque me veio uma certa raiva do Professor que vi em meu vexame rindo de um lado só. Depois apareceu uma fraqueza, peguei no sono; quando acordei, estava em cima da hora de abrir o Banco, eu me despachei correndo para o serviço. Mas, de noite, falei com o Professor, disse que era tão esquisito aquêle ôco perto do teto, onde eu tinha estado. Disse também que Comba Malina era uma belezinha, um pecado fôsse tão pequenina.

— "Você está vendo a cigana com duzentos e cinqüenta anos de distância."

Êle mangava? Mangava, sim. Porque continuou:

— "Comba Malina para seus companheiros deve ter sido mulherona e tanto."

— "Professor — pedi. — Será que o senhor não me pode dar qualquer coisa para melhorar meu estômago?"

Êle ria sempre de um lado só e dizia coisas, e estas, doutor, eu não entendia:

— "Ora, ora, se você estivesse na mais perfeita, como costuma dizer, não via Comba Malina."

Por mais que lhe pedisse, não consentiu em chamar na flautinha. Disse-me que a coisa era perigosa, que eu teria de ser pôsto de jeito a receber bem aquela espécie de comunicação; que a primeira mostra não tinha sido boa. Era preciso agüentar firme porque — e aí o Professor não riu: — "Comba Malina vai esquentar como braseiro."

Será que eu dei conta de meu serviço nesse dia? Passava a escôva de um lado para outro, repetindo baixinho:

— "Comba Malina, Comba Malina."

Esfregava o balcão no mesmo compasso:

— "Comba Malina, Comba Malina."

E às vêzes ficava esquecido, batucando num batente de porta que eu limpava no modo com que Comba Malina tangeu os dedinhos gordos na bandeja de cobre: tam-tam-tam... tam-tam-tam...

Fui acostumando com aquêle sonho acordado, fiquei tão calmo e sossegado que às vêzes entrava o gerente, passava por mim, eu não lembrava de dar bom dia ou boa tarde. Mas era como alguém que tem um amor escondido. Mansinho com os outros, falava baixo, e se a chefe das datilógrafas — uma velha de fala esganiçada — ralhasse comigo porque os cinzeiros estavam sujos, eu ia pisa-mansinho, fazia a limpeza e ainda ria para ela como cachorro festeiro abana o rabo para quem faz cara feia prá cima dêle. Acho que foi êsse meu jeito manso que decidiu o Professor Sarmento a tocar novamente a flautinha. Dessa vez, parece que ela não esquentava: faltava uma saída qualquer como a de um motor que tem lá sua falha. Eu ficava esperando — o coração batendo mais forte — e êle vinha com a música de Comba Malina, mas nada acontecia. Até que houve uma espécie de achado: as notas mais baixas tinham que ser demoradas sempre mais e mais. E quando isto aconteceu... quando elas soaram, como fruta esborrachando, e veio uma grita fininha, eu sai de mim, naveguei pelo teto, encontrei o ôco da parede e senti o cheiro enjoado de jasmim misturado com enxôfre mais arruda, sei lá quanta composição

naquela fumaceira tôda. Agüentei melhor; daí a pouco, apareceu a testa de Comba Malina, seus olhinhos apertados riram para mim, a bôca — eu via só o beicinho de baixo. Ria, tremendo muito. Tudo recomeçou com o batuque na bandeja de cobre. Enquanto a flautinha fazia o canto, ela metia o seu acompanhamento. E dançava, mexia os quadris, era uma bezerrinha nova e branca, tão bonita como uma imitação de mulher. Então, conforme o Professor avisou, Comba Malina foi alvoroçando mais seu toque na bandeja, foi dançando mais repinicado. Eu via seus pèzinhos levantados e o esfôrço que ela fazia como para me agradar. Fui ficando tonto. A música assanhava, o sangue batia nos meus ouvidos e aquêle *Comba Malina* mil vêzes repetido quase me punha doido, doutor — eu não sou doido direito como o senhor está pensando. Acho que escorreguei daquele vão. Meu Deus, que caminho comprido pode ter na parede de um quarto? Porque eu descia, descia, descia, mas caía no mesmo lugar. Comba Malina estava ali. Não era uma visão, não era uma doidice. Eu podia pegar seus ombrinhos de criança, podia ver de perto seus olhinhos alargarem com mêdo e quem sabe se até com amor para mim. Levantei Comba Malina do chão, peguei com secura e devoção aquela mulherzinha de brinquedo, enquanto a música piava sempre. Eu tinha certeza, seu doutor, que aquela visagem, aquela cigana, ia me dar um pedaço de amor, como ninguém saboreou até hoje nesta cidade do Rio de Janeiro. A musiquinha mais depressa, mais depressa, eu rodopiando com a cigana pequenina nos braços e aí começou, nem sei contar, uma invasão de gente miúda, de roupas esquisitas. Todos chamavam Comba Malina de bruxa e um sujeito vestido de prêto levantou um ramo de arruda e berrou para mim:

— *"Vade retro, Satana."*

Eu queria defender a minha Comba Malina, mas êles levaram minha cigana — aquêles anõezinhos de pano amarrado à cabeça e anãzinhas de saias longas e rodadas. Quando o tropel desapareceu pela porta, vi que alguém havia atirado as brasas em cima de um colchão de palha — o colchão de Comba Malina, que o Professor contara para mim.

Do fogaréu eu escapei para o alto. Do alto, despenquei para o meu sumiê. E do sumiê abri os olhos para o Professor muito sério a meu lado. Comecei a chorar:

— "Êles levaram Comba Malina."

— "Eu expliquei que a coisa ia ser muito feia, meu filho."

— "Mas por que, Professor Sarmento? Por que êles levaram Comba Malina?"

— "Porque, para essa gente vizinha da cigana, você era o *demônio*... que ela invocava. E quem sabe se para ela também."

Agarrei o Professor:

— "Mentira. Chame por ela. Eu quero Comba Malina."

Êle não riu.

— "Meu filho, a cigana Comba Malina moradora dêste Beco há duzentos e cinqüenta anos foi queimada por ter invocado Satanás. Depois disto, não há mais nada. Entendeu? Ponto final na história de Comba Malina."

Segurou-me com fôrça que eu desconhecia.

— "Mas eu estou estudando, fazendo contas, a gente ainda pode juntar muita experiência..."

Eu não queria saber de coisa alguma. Estava invocado com Comba Malina; eu queria a cigana e achava que o Professor estava com embromação. De repente, fui ficando mais irado, comecei a dar empurrões, o Professor chamou por socorro, vieram uns hóspedes. Fui chutado pela escada com minha maleta e tudo. A dona da casa chamou um guarda que me seguiu. Ela lhe disse que eu era um doido e estava importunando tôda a gente. Voltei de noite à casa. Tudo fechado. Senti o meu grito de morte troando pelos vazios da cidade:

— "Comba Malina! Comba Malina!"

Quando vi, me puseram num carro, me trouxeram para esta Colônia Juliano Moreira e agora estou diante do senhor, dizendo estas coisas. O senhor é o médico, o único homem que pode devolver meu crédito de juízo. Quero que vá comigo. Conheça o Professor Sarmento, converse sôbre aquela lei do som abrindo roda e mais roda que eu lhe falei. Por Deus, que não desampara ninguém, leve-me ao Arco do Teles; eu lhe mostro a casa e o senhor vai ver que eu não sou doido como esta gentalhada que aí está. Apesar de que o

amor seja doidice que todo homem conhece um dia ou outro na vida.

* * *

O interno da Colônia Juliano Moreira conseguiu de seu médico aquela visita que êle julgava importante como esclarecimento de seu caso. O psiquiatra era humano, sabia que determinados pacientes deveriam ser tratados com o carinho mais atento e especial. Foram juntos, num dia de compras, aproveitando a ida da camioneta do Hospital ao centro da cidade. Com êles, dois enfermeiros bastante fortes para qualquer emergência. O carro parou junto ao beco e tudo pareceu ao médico como o enfêrmo havia descrito. Êle ficava dentro da camioneta e o doutor sorria bondosamente em sua direção, acenando. Lá estava o sobradinho. Até mesmo um gato sonolento na porta. Mas, em cima dela, um letreiro: Dentista. Ao abri-la, soou a campainha. Um homem em avental branco veio atender na sala cheia de crianças e de pais esperando:

— "Procuro aqui o Professor Sarmento."

— "O senhor está enganado. Não há ninguém no prédio com êste nome."

— "Mas o senhor?"

— "Especialista em prótese infantil. Se não entende... — o outro dizia isto porque o médico estava aparentemente confuso. — Saiba que faço dentaduras para crianças, há dez anos. E só estou abrindo a porta porque minha empregada não veio hoje. Com licença."

Fechou-se a porta sôbre aquêle pequeno mundo onde um dentista punha dentes falsos em crianeinhas.

O médico observou a camioneta parada. Ia voltar, melancólico de sua tristíssima missão cumprida. Mas eis que desata no ar o som agudo de uma flauta, sucedendo às primeiras notas pesadas e lentas. O médico estaca e ouve a flautinha piar:

COMBA MALINA, COMBA MALINA!

— "É na casa ao lado. Na casa ao lado."

O doutor abre uma cortina da pequena venda e vê um grupo de prêtos. Agora, êles cantam respondendo à flauta:

— "Pomba Divina! Pomba Divina!"

— "Por favor — pergunta o médico, já nervoso: — Que quer dizer isto?"

— "Olhe, seu môço. Convém ter mais respeito. Está baixando aqui no Centro a Pomba Divina, nossa protetora, alma de luz."

O médico saiu para a rua, mas o que êle ouvia, apesar da explicação, não era Pomba Divina, e sim Comba Malina. Tinha de enfrentar seu doente: o homem que lhe pedia um honroso passaporte de juízo. Chegou rente ao carro, falou doce para o enfêrmo que o esperava numa ansiedade ilimitada:

— "Você está tão doente quanto eu."

OS POSSESSOS DE NÚBIA

Às vêzes, nas "noites" de Núbia, quando por uma decisão meio anárquica havia deixado de tomar a dose de *fixêmio*, êle costumava recuperar seu para sempre perdido tempo da Terra. Por que viera para Núbia? Era tão simples, tão idiota! Viera porque achava que a mulher estava regredindo e êle também, por ela carregado, numa animalização inconcebível. Bela o havia seduzido, como qualquer mocinha a um rapaz que está na idade de procurar mulher, mas jamais pudera imaginar que naquele tipo de uma modernidade incomum, com sua cabecinha raspada e envernizada de castanho opalescente, habitasse ser tão primitivo. Ela decidiu ter o primeiro filho como as mulheres há séculos não o faziam. Tornou-se bêbada de maternidade: engrossou pouco a pouco, pesada, prenhe do filho e de sua lasciva condição feminina. Foi assunto de controvérsias infindáveis nos jornais de imagem concreta, essa criança que abalou as boas maneiras das mulheres de então. Falou-se muito naquela fêmea que desprezava os conceitos altamente civilizados da mãe moderna, que se utiliza das cubas de porcelana em vez do próprio ventre, como o faziam suas animalescas antepassadas.

Bruno sentia em si o ridículo daquela vocação femeeira, sacudindo os bem pensantes, como na irrupção de um defeito que se amplia até a degradação. Tida essa criança, com o alvorôço que causou em tôda a avenida do sexto andar, para onde abria o apartamento de Bruno, outros inconvenientes surgiram. Bela, os peitos entumescidos, não contente com o escândalo do parto, quis amamentar. Achava lindo dar leite ao bebê, e depois do primeiro filho quis ter outro, também desejando, contra a vontade do pai, criá-lo dentro de si e não na concha de porcelana do Estado. Dois filhos, dois choques, duas razões para infindáveis debates em que o casal se tornava o alvo de controvérsias inauditas. Bela ficava cada

vez mais mulher. Bruno tinha vergonha de confessar — cada vez mais fêmea — e então não lhe bastavam dois filhos tidos no ventre e criados nas mamas: queria um terceiro. Cansado de sentir em si olhares risonhos e comentários maliciosos, Bruno foi perdendo a alegria de viver. Não mais freqüentava as festas a que Bela o carregava, fèericamente feminina, chamando sôbre sua pessoa os olhares de quantos homens estivessem em tôrno, como se ela recendesse ao cio dos primitivos. No trabalho, era acossado por crises de languidez e desespêro, e como fôsse redator lotado no Ministério do Planejamento do Cosmos, começou a prestar atenção às vantagens oferecidas ao povoadores da pequenina colônia de Núbia. Receberiam uma espetacular ajuda de custo e, se não levassem as famílias, estas teriam a recolher um seguro de vida que funcionava automàticamente no momento da viagem, enriquecendo o clã. Os colonos de Núbia bem se comprometiam a ter lá um estágio jamais inferior a um prazo de vinte anos da Terra.

Núbia, planêta iluminado por Glauco, ficava tão distante da Terra, que aquêles que viajavam para lá o faziam como em uma rejeição de tudo que constituía a civilização terrena. Havia coisas agradáveis em Núbia: primeiro, pensava Bruno, saber que aquela espécie de "suicídio" vinha enriquecer uma família, e não infelicitá-la; segundo, que o capitão Welsch, chefe do grupo de pioneiros, era um chefe e tanto, censurando tão sàbiamente as notícias da Terra, que ali, o indivíduo viria automàticamente a detestar o planêta em que havia nascido. Na sala da Casa Maior, os filmes em imagem concreta versavam sempre sôbre as infindáveis guerras do planêta Terra. Apareciam, freqüentemente, terremotos, vendavais, epidemias. O Capitão fazia questão de censurar as terrenas belezas, tão voluptuosas para os possíveis saudosistas, diante das telas de imagem concreta, nas quais eram também proibidas as canções alegres de festivais da Terra. A sala de projeção ficava vazia, dentro de algum tempo. Os nubienses riam uns para os outros, não se sabendo bem se caçoavam dos terrenos ou do Capitão. A terceira melhor coisa do planêta era o *fixêmio* e a dose necessária à completa preservação contra a melancolia e a saudade. Bruno pensava nisto exatamente, quando por um desejo de gozar de maior liberdade interior, furtava sua mente à ação do medicamento fixador dos colonos em suas novas bases de

vida. Vinha-lhe, então, tudo à cabeça: Bela passeava seu corpo opulento pelo aposento exíguo, e seu perfume de mulher, pesado, parecia insinuar-se sob o travesseiro musical, que êle havia feito parar em sua dulcíssima canção de adormecer, especialmente encomendada para os habitantes de Núbia.

A vida do planêta não era, por outro lado, despida de atrações femininas. Havia Drusa, encarregada de psicologia do grupo, ao qual Bruno estava ligado. De uma feita, ela o acarinhara com a técnica das doutôras em psicologia e o mandara para o reservado onde Bruno descera, mediante gases sedativos, a uma inocência de oito anos. Inocência? Êle se vira a murmurar palavrões e a chorar alto, como fazem os meninos dessa idade. Depois que saíra do cubículo, Drusa o beijara na bôca, numa cordialidade quente, que, generosa, ela oferecia a todos os de sua clínica. Bruno chegou, mesmo, a pretextar alguns distúrbios para vir a ser tratado por Drusa, mas esta soube logo de suas artimanhas e o mandou então fazer pequenos passeios, o que muito o contrariou. Não gostava de sair da cidade-acampamento e vadiar pelos campos. Não que tivesse receio de um dêsses desvarios que, de tempos em tempos, pareciam devorar alguma vítima entre a população. O caso, por exemplo, de Resa, o mecânico dos robôs de Núbia, fôra o último de uma pequena série de acontecimentos inexplicáveis. Bruno o viu partir pela estrada; andava tranqüilo e seus passos se moviam sob o iluminado céu de Leste.

Núbia não tinha dias e noites. A colônia se situava na faixa crepuscular do planêta. O dia e a noite coexistiam de um lado e de outro no céu. O mecânico parecia igual a todo cidadão que, tranqüilizado pelo *fixêmio*, cuidasse de sua existência sem correr perigo de nostalgia. Mas êle partiu reto, inflexível, sem retôrno, para o abrasamento de Glauco, "o sol" de Núbia. Êsse foco de vida e de energia do planêta, constituía uma fôrça tão poderosa que as árvores, em Núbia, cresciam esgalgando-se tôdas para a luz, como a rastejar para ela. Insetos, que certa vez apareceram na colônia, eram deformados, distorcidos como as plantas sofredoras, cujas sementes vinham do planêta Terra, mas que tendiam com tôda a fôrça de seu crescimento em busca de Glauco, se não fôssem disciplinadas também por rigorosos tratamentos. Assim, o mecânico dos robôs desaparecera, atraído como os

insetos e as plantas, pela luz de Glauco. Bruno não sabia que, embora não se falasse no assunto, alguns outros colonos tinham tido a mesma sorte: desapareceram na esteira da luz, fascinados e mortos por Glauco.

Bruno seguiu os conselhos da psicóloga, utilizando-se porém, do pequenino planador de pilhas que a colônia oferecia aos passeios mais curtos de seus habitantes. Vadiou, então, por algumas horas "matinais". (Falara-se, infindàvelmente, em instituir um nôvo horário, mas a colônia era regida pelo inflexível sistema terreno: doze horas para o dia, doze para a noite, embora o dia não fôsse dia e a noite não fôsse noite.) Os passeios mostravam as plantações de trigo, ligeiramente voltadas para o "sol" do planêta; e as formas estranhas de colinas, entrevistas ao longe, tendendo para o dia, como se a natureza fôsse ávida do calor de Glauco. Havia um indivíduo muito conversador — o botânico Faro — que descrevia lugares mais sedutores do que aquêles contemplados nos arredores do acampamento, mas então o calor já seria quase sufocante.

— "Quando um homem está muito bem condicionado interiormente, pode passear até lá. Do contrário, vai na reta para Glauco."

Faro também gostava de fazer a crônica da colônia. Tinha certa quizília com o chefe, e costumava sentenciar:

— "Êste capitão, que já foi ministro de Deus, faz mais possessos que o demônio o fazia, nos bons tempos em que se acreditava no diabo."

Ah! Bruno, às vêzes, cheirava no ar a terra chovida de pouco, quando a dose de *fixêmio* não vinha à hora certa; o cheiro da terra, o embriagador cheiro, o melhor que existe, vinha tontear-lhe o olfato. Com dois dias sem *fixêmio*, seria também capaz de "ouvir" o mar, como se os seus ouvidos fôssem a concha de turbilhões remotos dos oceanos, contivessem o palpitar de vida de seus abismos. Sem *fixêmio*, a lucidez era um vício tentador; mas com a droga, recuperava-se o prazer de existir. Achava-se natural a noite fabricada, o pequenino céu que tombava até os confins do acampamento, feito de um gás prêto, que o circundava, panorâmico e indispensável à acomodação dos colonos. Havia, então, nessas "noites" de Núbia, habituais festinhas em que todos se viam de maneira diferente, pois era recomendado que

se entregassem mais e mais aos bailes "satíricos", quando os colonos caçoavam, reinventando tipos odiosos da humanidade terrena. Ali, em Núbia, todos eram iguais, mas nesses saraus, alguns se fantasiavam de ricos, outros até se apresentavam com doenças inventadas, simulando mazelas terrenas. Era tudo muito engraçado, mas se as criaturas não tomassem uma boa dose da droga, às vêzes misturavam lágrimas e risos e iam acabar no pequenino quarto de Drusa, dizendo palavrões e regredindo à infância, como miseráveis, pequeninos e fracos sêres.

Tôdas essas coisas eram postas, como nos pratos de uma balança sensibilíssima, quando Bruno, entregue a sombras fictícias, pesava e repesava a feliz oportunidade que tivera de deixar Bela e viver num planêta cujo oxigênio era muito mais puro que o da Terra.

Do trabalho, não se queixava. Como viesse do Planejamento do Cosmos, agora, bem se dava a uns poucos planos, principalmente a casos de "emergência", que a colônia deveria enfrentar. No "dia" anterior, o Capitão Welsch — que o encontrara meio sonolento diante da projeção de imagem concreta, onde, depois de devidamente censurada a "atualidade" da semana, fôra exibido um tornado da Flórida, a ruptura do paredão de um dos lagos da Amazônia e, por fim, o grotesco festival de homens de duzentos anos — os mais velhos do planêta Terra, que se entregaram a comidas e a bebidas de seus antigos tempos — o chamara para uma conversa um tanto estranha. Êle, Bruno, deveria "planejar" sôbre a possibilidade do aquecimento de Núbia.

— "Capitão Welsch — disse Bruno — segundo todos os cálculos, só de mil em mil anos, quando se dá a aproximação maior de Núbia com Glauco, êste fenômeno deve ocorrer. Os astrônomos da colônia imaginam que Núbia venha a ser aquecida violentamente daqui a quatrocentos anos, na pior das hipóteses."

— "Eu sei — disse o Capitão, pensativo. — Mas o nosso serviço de fiscalização assinalou milhares e milhares de insetos mortos, trazidos pela aragem de Leste."

O ex-pastor, em seus bons setenta anos, tinha cinqüenta de experiências em Núbia: era o colono mais antigo, e sua afeição pelo planêta chegava a ser dramática; quando qualquer habitante ousava manifestar crítica menos favorável à vida no planêta, êle respondia feroz: — "Você não merece

o privilégio de viver aqui." Dentro dêsse quadro, Welsch jamais viria a confiar-lhe qualquer suspeita mais grave a respeito da possibilidade do aquecimento geral do planêta. Era um homem que só alongava seus discursos para gabar a fecundidade do solo nubiano, a pureza do seu ar, a retidão de seus habitantes, e principalmente os princípios morais de respeito comum à individualidade humana.

Uma das mais eficientes auxiliares de Welsch era a pequena Célia, capaz de alegrar com sua vivacidade e seus estímulos de conversa a todos os solteiros da colônia, que não eram muitos; entretanto, últimamente, depois que seu amigo o Capitão houvera confidenciado, de passagem, com ar despreocupado, sôbre o turbilhão de insetos mortos, Célia havia perdido a constante naturalidade. Baralhava a atitude para com seus íntimos. Era cômica diante daqueles com os quais, por ofício determinado pelo Capitão, deveria ser mais grave. Era severa quando pelas circunstâncias, deveria atender à intimidade de um homem solitário que queria uma companhia alegre. A doce e bondosa, a generosíssima Célia, viera fazer visita a Bruno, sempre pensativo e especulador, e se comportara como devera ter feito com o mecânico dos robôs, que amava as piadas e se danara, talvez, em vida, só porque ali em Núbia faltavam as anedotas do terrível mundo da Terra.

— "Você sabe o que aconteceu ao Oscar? Aquêle nosso colono que recebeu um cérebro nôvo, depois da meningite? A viúva do doador veio até aqui, em Núbia, dizendo que, conforme está provado, o marido passou a viver em Oscar."

— "E o que tem isso?"

A môça estourou seu riso *mais caritativo:*

Oscar respondeu: "*Está provado que a consumação do casamento não se faz pelo cérebro.*" E o Capitão aceitou, muito naturalmente, o argumento.

— "Ah! — disse Bruno — assim Oscar ficou livre da mulher."

E a môça, despachada para alegrar sua noite, tocara, sem querer, no ponto dorido. Êle também se desfizera de sua Bela; êle também encontrara razões e um bom argumento, embora seu cérebro e seu corpo...

* * *

— "Capitão Welsch, diga-me com franqueza, qual a sua dúvida?"

— "Nenhuma, meu rapaz. Apenas devemos conseguir um mecânico para os robôs. Esperamos que você consiga isso de alguém."

Ah, era *só* isso. Aquêles robôs que constituiriam o cêrco inexpugnável da colônia, tinham um mecânico, um teórico vindo lá da Terra e que jamais tivera o prazer de fazer funcionar suas máquinas a circundarem, numa defesa maciça e absoluta, todo o acampamento, pelo menos desde que Bruno estava ali.

— "Mas, êle tinha um companheiro, não tinha?"

— "Sim — disse Welsch — justamente aquêle afetado de meningite, pois entrou um dia, acompanhando o mecânico, demasiado na faixa de luz. Justamente o Oscar, o que trocou de cérebro, e teve relativa experiência com as máquinas, antes da morte do mecânico-chefe."

Bruno chamou Oscar. A morte do companheiro vivia em sua cabeça, fresca, com uma exatidão inexorável. Êle havia trocado de cérebro, mas jurava, contra todos os pareceres dos médicos, que "se lembrava" da morte do mecânico dos robôs.

Êle abrira os braços para Glauco e gritara: "Adoro o sol, adoro a minha terra, m... para êste lugar."

"Êle foi ficando cada vez mais vermelho e incandesceu por inteiro: seu rosto parecia brotar sangue de todos os poros. Neste ponto, eu desmaiei."

A Doutôra Drusa, na sessão seguinte, explicaria a Bruno, depois de o ter beijado na bôca com muito afago e ternura, que isto não passava de uma *incorporação de personalidade.* Oscar não queria perder sua mente, seu passado, e inventava situações desconhecidas para seu nôvo cérebro. Poderia ter acontecido... Era uma suposição.

— "Mas meu caro — dizia ela a Bruno — seu auxiliar é um homem de esplêndida inteligência. Com lições dadas pelo mecânico, ainda mesmo sem ter tido uma convivência maior, saberá o suficiente para mover os robôs."

Bruno compreendeu logo que não era possível tal eficiência. Oscar, premido por suas indagações, confessou:

— "Já experimentei a técnica 224 x 32 e a 14 x 17. Numa, os robôs trepidam e não arrancam; noutra, arrancam parcialmente."

Bruno estêve estudando os comandos dos robôs de Núbia em certa madrugada, com Oscar. Dois dêles apenas, dos quatorze existentes, se puseram, como tôrres, em marcha, nos limites da "fronteira" de Núbia.

Consciente de que o sistema de defesa de Núbia era imperfeito. Bruno questionou Welsch sôbre o absurdo de um plano de conquista feito por outros que não os colonos. O Capitão respondeu por evasivas:

— "Um mundo tão delicioso como o nosso pode despertar a cobiça. E os colonos nunca pensam nisto."

— "E fora dos robôs, Cap. Welsch, qual é a defesa de Núbia?"

— "Velhas armas aqui trazidas há cinqüenta anos. Uma delas eu a manejei aos vinte anos, na Terra."

Era preciso corrigir o emperramento dos robôs de Núbia. Seria cômico que êle, Bruno, escrevesse as suas memórias do planêta, dizendo que para isto deveria contar com um assistente descerebrado e recerebrado, um homem de memória delirante, cujos confins da personalidade se situavam numa incógnita: "Quem sou eu? *O outro*, ou Oscar?"

Ah, nesse delicioso planêta, acontecimentos invulgares ocorriam. O Capitão Welsch pedia para que se não tocasse na morte dos insetos, mas, com Bruno, fiscalizara a climatização da Casa Maior. Pelo menos, por êsse lado, êle não teria problemas. A cobertura, em que seria englobada tôda a sede principal de Núbia, Oscar a soube fazer descer como se não houvesse estudado outra coisa na vida.

Bruno — êsses exercícios eram feitos sempre de "madrugada" — viu baixar o vidro protetor que se apegava à construção e escorria quase liquefeito do teto, para solidificar-se quando alcançava o solo. Tudo ficaria rigorosamente vedado, para que as poderosas máquinas refrigeradoras entrassem em ação.

* * *

Em meio a essas obscuras preocupações, sem um sentido exato, pois nem o Capitão nem qualquer colono manifestara ansiedade sôbre qualquer ameaça ao acampamento das duas mil criaturas situadas em Núbia, os passeios de planador à pilha já agora eram uma rotina para Bruno. Dentro da ro-

tina, porém, havia uma diferenciação feliz: a Doutôra Drusa concordara em acompanhá-lo. Então, conversaram intimamente sôbre tudo e sôbre todos, quando o pequeno planador, dez metros acima do solo, fugia célere, primeiro pela parte plantada, na difícil disciplina dos vegetais importados, quando a colônia semelhava uma próspera fazenda alemã ou americana. Transposta, porém, a fronteira dos trigais sàbiamente cultivados, principiava aquela paisagem, que seria obsessiva, sem a dose providencial de *fixêmio*: árvores raquíticas, erguendo para Glauco os galhos retorcidos e sofredores; colinas que pendiam como oceano fixo de vagas que se estratificavam, crescendo na direção Leste. De lá, o céu azul, brilhante, o eterno dia de Glauco. A Oeste, a sombra progressiva, até o surgimento de raras estrêlas afundadas na noite que a vista abarcasse.

— "Gosto disso tudo — disse Drusa, e o dizia bem mais para Bruno do que para manifestar a euforia da distensão e do repouso. Fêz uma pausa e acrescentou: — Novos colonos estão para chegar. Teremos muito trabalho. É preciso aprender a amar Núbia, sentir que aqui somos privilegiados. Imagine-se você agora, na Terra, perdido naquelas alucinantes cidades... Um mundo formigando de gente, violentamente lutando pela sobrevivência de cada um. O mundo desumanizado. Núbia está preservando o ser humano: você deveria ter orgulho em participar desta maravilhosa experiência."

— "Prefiro ter orgulho em passear com a doutôra mais bonita que já conheci."

Ela riu.

— "Diga-me uma coisa, mas sin-ce-ra-men-te. Acha mesmo que Oscar não assistiu à morte do mecânico?"

— "Impossível — respondeu, decidida. — Naquêle dia, êle saiu *sòzinho*. Você mesmo o viu, lembra-se? Oscar já estava doente."

De seu lado, Drusa tinha um caminhar diferente de preocupações.

— "Tôdas as vêzes em que chegam novos colonos, há uma sacudidela muito forte em nosso grupo, porque os terrenos se comportam de maneira afrontosa, achando insólitos nossos vestuários e costumes, dizendo sempre que estamos muito "atrasados". Sinceramente — continuou — não

são momentos muito agradáveis, mas passam logo e, depois de algum tempo, os novos nubienses estão perfeitamente integrados. Nessa integração eu tenho uma pequena parte, como sabe."

Dito isto, Drusa deu em Bruno um violento e demorado beijo na bôca — aquela sua encantadora receita, quase tão importante quanto o *fixêmio*.

"Será Drusa mesmo bonita, ou terei perdido a memória das belezas terrenas?"

Bruno não levou muito tempo na indagação interior. Depois do beijo, a volta à Casa Maior. Drusa perdeu-se em seu gabinete, entregue às consultas e a seu específico carinho profissional. Bruno subiu a escada, chegou ao tôpo do edifício. Dentro de sua consciência estalava uma pergunta impossível de configurar, mas imperiosa, uma pergunta que só precisaria de uma noite sem *fixêmio* para que pudesse vir a saber exatamente qual era, o que vinha a ser essa vaga tomada de alerta por um perigo que só habitava nos confins de sua sensibilidade, numa dúvida misteriosa.

Vagou pelos grandes salões desertos do observatório da Casa Maior; os instrumentos estavam lá, abandonados a essa hora. Seus passos ressoavam numa busca que, no instante, não deveria ser a dêste estranho auxiliar, o nôvo mecânico, pois os robôs não viriam a fazer falta à população enquanto não se concretizasse um perigo. Em tôrno do acampamento só havia noite, dia, árvores torturadas, às vêzes uma aragem mais forte trazendo insetos destroçados, nada mais. Bruno passou à velha sala de armas em seu caminhar pensativo. E foi como se êle visse tudo pela primeira vez. Há poucos dias observara aquelas armas. Estavam abandonadas, tristes, poluídas, de mau aspecto. Agora, a luz de Glauco fazia ressaltar diretamente muitas delas, polidas, brilhantes, tinindo seus reflexos numa forma de vida silenciosa e drástica. Não precisou especular muito para saber o motivo daquela ressurreição: lá no fundo da sala, escondido debaixo de um engenho que êle, Bruno, desconhecia, gostosamente espichado no chão, Oscar limpava, meticuloso, uma velha arma, uma daquelas que Welsch usara havia cinqüenta anos, nas infindáveis guerras da velha Terra cáustica. Oscar colocou-se rápido de pé, mostrando sua obra, como um triunfador:

— "Veja que beleza!"

— "Mas não compreendo êsse seu esfôrço. Seria melhor estudar o código dos robôs."

— "Ora — disse Oscar, e suas orelhas pareciam rir com êle, tão felizes que se alvoroçavam também. — É muito mais fácil mexer com todos êstes trecos do que com êsses robôs pesadões e absurdos. E fique você sabendo que êste armamento não é nada de se desprezar. Confio muito mais nestas armas do que na fôrça de defesa dêsses robôs, que ninguém viu em ação."

— "O Capitão Welsch disse-me hoje ter assistido a vários exercícios com êles."

— "Pois eu acho que o Capitão devia mostrar mais sapiência e dar menos ordens; êle que mexa com os robôs. Afinal, somos ou não somos todos iguais?"

E as orelhas de Oscar murcharam como as de um cão meio zangado.

Bruno deveria responder como convinha àquela dose de rebeldia injustificada? Oscar não escolhera a tarefa que lhe fôra entregue? Houve um pequeno alvorôço na outra sala. Algumas pessoas tomavam seus assentos diante de instrumentos meteorológicos; outras estudavam, através de uma parede obscurecida, o brilho de Glauco. Havia uma conversa surda, mas Bruno percebeu que os homens discutiam ou assinalavam fenômenos diversos. Bruno notou, em seguida, que todos aquêles colonos, entregues a seus ofícios no observatório, discutiam sôbre a possibilidade de uma vaga de calor em Núbia. Três dêles observavam o grande retângulo obscuro, onde o astro brilhava esmaecido, meneando as cabeças, enquanto um quarto e pequenino indivíduo afirmava "que sim". O aquecimento progressivo do planêta poderia vir a acontecer muito cedo. Os aparelhos de sondagem, constituídos de fios metálicos, vinham e voltavam, trazendo pequenas porções de grama, cuja quentura e um possível comêço de danificação registravam.

— "Devo participar da conversa, pois pertenço ao Departamento da Defesa, como os senhores já devem ter sido informados."

O pequenino sentiu em Bruno um ser capaz de aceitar aquilo que lhe parecia um fato mais que provável. Abriu as cartas de Núbia, mostrou as manchas de aquecimento progressivo, já assinaladas, para o astrônomo-chefe. Glauco de-

veria atingir com seus raios a porção de Núbia povoada pela colônia, no máximo dentro de vinte e quatro horas.

Uma incredulidade geral derramou-se sôbre aquêles homens, que voltavam a insistir na inflexível lei astronômica, que determinava as vagas de calor em épocas de mil anos na contagem clássica, que êles ainda usavam.

— "Mas por que não chamam o Capitão Welsch?" — perguntou Bruno, enfim chegando ao têrmo e ao rasgão do mistério que se desvanecia dentro dêle próprio: o *pressentimento*. Aquela teia de imagens que um homem dono de seus nervos não pode aceitar. Tivera um *pressentimento!* E enquanto todos concordavam em que seria bom chamar o Capitão Welsch, o homenzinho divergente deu um grito. De encontro à parede de cristal negro, uma vaga de insetos se espatifava, borrando de súbito, a perspectiva do astro.

* * *

O Capitão Welsch, que continuava em Núbia a fazer algumas funções religiosas, terminara o ofício da semana, citando Buda, Maomé e Cristo para o pequeno grupo de crentes. Antes que pudesse chamá-lo, o botânico Faro entrou alvoroçado pela porta da pequena capela e aguardou, com Bruno, pelo "oficiante".

— "Alguma coisa está acontecendo: abriu-se uma brecha enorme no meio dos trigais. — Mostrava uma fisionomia atônita. — Os bichos estão saindo de dentro da terra — corrigiu — de dentro do solo."

Bruno estava ali para levar ao chefe da colônia a preocupação dominante do homenzinho e mais a sua, bem particular.

O "oficiante" fêz sinal e disse aos poucos colonos que haviam assistido ao ato religioso:

— "Fechem suas casas e venham para cá."

Um dêles perguntou:

— "Será preciso o toque de reunir?" — e ria, incerto, olhando Faro e Bruno, como numa espécie de provocação.

Welsch respondeu tranqüilo, batendo-lhe no ombro:

— "Hoje é dia de repouso, mas não há nenhum mal em que vocês se encontrem todos em nossa casa — e continuou

com uma espécie de cerimônia afetuosa: — Os insetos poderão incomodá-los em seus chalés; aqui, estaremos todos muito melhor."

Os poucos crentes retiraram-se para seus lares a fim de prevenir amigos e companheiros sôbre a reunião da Casa Maior, e quando Bruno subiu com Welsch para o observatório, êste lhe disse:

— "Logo que estejam aqui, faça baixar o vidro."

Ouviam-se ainda diálogos nervosos entre os astrônomos. A avalancha dos insetos nas paredes da Casa Maior era agora uma lama viva e impetuosa, que trepidava de encontro ao edifício.

Em breve, estrugia dentro de cada um o chamado total de Núbia. Ninguém, colono que fôsse, deixaria de receber, pelas ondas de intermitência nubiana, o apêlo que se conscientizava de indivíduo para indivíduo.

Welsch estava muito calmo.

— "Meus amigos — disse êle aos que se reuniam no observatório — a Casa Maior pode abrigar três mil pessoas e nós temos um pouquinho mais de dois mil nubienses. Chamo a atenção dos senhores, para que não haja a menor palavra, a mínima conjetura sôbre qualquer perigo; ainda mesmo que convulsões sacudissem nossos campos, os senhores bem sabem que os estoques da Casa Maior são suficientes para aguardar qualquer suprimento.

O homenzinho pequenino rodeava o Capitão, fazendo avultar sua pessoazinha, como se êle ainda não fôsse suficientemente visto ou ouvido:

— "O calor está vindo; êstes insetos significam que a vaga vem aí, terrível."

— "Eu já sabia — disse Welsch — mas não queria incomodá-los com minha humilde sagacidade."

Voltando a face doce e longa para Bruno:

— "Recomendo-lhe fazer descer o vidro logo que cheguem todos, sem perda de tempo. A refrigeração do edifício está amplamente garantida, funciona admiràvelmente. Não teremos nada a temer."

Dizendo isto, Welsch desceu, à espera de seus colonos, dos felizes habitantes de Núbia que já vinham, carregando uns, as fluidas bagagens, demonstrando preocupações indi-

vidualistas; outros, mais esportivamente, sem coisa alguma nas mãos — todos prontos a passar um prazo maior, ou menor, dentro da sede da colônia.

Antes de fazer descer o vidro, foi aberta a cortina d'água que deveria higienizar tôda aquela fachada, onde milhares de insetos mortos estalavam desenhos inimagináveis, nos quais boliam pequeninos corpos destroçados, ainda vivos, manchando as paredes.

— "Deixe-me ajudar" — dizia Célia, divertida com aquela inusitada cascata, que descia maciça do alto, pelas janelas e desvãos da Casa Maior.

— "Por aqui — disse-lhe Oscar. — Pode abrir todos os jorros dêste lado. Eu abrirei os do outro."

Atentamente, mas sempre risonha, Célia abria a torrente higienizadora, capaz de tragar os insetos e secar à medida que chegasse rente ao solo. Quando punha a funcionar o último jôrro, deu um grito:

— "Bruno — chamou, — a casa do botânico *sumiu*!"

— "Você não deve ter visto muito bem, Célia."

— "Como não vi? É a última, a que fica antes do trigal. Passei lá a noite. Então não lembraria?"

Oscar e Bruno contaram as casas que se alinhavam no caminho do trigal; era espantoso, mas *faltava uma*. Contaram e recontaram, incapazes de aceitar o fato. O bangalô sumira sem deixar traço.

Enquanto isto ocorria, o vozerio dentro do saguão tornava-se bem maior e uma última colona — que entrara, quase sem fôlego pela larga porta — *afirmava ter visto desaparecer a casa de Faro, quando tangia uma rês*. Então, correra como uma desesperada.

* * *

Welsch receitou leituras da Bíblia para uns. Para os não crentes recomendou as últimas exibições de imagem concreta. E quando todos estavam mais ou menos entregues às suas distrações, embora o fizessem carregando também na dose habitual do *fixêmio*, sempre bom para estabilizar a consciência de que Núbia era, realmente, entre todos o mais aprazível dos planêtas, subiu novamente ao observatório.

O retângulo de vidro escurecido, agora límpido, era observado pelos astrônomos. Um dêles, o mais velho, tinha a fisionomia tensa:

— "Infelizmente, Dr. Welsch, nós não tínhamos razão."

O homenzinho pequenino não gozou seu triunfo passageiro. Bateu-lhe afetuosamente no ombro — todos os nubienses eram extremamente carinhosos uns com os outros — e quando o astrônomo terminou de falar com Welsch, êle lhe deu dois ternos beijos nas faces:

— "Isto acontece, meu amigo. Não pretendemos ser irredutíveis como os terrenos."

* * *

Sabia-se que a doutôra havia levado para o pequeno compartimento, onde recondicionava as mentes em desvario, o botânico Faro, que parecia não ter conformação com o sumiço de sua casa, tragada no interior do solo com todos os objetos recebidos da Terra, e algumas raras coleções da flora nubiana. Ela o beijava sempre com mais doçura, alisando os cabelos já meio raros do botânico.

— "Ninguém aqui pode ficar pobre, ninguém pode perder nada, porque todos aqui têm tudo. Perca êste vício burguês e terreno!"

Como êle se lamentasse, com a obstinação de um neurótico, entre beijos e afagos, ela o encaminhou para a câmara, na qual, em breve, estalavam chôro e xingações, já tão íntimas a seus ouvidos, que eram como explosões de cantiga habitual dentro da rotina da sua profissão.

* * *

Depois de limpo todo o exterior da Casa Maior, poderia descer agora o grande banho vidrado. E êle veio, escorrendo manso, com os aparelhos fàcilmente postos em funcionamento e sob a afanosa cooperação de Célia, integrada no trabalho de seus companheiros. Alguns colonos observavam aquela capa protetora, que descia vagarosamente, esfumada nos bordos, e bem se cristalizava ao juntar-se ao solo, inteiriçando-se progressivamente. Vedado todo o edifício, os ope-

rários puseram a funcionar o condicionador, que mandou logo uma atmosfera gelada para o interior da casa.

Alguns expectadores de imagem concreta aborreceram-se com aquêle excesso. Outros vestiram seus agasalhos, chegaram junto da cortina de vidro e espiaram, ao longe, para suas casas. Então já não faltava apenas a casa do botânico, mas outra havia sido tragada.

Nesses breves instantes, fôra destruído mais um bangalô e nada dêle poderia ser visto. No lugar, uma ferida aberta entre os vegetais brilhantes, sob a claridade intensa de Glauco. Quando isto foi verificado, duas mulheres principiaram a gritar e foram encaminhadas à Doutôra Drusa, que se ocupou delas com a mesma devoção, os mesmos beijos demorados de todos os seus pacientes, sem mostrar nisso a menor preferência de sexo.

* * *

Tudo funcionava à maravilha. O frio poderia ir até 200º abaixo de zero, criando uma defesa contra qualquer calor mais agressivo. Pequenas estufas eram postas a funcionar para a comodidade dos colonos mais friorentos, que não se conformavam com a temperatura de cinco, abaixo de zero. Lá em cima, terminada a sua ação, Célia dizia um afetuoso adeus a Oscar, beliscando-lhe amorosamente as orelhas de abano. Ia tomar um banho na piscina interna — faria um pouco de exercício e divertiria os rapazes lá em baixo.

— "Oscar — disse Bruno. — Vamos experimentar os robôs."

— "Mania essa — respondeu Oscar. — Mania!"

— "Tenho ordem do Capitão Welsch para aperfeiçoar a defesa e vou cumpri-la. Vamos examinar os códigos."

Bruno, seguido de Oscar que dava muxoxos, dirigiu-se ao painel dos códigos. Aceso o comutador, os códigos transpareceram na parede, com tôdas as suas mínimas indicações, realçadas em notações verdes e vermelhas.

— "Antes de começarmos nosso trabalho, vou avisar os companheiros. Poderão querer apreciar o espetáculo."

— "Ah! Ah! — divertia-se Oscar — vai ser um teatro muito bôbo. Um fracasso total."

Fracasso ou não, Bruno quis avisar aos companheiros. Já que estavam todos com tempo de sobra, viessem ver os exercícios dos robôs.

Os colonos se aproximaram do vidro gelado e viram o primeiro mastodonte, com suas pás imantadas, sair como de uma catapulta e brilhar esplendorosamente no limite do parque da Casa Maior. Mais alguns instantes foram suficientes para fazer aparecer seis robôs, todos êles postos como torreões na direção Leste. Esperou-se, em vão, que se completasse o cêrco. Ouviram-se arrancos confusos das máquinas. Bruno praguejava, Oscar ria como um demônio e Welsch, deixando seus colonos de fisionomias estupefatas, dispostos ao longo do grande vitral da Casa Maior, tomou novamente o caminho do observatório, embora suas pernas de setenta anos não mostrassem a mesma disposição de sempre.

* * *

Todos, naquela pequena reunião dos mais doutos de Núbia, vinham dar seu parecer relativo ao fracasso da defesa dos robôs. O extraordinário pequenino colono encontrou uma solução para pôr em movimento o sétimo instrumento de defesa, que arrancava tão-sòmente do chão o confuso troar de organismos emperrados. Leu e releu números, sopesou instrumentos de exploração meteorológica, vindo a concluir que êle estava prejudicado pelo calor. Aquêle robô obstinado em não saltar de sua cova mereceu tais expedientes do homenzinho, que em breve se apreciou o melhor feito do dia: o robô, a muito custo, se pôs a funcionar. Mas a outra metade das máquinas de defesa estava inteiramente danificada pelo calor, já fàcilmente notado através do vidro. Os campos pegavam fogo, aqui e ali.

Todos sentiram um indizível mal-estar, pois um tempestuoso tropel, muito ao longe, se anunciou. Seriam movimentos interiores do planêta? Lá em cima, os observadores diziam que não havia nenhum deslocamento interno na parte relativa à sede de Núbia, mas o tropel aumentava sempre, os ouvidos captavam seu poderoso avanço. Seria um turbilhão de imensos insetos endemoninhados, tangidos pelo calor, uma pesada nuvem que viria arrasar tôda a colônia? Era difícil saber o que se passava nos confins dos campos, depois

dos trigais, porque a fumaça já subia das plantações incendiadas.

Bruno desistira de lutar com os aparelhos. Êle sabia que agora aquelas máquinas seriam destruídas pelo próprio calor do ambiente. Disse a um colono que vinha olhar ali junto a estranha ebulição percebida através da fumaceira:

— "Pode dizer a todos que o exercício dos robôs nem se limitou à metade. Tudo está funcionando, ninguém precisa ter preocupações."

— "Mas, que é aquilo?" Quis saber o outro. E nesse instante ficou só olhos. Olhos desmedidos, em seu rosto magro e devastado pelo trabalho do campo, à luz crua de Glauco.

Algumas vagas formas transpareceram dentro da fumaça. Davam a impressão de um rebanho acossado pelo calor. Bruno sabia, entretanto, que o rebanho de Núbia havia sido guardado na estrebaria, pelos próprios colonos que tangeram para lá suas reses, antes de entrar na Casa Maior.

Na extremidade do observatório, astrônomos, meteorologistas e empregados colavam seus rostos ao vidro, numa indagação obsessiva: que era aquilo? Dois ou três minutos e ninguém mais indagou, porque os sêres chegavam em tropel furioso, e seus urros enormes já troavam aos ouvidos, juntamente com o ruído da queima das árvores e o estalar dos telhados das casas próximas ao trigal. Oscar, as orelhas movediças, de cão que deseja morder, fixou o tumultuoso e desordenado grupo:

— "É gente, não é bicho — dizia. — É muita gente que nos vem atacar."

* * *

Welsch fêz um pequeno sermão, quando pela primeira vez, apesar do uso do *fixêmio*, um começo de pânico invadiu os colonos de Núbia.

— "Eu já havia mandado à Diretoria do Cosmos um relatório secreto sôbre a possibilidade da existência de sêres... subumanos no planêta. É possível que o mecânico Resa tenha sido morto por êles. Meu antecessor, o último síndico, tinha uma suposição só sua de que lá nas cavernas,

à Leste, numa faixa muito mais quente do que a que habitamos, existissem sêres, não humanos, mas infra-humanos."

Houve um esbôço de revolta:

— "E tôdas essas coisas eram escondidas de nós?"

O tropel se aproximava, mas as palavras de Welsch soavam sempre firmes:

— "A suposição era a de que êles seriam desalojados de suas cavernas por um aquecimento só concebível cientìficamente de mil em mil anos. As conjeturas agora..."

O Capitão explicava, gesticulando brandamente, mas ninguém ouvia mais. Até mesmo a rapaziada, que se divertia com a pequena Célia, irrompia nervosamente no saguão enorme da sede. O chão tremia sob o alvorôço daqueles sêres acossados, vindos em furioso bando, fugindo pelos campos ao incêndio e ao calor.

* * *

Os primeiros, vistos ainda de longe, pareciam ter três pernas, porque um dos braços era muito mais desenvolvido do que o outro. Os indivíduos participavam da deformação da natureza de Núbia, tôda ela voltada para Glauco. Êles pararam, amedrontados, a alguma distância dos primeiros robôs. Seria possível fazer funcionar pelo menos êstes? Seriam as máquinas capazes de paralisar os recém-vindos? Bruno nem sequer tentou, pois percebeu que elas estavam torcidas, incandesciam e se tornavam incapazes para mandar os jatos que repeliriam os intrusos de Núbia. Era tristíssimo ver todo aquêle aparato transformar-se em poucos minutos em maquinaria semidestruída. Os indivíduos corriam sempre. Enquanto uns já caíam pelos caminhos enfumaçados, muitos, milhares dêles, em breve, chegaram a alguns metros da grande vidraça protetora. De lá deveria vir a fresquidão que os atraía, porque levantavam seus braços desiguais e arreganhavam as caras repuxadas para o espetáculo que era o daqueles outros sêres, dêles segregados pela cortina de frio da Casa Maior.

* * *

Gritos e desmaios desencadearam-se na sala: gritava-se "não" sem parar, cobriam-se os rostos, uns e outros chora-

vam convulsos, parecia um pesadelo coletivo. Aquêles animais — horrendas caricaturas humanas distorcidas, depois de terem parado, aparentemente indecisos, diante dos robôs, atravessaram a parte fronteiriça do parque, e cada vez mais perto estatelavam os olhos, seria melhor dizer o único ôlho, porque uma das vistas, a correspondente à parte atrofiada do corpo, era quase nula. Êles se aproximavam mais e mais, e em breve três ou quatro, tendo batido com a cabeça no vidro, caíram para trás exangues, como vespas esfalfadas, enquanto os outros paravam, aceitando, arfantes, que havia uma linha divisória impossível de ser transposta. Mas esfregavam a cara no vidro e lambiam a fresquidão em ânsia desesperada.

A voz de Welsch subiu acima dos comentários desatinados:

— "Não façam nada, êles sentiram o frio, mas não nos querem atacar."

E mudando de tom, peremptório:

— "Os que não tiverem parte na defesa, retirem-se para a sala interna."

Nem todos aceitaram a orientação. Célia, por exemplo, fugira novamente para o alto e ficara lá a observar os milhares de sêres pavorosos, que mais e mais se aninhavam junto ao vidro, haurindo com esfôrço um ar ainda respirável, no círculo de frescor desprendido das paredes da Casa Maior. E no entanto, assim mesmo, alguns já morriam ou desmaiavam. Não se sabia bem, porque êles desabavam, espumando saliva esverdeada e arquejando em cima da grama. Seria o esmagamento do cansaço.

Quando alguns caíam e outros urravam pranteando, no berro semelhante àquele do boi, diante do sangue de uma rês morta, Célia começou a observar — enquanto as outras mulheres eram levadas para a sala interior — que uma fêmea tinha entre as patas — a menor e a maior — qualquer coisa que podia parecer um bebê. Bruno estava ao lado da môça. Ela lhe mostrou apenas aquêle canto do painel de aflições bestiais: a fêmea com seu filhote, a empurrá-lo para o vidro, na ânsia de que êle fôsse preservado pela esquiva fresquidão que se desprendia dali. Mas os uivos e lamentos estalavam tão convulsivos e poderosos lá fora, que não havia mais aqui dentro, cabeça que pudesse vir a ser indiferente àquela multidão de sêres agonizando, morrendo, furiosos do desejo de

participar da atmosfera salvadora, posta bem à vista. Entre todos, Bruno, talvez por não haver tomado *fixêmio* nesses dias, sentiu mais forte o grito de dor dos que lamentavam, o urro de pavor dos que morriam. Lá do alto, gritou para os que ficavam no saguão — dirigia-se principalmente a Welsch:

— "Nós temos que fazer alguma coisa. Ainda podemos salvar alguns..."

Welsch mostrou aquela doçura pegajosa, usada sempre entre os colonos:

— "Apreciamos sua piedade, mas nada podemos fazer por êles; não podemos abrir as portas."

Clamores se ouviam muito fortes, de dentro e de fora.

— "Se nós deixarmos que êles entrem será o nosso fim — a doutôra apoiava o Capitão, gritando para ser ouvida: — Vejam, meus companheiros, êles não chegam a ser sêres humanos; não chegam a ser homens; não podemos expor nossa segurança. Procurem o interior da casa. Êles não abalarão nosso prédio. O Capitão está certo."

Mas Bruno não queria aceitar essas opiniões e enquanto lá fora continuavam os urros dos que morriam e dos que choravam seus mortos, gritou naquele clima desatinado:

— "Há uma mulher querendo salvar a sua criancinha. Uma criancinha pode subir aqui sem nos causar nenhum mal."

— "Você não vai fazer isto — disse Welsch, compreendendo. — O calor lá fora está a sessenta graus, você não resiste."

Mas Bruno, aturdido por aquêles gritos que pareciam o lamento de tôda uma subumanidade, que pareciam desencadear nêle as fôrças da misericórdia que o maltratavam, como se naqueles feios bichos visse gente sofredora da sua mesma Terra, tomou uma decisão: havia uma saída. O retângulo escuro de observação de Glauco poderia ser empurrado e ali estavam os instrumentos que desciam fàcilmente até o solo.

Lá embaixo, a doutôra levou a mão aos lábios, perdendo a serenidade mantida até o último momento quando, descendo agarrado aos fios cintilantes de sondagens, Bruno se viu quase junto da fêmea, que agora bambeara, espumando em agonia, sôbre o pequenino bebê. Lá de cima, Célia recolheria, através dos fios metálicos, a pequenina criatura pu-

xada pelas sondas. Bruno parecia bêbado, cambaleava, entontecido pelo calor, enquanto em tôrno, criaturas meio mortas o observavam em seu trabalho, com uma curiosidade animal, tão prepotente, esmagadora, como a de canzarrões. Era difícil livrar-se dêles e colocar o pequenino bebê, amarrá-lo nos fios. Teria a fêmea visto que seu filhote fôra salvo? Bruno já não podia saber, porque estava cada vez mais asfixiado pelo calor e envôlto pela curiosidade insidiosa, num apalpar contínuo, em empurrões, que queriam exprimir talvez, o agrado final.

* * *

Célia recolheu a criaturinha.

— "Não faça isso, não faça isso, você deve devolvê-lo" — dizia Welsch a Bruno, através da vidraça.

Mas Célia logo envolvia o pequeno em si mesma e fugia para o interior da Casa Maior.

Agora, lá fora, Bruno entontecido encostava a cabeça no largo portão da entrada. Mas alguns machos, ainda espertos, sentiram através do desaparecimento do filhote, que êles também poderiam entrar. Arremessaram-se com fúria, urrando, para a porta. Ela iria ceder? Lá de cima, Oscar acompanhava a cena. Êle não havia murmurado uma única palavra, desde aquelas em que afirmara: "E gente que nos vem atacar." Havia desaparecido entre aquêles engenhos brilhantes, aos quais dera nova vida: as velhas armas do depósito, agora luzentes e prontas para funcionar.

A doutôra gritou, quando Oscar encostou uma arma bem acima do paredão do observatório:

— "Não faça isto, não faça isto, Bruno está lá!"

Êle respondeu, possesso:

— "Desta vez você não me pega com seus dengues. Você não quis acreditar que o mecânico morreu dizendo: "Adoro a minha terra, m... para êste lugar"; pois não foi êle, não, *fui eu*! Acho que tudo isso ficou dentro de minha cabeça. Eram sêres horrorosos. Agora já sei. Foi na Guerra da África e os companheiros queriam me segurar numa casa como esta!"

— "Não é verdade — disse Drusa, apavorada — não é verdade: você nunca estêve lá."

Quatro ou cinco colonos se aproximaram para segurá-lo, porque Bruno ainda se levantava lentamente, e arquejava, vindo para junto da porta. Mas Oscar parecia um demônio. Trazia a arma na mão. Os outros se mantiveram à distância. Lá de cima, êle desfechava uma rajada maldita. Embaixo, cessou todo o movimento. A cabeça de Bruno, colada ao vidro, teve o sangue escorrendo sôbre os pêlos de um dos indivíduos, quem sabe se o mais horroroso.

* * *

Quatro horas depois, a onda de calor havia passado. Welsch mandou sepultar Bruno e incinerar, no forno usado na última doença do gado, o rebanho de sêres estendidos em tôrno da Casa Maior. Disse algumas palavras, que fizeram chorar determinadas colonas, sôbre a doce piedade do homem para com os bichos, sentida através dos séculos, e pela qual Bruno morrera.

Não houve punição para Oscar. Um velho documento, guardado nos arquivos de Núbia, provara que seu cérebro vinha de um soldado morto em território africano.

Dentro de poucas horas, chegariam os novos colonos. Era preciso limpar tudo, arrumar acomodações para os que chegavam. Ninguém poderia ficar indiferente à tarefa de fazer Núbia parecer melhor do que estava naquele tristíssimo momento.

Célia, porém, não veio animar a rapaziada: ela se dedicava a alimentar o pequenino que, estranhamente, quando tudo serenou, levado ao quarto da môça, e pôsto o feio corpinho em cima da cama, começou a engrolar uns balbucios que pareciam muitíssimo com aquêle bla-bla-bla das criancinhas terrenas, aquelas que ainda não sabem falar e têm uma linguagem muito doce e universal. Balbuciava tão encantadoramente que a môça passou a brincar de mãe, com seu filhote de Núbia.

O CÉU ANTERIOR

Era uma rotina tomar o trem àquela época do ano, fim de dezembro, e ir observando os possíveis clientes da estação, fazer um pouco enfastiado as adivinhações: "Aquêle ali, louro e nervoso, os olhos apertados de rugas precoces, será um pilôto espacial? É um novato, vê-se logo, do Hotel Sanatório Subterrâneo. Está ligeiramente oprimido já, pela descida no interior da terra; desaperta os botões do palitó. Aquêle outro, gordo e pacificado, deve ser um hóspede antigo, de muitos anos atrás, e vindo de qualquer colônia mais próxima: Marte ou Júpiter; fareja já com delícia a umidade das profundezas do solo, embora não a possa sentir verdadeiramente, no compartimento fechado. E êste, a meu lado, que coisa virá a ser? Sem dúvida, antes de tudo, é um neurótico."

Estava, na verdade, inquieto, o passageiro. Levantava-se, espiava meio atemorizado as escarpas torturadas, que mudavam de côr; cinza, verde-musgo, vermelho, amarelo-negro. E tudo isto minando a lenta água que ia encharcar os sêres ressequidos pelos infinitos espaços. Um rapagão bonito e pálido, de cabelos castanhos arrepiados para a frente, era o tal vizinho:

— "Perdão, o senhor sabe se há alguma parada antes do Hotel?"

— "Por que, se não estou sendo indiscreto?"

— "Sabe como é: lembrei-me de um compromisso. Tenho que voltar. É assunto urgente. Tenho que voltar — *imediatamente.*"

O médico estava já acostumado a reações iguais àquela.

— "É a primeira vez que o senhor faz uma viagem dêste gênero?"

— "Claro. Do contrário, não lhe estaria pedindo informações..."

— "Pois seu mal-estar vai ceder logo. Acalme-se. Não há nenhuma estação até o Hotel Subterrâneo. E só haverá transporte de volta amanhã, pela manhã. Isto é, às sete horas do que seria o dia lá fora, já que vamos ficar sem dias e sem noites. Tranqüilize-se, mesmo porque não há outro remédio..."

— "Deve haver um sinal de alarma... Eu preciso, eu devo voltar..."

— "Se o senhor é um pilôto espacial, deve saber como são drásticas as medidas contra o pânico dos passageiros. Tanto faz ser lá em cima como cá embaixo. Contenha-se, por favor."

— "Sabe como é — era êste o seu sestro. — Não sou pilôto espacial e não estou em pânico."

O médico sentiu o espicaçar da curiosidade. Estava certo de que não errara. Êle experimentou o faro do céu, naquele rosto môço e marcado pela conhecida neurose profissional. Poderia jurar que o companheiro de banco era um dêsses sêres atormentados pelo cintilar das estrêlas, pela luz do céu prêto, varado de meteoritos. Naquela face môça e meio devastada, êle, como velho clínico experimentado dos hospitais subterrâneos, identificara o neurótico do Espaço, que vinha às profundezas da Terra, numa tentativa de recobrar o equilíbrio psíquico, mas tinha o costumeiro ataque de claustrofobia. Justamente isso tudo faria parte da cura — êsse choque inverso...

— "Eu me enganei. Sou um velho que se distrai em fazer adivinhações sôbre os hóspedes do Hotel, na Estação da Umidade. E, com minha, vejo que ainda embotada prática, jurei que o senhor — riu — que o senhor fôsse um costumeiro *perseguido das estrêlas*, enfim, de todos os corpos celestes, da grandeza opressiva... lá das alturas."

— "Perseguido das estrêlas? — O môço virou seu rosto tumultuado pela tensão interior. — Perseguido das estrêlas? Mas por que o senhor diz isto?"

Era estranho o comportamento daquele rapaz. Reagia como um criminoso pilhado em flagrante. Tremia. Estava desamparado, perdido:

— "Sabe como é. Eu tenho que voltar..."

— "Veja que já está chamando a atenção. Controle-se. Deixe-me ajudá-lo. Sou eu que dirijo a parte clínica do

Hotel Subterrâneo. Trinque esta pílula. Tôda angústia vai passar."

— "*Não estou doente*. E me posso controlar, perfeitamente. Mas por que êsses cretinos lá da frente olham tanto? Nunca viram um homem ter de voltar, numa viagem?"

— "Estimo saber que não está sentindo nenhuma perturbação. É que já estamos mais ou menos a cinco mil metros de profundidade. Mais uns dois mil e chegaremos ao Hotel. Veja como êste interior é bonito, é calmo: êsse fio d'água vai engrossando até formar a torrente que cria o belo lago natural do Hotel. É uma delícia de lugar."

Êle falava, falava manso, para distrair o outro. Teria de conjurar, pelo domínio de sua atenção, a grave crise que se anunciava já no rapaz. Estava o môço agora transpirando muito. Vermelho, piscante, mostrava um perfil tenso e assustado. E intoxicado por uma idéia:

— "Por que perseguido? Por quê?"

— "Todos que vêm ao Hotel são mais ou menos *perseguidos das estrêlas*. Afinal, eu falei demais, só por falar. Mas, já que só vai poder regressar amanhã, vamos combinar umas voltas, antes do jantar. Ajudará a passar o tempo. Está combinado?"

O môço não respondeu. Agora fazia desaparecer seu rosto perturbado; encostava a cabeça à janela, e fechava os olhos com fôrça, como uma criança que se nega a ver qualquer coisa, de propósito.

— "Pela primeira vez eu me enganei — remoía o médico. — Até êsse modo de piscar..."

Alguns minutos mais, e a estrada como que adquiriu uma perspectiva mágica. Descortinavam-se miragens de ruas, ruelas, becos, construções fantásticas na rocha tumultuada e colorida. O fio d'água crescera. Era um rio negro, brilhando como em verniz, numa cidade desabitada.

Depois, o gás adesivo pelas rochas se tornou mais luminoso, quase irritando a vista. E o Hotel surgiu em sua agradável arquitetura convexa, pendendo à beira do lago, tendo à volta alguns chalés, cada qual em construção de pedra de côr diferente: rosa, verde, amarela.

— "Chegamos. Olhe como isto aqui é agradável, rapaz!"

— "Deixe-me. Posso ficar só. Cuide de sua vida, que deve ter muito o que fazer."

— "Se mudar de idéia e quiser dar um giro aí por fora mande avisar-me. Meu quarto é neste mesmo corredor, a primeira porta à esquerda."

— "Não vai ser preciso. Obrigado."

Mas o médico sabia que seria chamado. E, meia hora depois, a enfermeira veio buscá-lo:

— "Êle está muito agitado e quer que lhe arranjemos condução de qualquer maneira. Começou oferecendo dinheiro. E agora está fazendo ameaças."

— "Vou já."

O médico atravessou o corredor, chegou ao quarto do hóspede. Êle havia desarrumado a mala e a fizera de nôvo. Sentava-se à cama, piscante, perturbado, desconfiado, batendo com a cabeça, estalando os dedos:

— "Vou denunciá-los! Vou denunciá-los! — repetia estridente. — Tenho minha liberdade de locomoção assegurada pela lei."

— "Pois vamos ver se encontramos um meio... Vamos sair?"

O môço olhou com infinito desdém:

— "Não preciso de acompanhante."

— "Precisa de guia... Vamos, rapaz. Ninguém quer prendê-lo. Venha ver como é a coisa lá fora do Hotel."

Saiu, relutante, do quarto Depois, voltou, apanhou a fluída bagagem, na sua obstinação. Sentia-se encurralado, e daí a pouco, se não melhorasse com o passeio, pensava o médico, acabaria num acesso, perturbando o repouso dos hóspedes.

Deixaram o corredor, saíram para o salão, onde algumas pessoas assistiam a filmes em imagem concreta:

— "Tudo aqui é como lá em cima" — disse o médico.

E já lá "fora", no terraço, que se abria para a visão das águas iluminadas, diante de um casalzinho empenhado num velho jôgo de amor de certa intensidade:

— "Como está vendo... é exatamente igual."

— "Doutor, mostre-me o caminho de volta. Eu acharei um jeito de voltar."

— "É o que vou fazer. Por aqui. Mas — um minuto! — veja como o lago é aquecido. É bom tomar banho nesta água. O bom da terra está aqui."

— "Por favor, não me segure. Por onde se sai?"

— "Paciência, rapaz. Estamos já saindo. É por êste lado."

Levou-o ao limiar daquilo que viria a ser a *saída*: um labirinto intrincado de perspectivas que se abriam e se fechavam, sob o teto de rocha viva.

— "Saiba que três ou quatro sujeitos, que teimaram em não esperar o trem — como você está teimando agora — ficaram aí perdidos por êsses caminhos intrincados. Não se faça de louco, se não quiser ser tratado como louco!"

O môço ainda deu uns passos. Depois, voltou-se para a rocha, deixou cair a tênue mala e soluçou.

* * *

— "Isto, rapaz, chore. O chôro e o espirro são a nossa melhor terapêutica. — Teve uma transição: — Umidade, umidade! Veja como essa boa umidade, fonte da vida, já lhe está impregnando os cabelos, a pele maltratada. Você precisa dela, rapaz. O interior da Terra é como um ventre de mãe. Somos recriados, aqui!"

O môço estêve soluçando mais alguns momentos. Depois, voltou para o médico os olhos nublados no rosto lívido, batido pela claridade do gás adesivo:

— "Como foi que soube que eu era um *perseguido das estrêlas*? Diga a verdade."

— "Instinto profissional. Mas você me disse que não era pilôto..."

— "Trabalho no Observatório Central. Nunca pensei que viesse a ter a *coisa*. Há cinco anos que estou lá. Vi sair do Serviço gente meio pancada e até um inteiramente louco. Mas nunca senti a menor perturbação. Hoje... pronto! — aconteceu comigo. *Eu vi a estrêla que nunca existiu, nem nunca poderia ter existido*! A que não tinha a composição das outras! Eu sei — sou bom nisso, sem falsa modéstia!"

O médico ficou intensamente perturbado:

— "Sente-se comigo aqui, nesta pedra. Talvez eu possa ajudar. Não tenha nenhum constrangimento. A estrêla que *não existe* pode ser uma imagem inconsciente da mãe que você não teve... Você... você por acaso nasceu artificialmente... é filho de laboratório? Não esconda!"

— "Não, doutor." — O môço já sorria, esverdeado pelo gás adesivo.

— "Perdeu a mãe pequenino? Foi criado pelo Estado? Alguma perseguição de mentor? A estrêla secreta pode ser a nostalgia do lar perdido..."

— "Nada disto, doutor. Tive mãe, pai, casa, nada me faltou."

O médico ficava cada vez mais perturbado:

— "Bem... conte como foi que *ela apareceu*. Pode ser... bem pode ser a *outra espécie de estrêla...*"

— "Agora que sei que não posso voltar... Creio que desabafarei, mesmo. Não sei se sabe como é o Observatório... Em têrmos para leigos. Mas ali é o seguinte: três painéis correspondendo às lentes, que proporcionam a total observação dos fenômenos celestes: o primeiro, o Céu Anterior, o do centro o Céu Atual, e o da ala direito o do Futuro. O Céu Anterior representa o meu trabalho. O Doutor já ouviu contar sôbre o que a Ótica, unida à pesquisa do *mézon*, conquistou para nós, como exploração no Tempo. Mas o que o senhor decerto não sabe é que não há computadores que façam para nós certos cálculos e pesquisas, a fim de que possamos localizar estrêlas, planêtas e corpos celestes *no devido lugar em que estiveram num passado remoto*. Deve haver um certo instinto profissional que os de fora estão longe de suspeitar, intinto êsse que, unido aos conhecimentos técnicos, faz com que se apanhem estrêlas exatamente no lugar onde deveriam estar. Assim, como antes de apalpar, o doutor adivinha o órgão que está doente... Eis um trabalho de imaginação, de euforia, de descobrimento antes daquele outro: a tomada às profundezas do Tempo. *É aqui* — desconfiamos, depois de obtidas as indicações dos computadores. Ajusta-se a lente, faz-se o contato, e no campo negro, as estrêlas vão sendo sugadas em seu Infinito. A recomposição às vêzes é fácil — o painel oferece com nitidez todo céu de uma determinada região, há milhares de anos... Estou sendo muito prolixo? Talvez esteja pretendendo valorizar demasiado o meu trabalho... Eu, na verdade, vivia para êle, até que *veio a coisa*, o sinal de que, como acontecera com outros, estava ficando esgotado, nervoso, talvez ficasse até louco... sabe como é." (Voltava o sestro.)

— "Ora, rapaz, você está raciocinando perfeitamente. Continue explicando sôbre o Observatório Astronômico. O que se faz, afinal, no Céu Atual e no Céu do Futuro?"

— "Bem, o Céu Atual, que é a pura e simples observação de todos os fenômenos celestes que estão ocorrendo agora — apresenta, entretanto, muitos pontos duvidosos formados pelas estrêlas longínquas, cuja luz constitui o brilho de um passado. É preciso usar um contato semelhante em alguns casos ao que usamos no Céu Anterior."

— "E as observações..."

— "...As observações — minhas — sôbre o passado do céu, somadas às especulações sôbre o Céu Atual, é que auxiliam o nosso colega da terceira ala do Observatório (é pena que tudo isto seja vedado à curiosidade pública!) na sua especulação sôbre o Céu do Futuro. O terceiro painel é o menos nítido, quase sempre, mas, dia após dia, se tornam mais previsíveis os acontecimentos vindouros nesta e noutras galáxias. Aliás, sem esta terceira parte, o homem já não poderia ter atingido uma dominação tão vasta no Universo."

— "É verdade. Há sempre um narcisismo a rebater em cada profissional. Mas você tem sua boa dose de razão. A navegação espacial, a fundação de novas colônias siderais... tudo isto tem a ver com suas pesquisas."

O môço agora mirava a enorme cúpula natural da pedra. A aflição renascia:

— "Não há, por aqui, algum lugar, alguma espécie de vereda ou de túnel... de onde se possa ver pelo menos uma nesga de céu? Tolice, tolice, bem *sei que não*. Sabe como é. Eu me sinto hoje imaturo. Não responda a meus absurdos."

O médico apanhou-o pelo braço.

— "Já não suporto ficar muito tempo mal acomodado, meu amigo. Fiz uma cura completa num hospital do Espaço. Mas... meus ossos ainda doem... eis a questão!"

Levou o jovem operador do Observatório para o primeiro banco, bafejado pela quentura do lago. Ao longe, um grupo de môças despidas avançava a nado pelo centro da água. As pequenas faces, que escapavam de lado, pareciam pequeninos e brancos brinquedos de massa, sob a luz do gás adesivo.

Sentaram-se os dois, e enquanto uma ondazinha miúda se desvanecia, estalando ôca e grave a seus pés:

— "Ontem... — continuou o môço — ou melhor, *hoje* pois foi à meia-noite que isto aconteceu, o chefe expediu a nota de serviço. Eu teria de explorar o céu de três mil qui-

nhentos e cinqüenta e nove anos atrás, e à mesma hora: à meia-noite do dia 24 para o dia 25 de dezembro. Regredir três mil e quinhentos e cinqüenta e nove anos no firmamento não é façanha tão difícil. Tenho feito sondagens de vinte mil anos; sei que em outros observatórios já se conseguem boas imagens até perto de cinqüenta mil anos. Portanto, fui ao trabalho sem maiores preocupações. Fixei o campo especulativo, calculei mentalmente a posição das constelações e, aos poucos, a minha rotina das noites se estabeleceu. O céu de três mil quinhentos e cinqüenta e nove anos passados ali ia sendo arrancado e cintilava já, na negrura do painel. Coincidia quase com o Céu Atual, de acôrdo com o que eu vira na lente do centro. Poucas coisas a anotar: um ligeiríssimo desvio de uma galáxia indicando mais firmemente o sentido de sua "fuga" nos espaços. E, no mais, sim, havia uma aproximação surpreendente de Vênus. Como o senhor está vendo... quase nada de nôvo nesse Céu Anterior. Já ia desligar o painel, quando, todos aquêles astros e planêtas e satélites e nebulosas, começaram a palpitar como se eu os visse através dos olhos da febre. Palpitaram, latejaram uns segundos, mas tão intensamente, que eu tive de cerrar a vista. Quando abri os olhos, tudo havia formado uma grande, uma única nebulosa que se retorcia, ziguezagueava e, por fim, empalidecia mais e mais, até desaparecer de todo. Então, o campo de minha visão se tornou um túnel opaco em que não havia nada, nada!"

O môço tremia:

— "Sim, era como se eu estivesse num túnel, no imenso túnel do Tempo e caminhasse à procura de uma saída. De repente, como se vislumbrasse uma abertura luminosa, vi apontar uma luzinha tênue, que se foi ampliando progressivamente. Eu viajava no Tempo para aquela única luz na escuridão do céu! E ela crescia, vindo para mim, crescia em majestade, florescendo solitária na escuridão. Primeiro, foi um núcleo semelhante a de um cometa de proporções jamais vistas; depois, dali partiu um jato de luz, de Oriente a Ocidente, rasgando o firmamento. Febrilmente, mudei lentes, experimentei reações, diante do fenômeno. Nada. Nada havia *do que eu houvera estudado como matéria de corpos celestes.* A estrêla... a estrêla, a ofuscante estrêla que apagara tôdas as outras... estava ali, diante de meus olhos. Eu via aquilo

que jamais *aconteceu no céu*! Eu estava contaminado pela neurose da estrêla..."

O médico também tremia, também ficava cada vez mais angustiado. O môço prosseguiu:

— "Sim. Eu tinha *a coisa*. E o pior é que aquela *estrêla* impossível, jamais acontecida, aquêle corpo celeste cuja natureza vinha por certo de minha morbidez, *como que dizia algo para mim!*"

— "Estrêlas não dizem nada... é o que reza o ditado."

O médico continuava acabrunhado e ansioso, mas queria sorrir.

— "Na realidade, mundos não dizem coisa alguma. Êles são, êles *existem*, pesadamente uns, outros de forma quase incorpórea, e se movimentam pelo Céu, como passam por nós alguns rebanhos tristes e silenciosos. Pesadamente, giram os astros — *mas não falam*, isto não. Nem mesmo os cometas, cujas viagens hoje demarcamos, perfeitamente, *dizem* qualquer coisa. *Existem*, também, com sua vida errante, seu aparente desgarramento. Essa estrêla única parecia — muito de longe, sim, com um cometa, mas *falava*. Sua mensagem era atordoante. Era de fogo e me abrasava. Eu me perdia naquele convite que a estrêla me fazia. Latejava nela. E, no entanto... que pretendia a estrêla dizer? Experimentei, de súbito, a mais extraordinária paixão. Era paixão de amor, sim. Mas era diferente. Ela me invocava, parecia varar os confins do meu ser, com sua luz branca azulada. Senti vertigens. Perdido, incapaz de compreender, simplesmente alcancei o comutador do painel. Apertei. E ela se desfêz. O êxtase, porém, como que me aniquilara. Os companheiros encontraram-me desacordado. — "Estou doente" — disse-lhes quando me reanimaram. E o resto... o resto o senhor sabe como é... exceto que a minha ânsia por voltar vem de uma sorte de desesperada nostalgia da estrêla... E a intuição de que o fenômeno se vai repetir... *embora não queira acreditar nêle.*"

— "Vou medicá-lo — disse o doutor. — Vamos a seu quarto."

— "Estou muito doente?"

— "Não, não muito. Apenas doente como alguns, nesta época do ano."

Foram caminhando suavemente pela margem. As jovens voltavam, brancas e imateriais, pelo outro lado. Vinham em procissão quase silenciosa.

— "Quer dizer que *isto* não aconteceu só comigo: ver esta estrêla? Cismar com ela?"

— "Não. Outros a têm visto, mesmo sem trabalhar em observatórios astronômicos."

Penetraram novamente no terraço, onde o casalzinho ainda não perdera o interêsse em suas carícias. Atravessaram a sala, os hóspedes bocejavam diante de outro filme em imagem concreta. Chegaram ao corredor, alcançaram o quarto.

— "A enfermeira virá aqui aplicar-lhe um toque que produzirá doze horas de sono. São seis horas. Às seis da "manhã" estará acordado e já livre da obsessão."

— "Doutor, sabe como é... — o médico então já marcava na parede o aviso-luz com a indicação para a enfermeira, que o recebeu em outro quarto de doente — eu tenho mêdo de ficar louco... Ou pelo menos de recair... Afinal, afinal o que é que eu tenho? Esta angústia da mensagem da estrêla, de onde vem? O que a cria? Por que, embora *ela não exista*, não posso deixar de esperá-la?"

O médico ficou de costas para o doente, que já se estendia na cama:

— "Hoje não enganamos mais ninguém. A origem desta visão é desconhecida. É alguma coisa, talvez, que ficou no inconsciente coletivo, alguma coisa que viveu através das gerações."

— "Quer dizer que eu não vou ficar bom... nunca?"

— "Posso assegurar-lhe que pelo menos durante doze meses não haverá estrêla alguma que o *chame*."

Riu, nervoso.

— "É uma curiosa manifestação que tem seu tempo certo: do dia 24 a 25 de dezembro."

* * *

Instantes depois, a enfermeira chegou. Vinha já com o pequeno aparelho que produzia o transfixante toque cerebral. Encostou o bastão à cabeça do môço. E, num instante, dentro dêle, a estrêla acendeu e se desfêz na escuridão de um sono de trevas.

— "Acompanhe-me a meu quarto — disse o médico à enfermeira. — Quero um toque sedativo."

Ela se admirou:

— "O senhor... também?"

— "Sim — disse êle. — Preciso de um sono integral, antes de começar o trabalho do ano."

Chegaram ao quarto. O médico deitou-se. Havia anos que alguns hóspedes lhe contavam, apenas com ligeiras variantes, a história da *estrêla que queria dizer alguma coisa.* E havia anos que êles se impacientavam por sua volta.

— "Deve ser uma bela mensagem — pensou. — É pena que não se possa perceber bem... ela deve estar ligada a uma antiga aspiração humana. Que mistério!"

A enfermeira curvou-se para êle com o bastãozinho luminoso. Tocou-lhe ràpidamente a fronte.

Houve a inundação de luz em seu cérebro. "Ah, estrêla, estrêla, que queres de mim? Que queres?"

Depois, uma noite de fêltro negro desabou da parede e envolveu bruscamente o médico.

* * *

E nesse momento, no sono ou na vigília de muitos cérebros, estrêlas semelhantes surgiram e se apagaram nas solidões humanas, em vários e distantes pontos, em todo o então materialista planêta Terra, nesse fim de dezembro de 3559. Só meio século mais tarde, e de acôrdo com pesquisas mais minuciosas de fixação do Espaço Anterior, vieram os homens a saber o que a Estrêla *queria dizer,* pois puderam, enfim, localizar o instante terreno que ela iluminou.

A UNIVERSIDADE MARCIANA

Agora, que se sucederam os anos àquela furiosa tempestade de emoções, posso contar tranqüilamente sôbre os dias vividos na Universidade Marciana.

Foi pouco tempo depois da ascensão do Papa Pio XIII que, pelo seu significado dentre os continuadores de São Pedro, agitou de tal forma a Cristandade. Embora muito se tenha silenciado sôbre isso, uma grande maioria ficou desgostosa e perplexa com a eleição do Papa Chinês. — "Êle nos trará inovações muito difíceis de serem suportadas" — comentavam às escondidas. Foi ùnicamente pelo interêsse apaixonado do grande Papa, que se tornou possível a concretização de uma Universidade Marciana. Aquêle homem extraordinário, que permitiu a propagação do Cristianismo, numa intensa e quase instantânea ação no Oriente, considerou o culto aos mortos, barreira intransponível, até então, para a disseminação do catolicismo na Ásia, como objeto de uma tradição respeitável que sua Igreja não condenaria; aquêle homem fêz aceitar muitas coisas do shintoísmo, como permitidos princípios filosóficos e não religiosos, que não impediriam a fé em Cristo e abriu para nós as portas da Universidade Marciana, considerada como impraticável pela diplomacia do mundo inteiro.

Mas, devo dar ordem ao assunto. Decorridos vinte anos, eu me ponho a considerar os primeiros contatos com minha condição de aluno dessa notabilíssima e tão controvertida — na opinião universal — escola marciana. Naquela época, eu era das poucas pessoas que habitavam Copacabana. As deploráveis conseqüências da trágica enchente que fizera unir o mar à Lagoa Rodrigo de Freitas, e que, pràticamente, arrasara com Ipanema e Leblon, ainda não haviam sido superadas. Os edifícios, em sua grande maioria, estavam arruinados. Não havia luz. Os encanamentos não funcionavam. Freqüentemente, os prédios minados se esboroavam. Além

disso, maltas de ladrões e de vagabundos bem se haviam instalado nos edifícios mais resistentes, e impediam a volta das antigas famílias. Era então uma época muito deprimente para os cariocas. Criara-se a casta aristocrática dos brasilienses, que mostrava o Rio aos alunos de seus ginásios como o exemplo típico da incapacidade diante do Progresso do Planêta.

Confesso que me dava bem em meu apartamento, apesar de tudo. Parecia-me o tôpo de um navio encalhado e abandonado; a paisagem, então, era lúgubre, principalmente à noite, com os edifícios semidestruídos, defronte à nossa rua. Ouviam-se gritos ferozes e disputas tremendas entre os malfeitores. Mas, nesse cenário de ruína, eu havia conseguido uma espécie de aconchêgo egoísta em meu décimo andar. Por uma absurda felicidade, tudo a meu redor estava intato, e antes de que regressassem as multidões, que só reviveram ali muitos anos depois, nos novos edifícios convexos, eu me beneficiara daquela espécie de reclusão para meus exercícios filosóficos. Havia fundado com meus companheiros, antes do cataclismo, um círculo de estudos filosóficos, que tinha um sentido de humanização e de reação contra a orgulhosa Fé Progressista dos brasilienses. Como que exprimia, procurando o seu sentido histórico, o *Carioquismo*, a nossa doutrina, a essência vital do ser humano, com suas razões, seu desrespeito sagrado às coações, e uma certa indisciplina inocente. O *Carioquismo* era o canto filosófico de uma cidade, em seu momento de desgraça. Compunha-se de um longo passado, em que eruditos e filósofos eram invocados nas origens do Samba e da Piada Nacional, esquecidas com o advento da supremacia dos brasilienses, sorte de cristãos novos do patriotismo. À noite, armado, vagueava pela rebentada Praia de Copacabana, e quem a conhecera tão bela, agora mero saudosista, bem se imbuía de fé. Alguma lição havia ficado entre aquêles escombros. Nós deveríamos aproveitá-la.

Foi numa dessas caminhadas de inspiração e de sonho que o primeiro contato se deu. Já, então, os debates da mocidade, em tôdas as Universidades, eram em tôrno das mensagens marcianas.

Depois do envio fracassado da Expedição ONU ao planêta Marte, houve um grande hiato nas explorações interplanetárias. Mas, os foguetes não tripulados, de rotineira inspeção, com seus potentes aparelhos, foram pouco a pouco

desvendando o mistério. Marte era um planêta pràticamente morto. O urânio e o ouro, pelo menos em grande quantidade, como se havia apregoado, não entravam na composição marciana. Marte ficou sendo considerado como a *Grande Desilusão* do século. De tudo isso vocês se lembram, e seria inútil êsse retrospecto, se não houvesse nêle uma ligação com as mensagens, ditas "marcianas", para que tivessem um nome. De onde viriam? Aqui mesmo da Terra, ou até de outra galáxia? Aventou-se também a idéia de que poderiam vir de altitudes inatingíveis do Himalaia. O "Abominável Homem das Neves" não seria só aquêle ente primitivo, amplamente estudado pelos russos, mas um ser superior, com uma civilização à parte. As mensagens como que se estampavam impregnando reflexos na água, sinalizando no brilho dos espelhos, no luzir da areia, sob o reverbero. Estas eram as materializadas, discutidas como sendo um mero delírio coletivo. Estava mais do que provado que sêres humanóides não viveriam em Marte. Todavia, até crianças inocentes, incapazes de mentir, *viam* êsses misteriosos sinais. E houve também a outra sorte de loucura coletiva: as mensagens telepáticas, em vigília, as imagens no sonho. Estaríamos sendo enlouquecidos pela poeira atômica? Cerrou-se a vigilância, funcionaram os Grandes Centros Purificadores do Ar nos Estados Unidos. Soube-se que na Rússia, novamente, vigorava a teoria de que tal enxame de mensagens era disseminado de qualquer ponto oculto do Tibete. Um exército de pesquisadores partiu para decifrar o mistério. Havia uma sorte de Homem das Neves, intensamente mística, que fazia práticas utilizando-se dos raios de luz que se filtravam nas cavernas. Não se encontrava, porém, o mais longínquo princípio científico e sim, apenas rasteira superstição nesses "recados" dos enormes iétis.

Estavam as coisas nesse pé, quando, numa noite em que diante do esqueleto de Copacabana eu me aprofundava no *Carioquismo*, planejando tôda uma série de volumes de sabedoria nìtidamente carioca, pensei que a excitação mental me levara à febre e à perturbação da vista. À minha frente, na areia, surgiram pequenos desenhos que poderiam, também, parecer *hieróglifos*: luazinhas, triângulos, fôlhas, enfim, um rodopiar de pequeninas figuras luminosas. Sentei-me, tremendo, na praia. Cuidei depois: e se houvesse recebido uma das tais *mensagens marcianas*? Houve um período de som-

bra negra, em que ouvi o mar. O cheiro de môfo e de podridão veio das casas através do vento. A sombra era tão espêssa, como se fôra uma parede erguida de súbito. Então, nesse negrume, um único sinal brilhou: um sol, como o desenham as crianças e, sôbre o círculo, dois traços sombrios. Foi um instante. Compreendi: *O Sol* — duas vêzes. *Dois dias!* Aquilo quereria dizer: — *daqui a dois dias.* Convenci-me de que interpretara corretamente o sinal. Duas noites depois, àquela mesma hora em que vira os sinais misteriosos, desci, perturbadíssimo, de meu refúgio e me vi, novamente, na triste solidão da Copacabana abandonada. Esperei, o coração em fúria. Nada nas sombras, nada na pouca luz noturna. Como me estirasse na areia, senti sono e moleza. O tempo, então, me pareceu estático. Eu havia atingido êsse limite, essa plenitude, em que, na mesma ocasião se goza o sono, mas ainda, por um último alerta da consciência, se pode saber onde se está, em que lugar se está. Há quase uma cisão entre o corpo e o espírito, nesses instantes. Pois bem: foi então que eu cuidei ver, quando abri a meio os olhos, sem susto, um monte de areia plantado a uns dez metros de distância. Dir-se-ia uma inacabada estátua de areia. Francamente, não me importei muito com aquilo, até o momento em que dominei a sonolência, criada pela monótona espera. Não havia dúvida; aquêle estranho monumento como que se movia. Um monte de lixo? O vento nêle desmoronara qualquer coisa? Levanteime, fiz alguns movimentos em sua direção, e fiquei paralisado, contido em meus passos. Não poderia ir adiante, numa contradição física com minha curiosidade? Principiei a esfriar, como numa vertigem. Eu já havia tido perigosas quedas de pressão arterial. Caí ao chão, inundado de suor gelado. Foi aí que a montanheta obscura se foi erguendo e cresceu no campo de minha visão, qual se desdobrasse de si mesma. Era um fantasma? Movia-se, já agora francamente. Não tinha dúvida: aquilo era um sinal — longo traço branquicento de um de seus braços ordenando que mantivéssemos distância. O indivíduo devia ter mais de três metros. Calculei assim, de acôrdo com meu tamanho de homem de altura média: um metro e setenta. Era um ser humano, um ser humano longuíssimo, difícil de ser observado em seus detalhes, de onde eu estava. Apenas lhe via a configuração, a silhueta, enfim. A cabeça era ovalada; seu todo era espichado; os braços caíam quase inertes e muito longos; os movimentos que fazia, excetuado o gesto de aviso, eram de

cabeça. Agora, já não posso dizer se êle me disse: — "Acostume-se" — ou se eu entendi assim, se deduzi de sua atitude que deveria tomar costume e confiança com sua presença. Minutos depois, já era profundamente tranqüilizante a sua bizarra, mas majestosa figura. Contam que na Índia, ainda hoje, em lugarejos perdidos, os santos homens são como as árvores amigas que se procuram pela sombra benfazeja. Vão os que desejam abafar suas angústias e seus tormentos procurar essa atmosfera capitosa de serenidade, passando dias inteiros sentados a alguma distância dêsses homens santos, e voltam depois pacificados, sem dizer palavra. Foi só o que eu experimentei nessa primeira noite: confiança e pacificação. Também, não me recordo se houve uma ordem ou um pedido para que me retirasse. Vi-me deixando a praia, as pernas muito pesadas, tendo a esquisita sensação de que aquilo se haveria de repetir. Sem dúvida, eu recebera uma daquelas mensagens, que a maioria das pessoas sensatas cuidavam ser loucura contagiante ou simples ilusão. Quando tive de enfrentar dez lances de escada, já não existia aquela espécie de encantamento. Minha natureza veio à tona, numa reflexão: — "Mas você é estúpido, mesmo; não viu como foi que êle veio, ou saiu da praia."

Não tenho o menor escrúpulo de contar tudo, porque já agora estou velho e desiludido de minha pregação *carioquista*. Consideram-me um sujeito aborrecido que quer ressuscitar um mundo superado. Tenho a certeza que me vão dizer que tudo isto que estou escrevendo é mera senilidade, pois a maioria dos espíritos se recusa a crer na Universidade Marciana, e o Papa Pio XIII, que sorveu tão magistralmente o senso político dos jesuístas, relegou ao silêncio essa questão.

Nessa noite, em que eu havia estabelecido, como já disse, o primeiro contato com um marciano, ou fôsse lá quem fôsse, uma coisa eu absorvera: aquêle estranhíssimo ser *queria que eu me acostumasse com êle;* queria criar em mim, sem dúvida, uma aceitação de sua presença, e isto fôra obtido. A essa primeira noite sucederam-se alguns dias. Eu me guardava de contar minha experiência a quem quer que fôsse. Embora decadente, naquela ocasião, a cidade amputada em parte de sua Zona Sul, era no mais um foco de vida normal, de gente que se interessaria de forma apaixonada pelo que

eu poderia contar dêsse encontro. Mas os primeiros contatos de criaturas extraterrenas se deram com pessoas habituadas à solidão, com sêres imaginativos, que sentiam mais a sedução do Mistério do que o médo pelas coisas que se não explicam. Milhões de indivíduos observaram fotografias do deserto marciano, e fizeram a melancólica constatação: a Terra seria o único fruto "bichado" pelos humanos. Aqui, existiam as únicas condições de vida possíveis à natureza animal. Fora dessa prova científica, tudo mais era crendice, atraso.

O segundo encontro foi uns dez dias depois: fiquei mais perto. Estava *acostumando*, mas ainda não havíamos conversado. E nessa segunda vez, parece que não se cogitou senão disso, a que eu me habituasse com a companhia. Vi-o chegar e vi-o partir, caminhando pela orla marítima, talvez até pisando a água. Êle fluía, mais do que andava. Não se percebiam seus passos. Vinha como uma sombra corrediça avança pelo campo da visão. Aquêle ente parecia fazer da sombra e da luz um seu domínio: êle se dissolvia nela e depois aparecia aflorando, emergindo na pouca luz existente. Devia estar escondido nalgum canto de escombros. Dada a sua altura, não seria fácil encontrar um lugar próprio, mas, evidentemente, êle resolvera o problema — porque vinha por ali mesmo.

Já na terceira vez em que nos encontramos — acocorado como estava, seu corpo dobrado a meio, lembrando sempre a esquisita forma de uma construção de areia — procurou murmurar algumas palavras. A mão espichada e enorme traçou um caminho — escura e trevosa — sôbre o peito. "Iguí" — disse. Era o seu nome. Tornava-se evidente que eu poderia absorver a sua, mas não sabia fazer nêle ecoar a minha idéia. Transformara-me em mero agente seu e êle preparava o terreno para que aceitasse, também, o seu diálogo. E houve, enfim, essa conversa, com muita dificuldade de sua parte.

Estavam procurando contato com algumas pessoas que tivessem naturalidade suficiente para suportar a convivência, explicava entre gemidos e hesitações. Respondi-lhe que existiam muitas. Ao que êle informou não ser verdade. *O pavor dominara de tal maneira os espíritos que, embora tendo procurado estabelecer relações com muitos sêres humanos, só em raríssimos casos tiveram êxito.*

Creio, depois de tantos anos, ter dificuldade em descrever êsses encontros com Iguí, nas noites despojadas de luz, plenas de quietude da praia deserta. Percebia que estava lá, era tudo. Êle me afirmou que as pessoas o tomavam como um *morto*, que a maioria dos esforços de sua mente adaptada à mente terrena eram inúteis, porque julgavam ser manifestações de espíritos. *Até no meu caso, tivera a impressão de que eu iria cair no pânico costumeiro; o que eu tivera fôra um começo dêsse choque. Era possível até morrer dêle. Mas a minha personalidade sendo, como dizia, muito contemplativa, facilitara a convivência. Êle voltaria algumas vêzes, só para assegurar-se de que poderia contar comigo.* Então, tornei-me suspeitoso:

— "Que serviço espera de mim?"

Iguí teve uma espécie de suspiro estridente:

— "Não serviços — corrigiu: — *Ensinar. Ensinar muitas coisas. Buscar.*"

Rolaram meses sôbre essas entrevistas secretíssimas. Os jornais, a título de curiosidade, davam informações sôbre as "mensagens". Um estado agressor semeava incrível onda supersticiosa. Quando queriam dizer que alguém estava ficando maníaco, caçoavam:

— "Aquêle já está com marcianos no sótão."

Quase um ano depois, quando lentamente a vida retornou em alguns quarteirões de Copacabana, e foram construídos os primeiros edifícios da nova arquitetura, foi que começaram a surgir os "profetas" da Universidade Marciana. Sempre eram pessoas tão imaginosas e dissociadas de seus semelhantes, que robusteciam a crença de que tudo que diziam era ou mania ou mentira. As fontes de informação, os televisores nas praças públicas, traziam, como curiosidade, êsses dementes, sempre dizendo que um grupo de *escolhidos* "participaria pròximamente da mais espetacular experiência em nosso Planêta". Que alguns marcianos já viviam entre nós, e que êles iriam formar um *Centro de Estudos*. O comentário era sempre o mesmo. Havia vinte anos tal absurdo poderia ser difundido. Estávamos, então, no limiar da Era Interplanetária, mas a Ciência ensinara, durante êsse tempo todo, que só a Terra era habitada.

O ridículo, a convocação de homens ilustres que *desmoralizavam* sistemàticamente histórias sôbre o fantástico esta-

belecimento que iria ser criado em alguma parte do mundo, não conseguiram estancar, porém, a torrente de pequenas notícias sôbre o assunto. Depois de um certo tempo, êsses maníacos adotaram uma única explicação, não de todo despida de verdade, como se verá, mais adiante.

— "Existe *sabotagem mundial*. Até hoje, o Homem acreditou em sua superioridade. Tôda a idéia de Progresso é firmada neste ponto: o desenvolvimento de uma criatura que não conhece limites para seu próprio êxito. Mas, diante dêsses outros sêres, os homens compreenderiam, enfim, que são *inferiores*. Um acabrunhante sentido de incapacidade parece estar sendo, assim, evitado por essa organizada *fôrça mundial contra a verdade a respeito dos marcianos*."

E choviam outras desnorteantes notícias, que faziam sorrir as multidões, e pensar os solitários como eu:

— "Há rumôres de que mensageiros tentam aproximar-se de vários líderes do Oriente, para a instalação do Centro de Estudos."

Sim, quanto a isto não há dúvida; eu posso afirmar, depois de minhas especulações. Os líderes mundiais repeliram, de uma forma e de outra, as aproximações com os ditos marcianos. Vim a saber de inúmeros contatos infrutíferos com os homens mais preeminentes do planêta. O Secretário de Estado americano, Wallace Mora Smith foi, por exemplo, totalmente impermeável a sugestões. Chegou mesmo a recolher-se a uma clínica privada, e os jornais deram alarmantes notícias sôbre suas coronárias.

Houve, posso igualmente afirmar, uma certa atenção da parte do líder Lagore, da Índia, mas tendo consultado, secretamente, alguns de seus partidários, êles desaconselharam a experiência:

— "A Índia está vencendo os preconceitos de casta, na sua última luta pelo Progresso. E êsse Centro de Estudos pretende mostrar um tipo de *casta superior*? Seria uma incoerência, dentro de nossa política."

A Suíça recebeu também, está provado, mensagens como as de Iguí, mas seu presidente, Gérard Honfleur, homem cuidadoso, viu pela própria experiência, que a prova seria demasiado contundente e traria desordens infinitas.

Enquanto ocorriam essas tentativas, pastas diplomáticas levavam misteriosas mensagens de um a outro lado. Os

soviéticos, com suas experiências científicas de vanguarda, estavam inclinados a permitir o círculo de aprendizagem. Mas, o professor de Antropologia, Ivan Romitz, da Universidade de Moscou, assombrou, então, o Mundo com a divulgação de sua descoberta: o "Abominável Homem das Neves" não era senão um ser transplantado de outro planêta, e que buscava as solidões das grandes altitudes. Rematava assim a sua observação:

— "Fala-se, hoje, com ou sem razão, num Grupo de Estudos orientado por entes extraterrenos. A quem acredita se torne possível essa assembléia, eu aviso: a degradação dêsses sêres, em ambiente adverso, é espantosa. É preciso imaginar que o nosso oxigênio atua sôbre êles, quando não os mata logo, como tóxico perigoso. Objetos de uma liga de metais desconhecidos, encontrados no Himalaia, pela última expedição científica que foi estudar os iétis, asseguram, amplamente, a certeza de que êles descendem de sêres provindos de outro planêta e que só podem, com suas condições físicas, habitar zonas onde o oxigênio é rarefeito. Felizmente para nós, êsses monstros não descem de seu *teto* pois, como já é sabido, são sêres monstruosamente daninhos."

Essa descoberta científica pôs em guarda o primeiro-ministro soviético, quando teve contatos com agentes como Iguí. Tornou-se impermeável às outras mensagens. Qualquer tentativa nesse sentido poderia ter conseqüências desastrosas. E também, como Lagore, o líder indiano, achou pouco sensato admitir a existência de uma raça humana superior. Seria uma outra sorte de *nazismo*. Daí por diante, passou a fazer esforços mentais para banir o assunto de suas preocupações. Não, absolutamente, não valia a pena experimentar.

Já o Papa Chinês, com sua curiosa personalidade, aceitou calmamente, e logo, a primeira mensagem. Nessa época, sua principal preocupação era a de que a Religião deveria aceitar o desafio da Ciência. Sempre o acusaram por suas inovações, mas o Papa prosseguia imperturbável em seu caminho. Êle teria tido, em seu refúgio de verão, uma prévia conversa com seu confessor, Monsenhor Brunini. Admitindo-se a verdade científica da existência de sêres mais inteligentes que nós, vindos de outros planêtas, quais seriam as nossas reações diante dêles? — perguntou Monsenhor Brunini —, um homem puro como criança, com a inteligência de um menino na

idade da razão, agradava profundamente o Sumo Pontífice, pois êle se cercava, em sua intimidade, de criaturas quase simplórias — afirmou:

— "Se êles estiverem em estado de pureza, como nossos pais antes do pecado, nós os aceitaremos assim, sem nenhuma medida preparatória. Se não estiverem, se já caíram no pecado como nós, então não é muito difícil. Batizamos... e pronto."

O Papa Chinês sorriu, no meio de suas rosas de Castel Gandolfo. Monsenhor Brunini tornava sua vida mais fácil do que o antigo confessor, o primeiro que tivera em Roma, um homem sábio, de vastos recursos intelectuais, mas também de angústias e de terríveis especulações filosóficas.

— "Lembre-se, Monsenhor Brunini, de que o Vaticano é o único Estado totalmente murado que existe. Aqui poderemos criar a maior experiência do século."

Brunini coçou a cabeça:

— "Sua Santidade vai encontrar dificuldades no mundo inteiro."

O Papa Chinês riu, novamente:

—"Haverá uma grande vantagem. Todos quererão negar a existência do Círculo de Estudos, e nós trabalharemos sob um sigilo que não será preciso pedir a ninguém. Outros chefes de Estado já foram sondados, tenho a certeza. Então, querido Monsenhor Brunini, o problema é simples: *para o estado de pureza... nada. Para pecadores como nós... o batismo.*"

Pio XIII teve mais um dos seus sorrisos cortantes, extremamente inteligentes, e decerto pensou:

"Nada como a simploriedade. Se a Igreja tivesse mêdo da verdade... ela teria findo o seu caminho no tempo em que a verdade bem se tornava o próprio destino dos homens. Todavia — e o Papa se lembrou do Padre Montclair, seu professor, um jesuíta de raça — a Igreja tem fome dos erros dos chefes de Estado, porque quando êles erram contra ela... sua missão apostólica se torna revigorada.

"Agora, com a pacificação mundial, com a superação das dissenções religiosas, um marasmo se poderia abater sôbre os cristãos. Convinha que mais uma vez a Igreja se aproveitasse dos erros alheios."

* * *

Eu sabia por Iguí que iria ser chamado, mas a última vez que estivera com êle já ocorrera havia perto de um ano! Começava a duvidar, e procurava afastar de minhas indagações a idéia de que poderia participar de um encontro intelectual com sêres de outro planêta.

No fim do ano, quando me dispunha a sair com alguns colegas de uma fracassada conferência de quatro expositores sôbre a Filosofia Carioquista, no edifício convexo e recém-inaugurado, em Botafogo, na Casa da Filosofia — o secretário daquela instituição me veio saudar, todo enfático, à porta:

— "Meu caro colega, você tirou a Bôlsa Leão XIII, de Filosofia. Parabéns, felizardo!"

Os três amigos que haviam participado da exposição, perante o escasso e inerte auditório, me abraçaram com uma espécie de maravilhamento. O *Carioquismo* não era uma futilidade. Fôra reconhecido como grave linha filosófica pelos doutôres de Roma.

Naquele momento, nem de leve desconfiei de que pudesse haver uma relação entre a Bôlsa Leão XIII e aquelas aparições de Iguí.

Só vinte dias depois, a bordo do avião, foi que tive a desconfiança, quando conheci o homem que se sentava na poltrona ao lado: um argentino, que vinha das profundezas dos campos do sul do seu país, um agricultor e pastor de ovelhas da Patagônia. Não tinha tido com a civilização senão aquêle primeiro contato, que o desorientava. Era quase analfabeto mas, durante a viagem, se exercitou a meu lado fazendo garranchos. Nas quatro horas de vôo do Rio a Roma, êle bem se obstinou a traçar e retraçar o seu nome, como que receioso de que não pudesse assinar algum papel indispensável à entrada na Itália. As letras, muito compridas, reescreviam *Jose Jimenez*, sendo que às vêzes, o *s* saía ao contrário. E no meio dêsses pacientes exercícios, como mera divagação, êle traçou, grosseiramente, tal e qual um menino, aquêle mesmo sol com dois traços, e ainda outros sinais miúdos que eu vira estampados na areia.

Lembro-me, como se a tivesse agora, inclinada para mim, da cara de José Jimenez, envôlto em seu amplo manto de pastor, encorujado na cadeira a me espiar, e depois a rir comigo, à semelhança de parentes a se descobrirem na mul-

tidão. Tinha os olhos oblíquos, era moreno e os dentes plantados fortes, como os de um bom cavalo. Sim, Jimenez seria meu companheiro de aventura. Era difícil imaginar que tão bronca pessoa pudesse vir a ser escolhida com um laureado em Filosofia. Enfim, a seleção era misteriosa, mas talvez tivesse o seu sentido. Antes de chegar a Roma, pelas coisas que José Jimenez me contou, num tôsco e estranho espanhol, descobri a razão: *José não conhecia o mêdo*. Sua mãe dizia aos conhecidos, quando êle era pequenino:

— "Êste menino é tão estúpido que não estranha nada. É mais estúpido do que um cavalo que, pelo menos, conhece o dono e recusa os desconhecidos."

José relinchou alegremente e eu ri um tanto perplexo, quando as luzes e o ondulado das sete colinas centrais de Roma apareceram sob nossos olhares.

* * *

Tivemos apenas dois dias para visitar Roma. Estávamos num hotelzinho com vista sôbre o Tibre. Para ali fomos conduzidos por um jovem sacerdote, que nos esperava à saída do avião. Avisou-nos de que teríamos quarenta e oito horas para nossos passeios e que, em seguida, seríamos recebidos pelo Papa.

Comentava-se, então, em todos os cantos da Cidade Eterna, aquêle extraordinário acontecimento: a interdição do Vaticano, determinada pelo Santo Padre. Tratava-se de uma monumental obra de reconstituição, encetada por Pio XIII. Os romanos queriam um grande bem ao Papa Chinês, mas brincavam afetuosamente sôbre êle:

— "Dizem que o Papa é tão ativo, que nem tem tempo de rezar."

José Jimenez e eu atravessamos a grande praça deserta, em direção à catedral mais famosa do mundo. Apenas alguns poucos empregados e guardas, com a vistosa farda suíça, se viam na imensa nave de São Pedro, aberta sob o deslumbramento dos raios que riscavam de alturas douradas. Jimenez dava pequenos assobios de admiração, de altar em altar. Depois, tomando um ascensor, subimos acima da calota externa, de cobre, enorme, que domina a cúpula. Roma nos foi revelada, então, por inteiro. O Tibre corria entre uma vereda

de renques de árvores miúdas. Apontavam, aqui e ali, os inúmeros perfis das igrejas e eu logo consegui reconhecer a de São Paulo, a de Santa Maria Maior; lá longe, vimos uma colunata branca — a do Capitólio. O *Pincio* ondulava suas espêssas copas verdes. O Coliseu não era um espectro, assim de longe. Cá perto, os jardins do Vaticano, dêsse país de quarenta e quatro hectares. Um pouco mais embaixo estavam as enormes figuras dos apóstolos sôbre a fachada. Lembrei-me de Iguí. Êle passaria despercebido entre elas.

Jimenez quis visitar o jardim, e se descobriu, enfim, reverente, com um sentido religioso só então alcançado na simplicidade do quadro, diante da Senhora de Lourdes, numa gruta, ao canto do parque. Um jardineiro podava roseiras, à entrada. Inquirido respondeu, o rosto encolhido sob o sol da manhã:

— "É aqui que o Papa vem rezar."

O Papa deixava tôdas as grandezas do Vaticano, tôdas as maravilhosas criações de Miguel Ângelo — a suma da beleza criada pela mão do homem — para vir rezar ali, naquela gruta despojada a um canto do parque. Havia mais liberdade para sua alma.

Teríamos um dia, ainda, para visitar Roma, e depois nós o conheceríamos.

Jimenez bocejou no Coliseu, desprezando-o definitivamente em alguns instantes, deu de ombros às Catacumbas de São Sebastião, já perdido e inquieto. As luzes difusas da noite romana o excitaram, porém. Lembro-me de que saímos, de madrugada, de um restaurante ornado com pinturas eróticas. Procuramos orientação, buscando a Catedral de São Pedro. Vimos uma bela estrêla cadente riscar o céu, exatamente naquele ponto. Ao meu lado, uma mulher com rosto de alvaiade disse qualquer coisa, que eu entendi, embora não falasse o italiano. Ela não havia conseguido formular o desejo, era uma pena.

Jimenez dava pequenos esturros e silvava, sem encontrar expressões. Queria dizer qualquer coisa sumamente importante e não podia. Por fim, virou seu rosto de olhos puxados, mostrando os dentes agressivos:

— "Aquela estrêla não me engana, não."

Puxou por uma vista, como fazem os que se julgam mais espertos:

— "Na minha terra vejo, na distância, chuvas de estrêlas cadentes, no fim do verão. Aquilo é uma coisa — mas estrêla... — fêz um gesto de desprêzo — é estrêla."

* * *

Às sete horas, o padrezinho veio buscar-me no hotel. Já havíamos refeito nossas malas. Íamos conhecer, enfim, o Papa. Atravessamos uma praça retangular, que soubemos ser a de São Dâmaso e depois enveredamos por uma alta porta. Fizemos, no segundo andar, um enorme passeio através de salas e de salões majestosos. Vimos de relance a Sala Clementina, plena dos guardas suiços com seus uniformes amarelo e azul, a pluma vermelha no capacete. Depois, veio uma seqüência de peças totalmente recobertas de vermelho. Enfim, chegamos a uma sala menor, onde se via um pequeno trono: o "troneto". Ali o Santo Padre dava suas audiências privadas. Algumas pessoas aguardavam. Jimenez contou com os dedos, sem o menor constrangimento:

— "Somos vinte, com as duas môças. — E, em tom mais baixo: — Belas, belas."

O padrezinho tocou-nos o ombro:

— "Êle já vem. Ajoelhem-se."

Ajoelhamo-nos e o Papa Chinês se destacou, todo branco, do fundo de côres berrantes. Foi pisando curto e dando a bênção, um por um, até mesmo ao ruivo enorme que não quis dobrar os joelhos e que depois soubemos ser um fazendeiro do Oregon. Nós lhe beijamos o anel e sua mão era de hóstia, tão tênue que dava mêdo de parti-la.

Era miudinho; sua face tinha um quê de simiesco, mas sua feiúra era doce. Fêz-nos levantar e disse algumas palavras:

— "Meus filhos. Entreguei a vocês todos a Bôlsa Leão XIII e vejo, para minha alegria, que estão todos muito interessados e que ninguém faltou ao encontro, apesar de que não conheçam bem aquilo que ela representa. É com o coração de Pai que lhes proporciono esta até agora inédita experiência. Vocês todos — eu sei — foram testados — um por um. Não posso assegurar o êxito dêste Círculo de Estudos. Vocês serão instrumento da vontade divina. O que se seguir a estas minhas palavras será a definição sôbre nossa

mesma cultura. Nós procuramos trilhar o Progresso, mas não sabemos se damos o sentido mais certo às nossas especulações. Do lado de fora de nossa casa, há quem nos proponha uma outra senda para alcançar o Conhecimento e eu, como Pai que sou, não quero fugir à oportunidade ainda que não conheça senão, em alguns pontos, o método a ser empregado. Que, o Espírito Santo os ilumine."

Depois, frágil e veloz, êle nos deu novamente a mão a beijar e nos abençoou, incluindo nesse gesto o trombudo homenzarrão do Oregon, que continuava de pé. As môças de mantilha negra se abraçaram. O Santo Padre dissera muito pouca coisa. Mas sua proteção como que dava garantia àquela misteriosa temporada de estudos no Vaticano.

* * *

Terminada a audiência do Papa, nós trocamos algumas impressões e fizemos nossas apresentações, com as dificuldades naturais das línguas, pois que vínhamos de vários países. Éramos uma pequena Babel. Nos dezenove companheiros havia também uma grande diversidade de ocupações. Basta dizer que uma das môças era uma astrônoma da Alemanha (tipo da Baviera, morena, enérgica) e a outra uma corista das noites de Madri! Estavam, porém, tão unidas quanto Jimenez e eu. Conheci Raoul Clement, físico belga — êste ficou depois em nossa sala — éramos cinco em cada núcleo de estudos: um jornalista nova-iorquino, um médico sueco, um professor de História da Universidade de Moscou, um relojoeiro holandês, além do fazendeiro do Oregon — antipapista exaltado que, segundo suas próprias declarações, fizera questão de deixar bem claro: sua adesão ao curso não deveria ser estimada, nem de longe, como submissão ao Papa.

Fomos, alguns minutos depois, encaminhados por um guarda à *sala de aula*. Tomamos um ascensor, seguimos uma galeria com raros soldados. Atingimos um salão com piso de mármore e um enorme mapa-mundi; depois, caminhando ainda um pouco, nós nos detivemos a apreciar uma vasta tela representando uma tumultuosa batalha naval. Estávamos na Secretaria de Estado, centro do Govêrno do Papa, explicou o guarda. Mas, naquele dia, não encontramos a azáfama que sempre houve por ali — o enxame de padres e de curiosos indivíduos de todos os rincões da terra. Desfilávamos um

pouco tolhidos por aquêle portentoso palácio, asfixiados pela pompa sepulcral dos salões vazios.

Vimo-nos, por fim, numa sala recoberta de estranha pintura — aves com cabeça de mulher, cães de cara humanizada, centauros, plantas com flôres que seriam mãos. A sala tinha uns oito metros de altura por uns doze de comprimento, e uma enorme janela abria sôbre o parque com cubos de fícus no primeiro plano, e pinheiros largados e soltos, além. Não havia uma única mesa, e nós nos entreolhamos. Apenas alguns confortáveis leitos, um palmo acima do chão.

— "Fiquem à vontade" — disse o guarda que nos encaminhou.

Ali ficamos nós: Jimenez, que se atirou bufando, logo, sôbre um dos estrados, o físico belga, que se inclinou preocupado à janela, o fazendeiro do Oregon, que pôs os óculos e entrou a examinar, com evidentes sinais de reprovação, a pintura da sala, e o jornalista nova-iorquino, Carlton Smith, que lhe explicou:

— "Já vi coisa igual numa casa de Pompéia."

O guarda disse que esperássemos e saiu pela porta menor, do corredor. (Esqueci-me de dizer que havia, à direita de quem entrava, uma muito maior, coberta com a mesma decoração bizarra.)

— "Prestem atenção — disse aos companheiros, sentindo o impacto de uma angústia. — Parece que os outros já começaram a sessão antes de nós..."

Era menino e no refeitório do Colégio São Bento ouvira leituras com aquela entonação. Um frade tomava um trecho para ler, como se cantasse a sua missa. No dia seguinte, um outro continuava a leitura, naquele ponto, com a impessoal cantoria. Isso, diziam, era para que cada personalidade não influenciasse, com seu entusiasmo, ou prevenção secreta, o auditório, que decidiria livremente, sôbre a exposição.

Esperávamos sob o reboar majestoso daquelas vozes. Um a um os companheiros foram tomando os leitos. José Jimenez acocorou-se, sem tirar seus sapatões e puxou o manto aos olhos. O jornalista nova-iorquino espichou-se na cama e assobiou baixinho. O fazendeiro do Oregon fumava sem parar, de olhos fechados.

Aquêle recitar me projetou em invencível lassidão. Fixei a janela, o azul com nuvens que se dissipavam. Vi tudo negro e, de súbito, fui projetado *fora de mim mesmo*, para um

caramujo de luz — por mais que o deseje, não sei de expressão melhor. Sim, eu habitava as profundezas de um núcleo luminoso, sôlto no espaço, que latejava a meu redor. Logo, o centro espadanou círculos luminosos, que riscaram a escuridão. Em breve, eram êles como véus etéreos e se fragmentaram, sempre rodopiando, num formigueiro branco. Em seguida, eu me senti *do lado de fora* daquele foco de luz, que constituía o *núcleo*. Vi, então, em cada um daqueles separados e incertos nevoeiros — eu soube — *a formação da vida*. Ela se cristalizava, com a rapidez do gêlo, correndo em filamentos brilhantes sôbre a superfície da água. Era vida, era vertiginosa vida, correndo, agitando-se, brilhando, num instante bulindo e depois logo extinta, sob a frieza imutável e branca. Eu via milhões de vidas assim, de mundos ou de sêres, que eram luz e depois desmaiavam, enregelavam, mas tudo, mesmo os que morriam, continuavam naquela sarabanda, em tôrno do núcleo de origem. Isso tudo me era revelado, como num painel gigantesco. Por algumas vêzes, no entanto, eu já não deparava com o Todo. Descia a observar detalhes. E via um globo de mares oleosos, de terra fumegante, com gigantescos animais que urravam para o alto, na primeira grande dor de existir. E observei espantosos terremotos. Desmoronaram-se em seguida as cordilheiras, a água sepultou berros e formas e depois, numa rocha perdida, vi sêres que, compreendi, eram meus irmãos, porém tão feios, degradados, humildes, medrosos de entes gigantescos que os assombravam.

Novamente saí do detalhe, e passando sôbre a visão da primeira fogueira cercada de vultos já humanos, eu me lancei a outras perspectivas. Vi, então, uma lua vermelha e dentro, como espelho de mil faces, a deslumbrante procissão da glória humana. Vi cabanas, casas, castelos, fortificações, massas humanas, e sucedendo a tudo isso vi os oceanos escaldarem e secarem como gôtas numa chapa aquecida. Vi perder-se o vapor no céu, que era azul e passou a verde desmaiado. Naves aéreas transportavam atropeladas multidões. O solo secou, gretou. Rachaduras monstruosas partiam, de cima abaixo, todo o arcabouço abrangido por minha visão. O vento ergueu nuvens de poeira e me vi, desolado, em desgraça, apalpando o chão maldito e ressequido.

Novamente, o impulso para o alto.

Na noite silente, cada um dos inúmeros globos é um espelho fascinante, onde se indaga sôbre a vida. Tudo rodopia, até mesmo os devastados mundos mortos, como um câncer acompanha um enorme corpo ainda vivo. Nevoeiros, tempestades com borbulhas de gases, globos em meia luz, ou acesos como ferro em brasa. — "Meus irmãos, onde estão os meus irmãos?" Devasso mais adiante, caminhando perdido na negrura da noite. Muito além de todos os abismos da escuridão, num ponto que foi luz viva, se fêz bruma e agora se corporificou como bom fruto maduro, um ser como eu vai amanhecer, mas perdido de dor terrível. Recuo, caindo em vastidões. Num ancoradouro de tons verde e laranja e céu azul, eu me procuro a mim mesmo. Descubro, quase chegando, a minha sempre Cobacabana. Mas ao incorporar-me totalmente a meu eu, bem me levanto do leito, estremunhado. O palavrório cantado cessou. Minha vista com dificuldade alcança as mulheres-pássaros da parede.

Na sala, já sombria, o vulto do fazendeiro do Oregon se atira contra a parede gemendo histérico. José Jimenez o acalma como se subjuga um bicho, pela fôrça e pela ternura. Alguém acende a luz. E nós nos encaramos sem saber o que dizer. O jornalista de Nova Iorque vai à janela e volta com passos bamboleantes:

— "Belisque-me" — pede ao físico belga.

* * *

Ficamos todos silenciosos e confusos, ao jantar. Monsenhor Brunini presidiu àquela nossa primeira refeição no Vaticano, o que demonstrava o particularíssimo interêsse do Papa. Dispúnhamos de uma longuíssima sala só para nós, onde fomos ilhados em mesa que poderia ilustrar o pecado da gula. Êle nos observava afetuoso, e meio brincalhão fazia brindes. Já havia, anteriormente, acompanhado os vinte *bolsistas* a seus quartos. Eu ficara com Jimenez, o que me agradou, apesar de seu cheiro noturno de ovelha. Tinha a impressão de que carneiros invisíveis o rodeavam.

Não perguntei pelo começo de nossas aulas. Nem ninguém, creio, se lembrou de fazer a pergunta. De forma geral, algo se passara com todos, durante aquêle falatório rezado. E isso, nós imaginamos sem ter a bravura de trocar alto nossas considerações.

Depois do jantar, em que o sangue da melhor uva do mundo nos animou, fomos à biblioteca especialmente organizada para o grupo.

Lá, em nossas poltronas, ficamos à vontade. A pequena de Madri tirou da grande bôlsa uma tapeçaria amarela e vermelha, que sobrou por sua saia negra como um descortinado dia de verão. Jimenez veio admirá-la. A astrônoma alemã descobriu, aparentemente, numa estante, o volume que procurava. O fazendeiro do Oregon resmungou:

— "Será possível que não haja uma bíblia *nesta* casa?"

— "Aqui está uma e em inglês — disse Monsenhor Brunini. — Como vêem, acho que não lhes falta nada..."

O fazendeiro buscou o que queria e depois provocou o confessor do Santo Padre:

— "Suponho que o Papa seja pela evolução das espécies. Êle é tão progressista..."

— "Meu filho — respondeu Brunini com tôda a paciência. — Não acha que Deus dispõe de sôpro suficiente para animar, no *devido tempo,* o ser que fêz homem?"

— "E essa, agora. Eu não entendo o seu inglês."

Brunini bateu-lhe no ombro:

— "Meu amigo, solte-se com a fé, que ela é quem nos põe soltos."

— "Entendi menos."

— "Sabia."

Eu estava ouvindo uma exposição do jornalista nova-iorquino sôbre a Imagem Concreta. Em Nova Iorque e em Moscou já havia presenciado várias experiências de Cinema e Televisão no nôvo processo.

— "Assisti a um *ballet* de Moscou, em Imagem Concreta, no Anfiteatro *Green* de Nova Iorque. A imagem vem do alto. Não há tela, e pode ser vista com perfeição de ambos os lados. Os dançarinos estavam "vivos", ali no meio dos assistentes. Apenas, eram um pouco mais vermelhos do que o natural. A côr não está ainda muito perfeita. Vi também um filme *concreto* com batalhas de arrepiar e uma nitidez que assombra. Senti-me participante..."

O jornalista contava essas coisas com alguma formalidade. Seu interêsse estava bem longe daquilo que expunha — hoje, convenhamos, uma velharia.

Nesse momento, Jimenez, que acompanhara com esfôrço não disfarçado o diálogo entre o fazendeiro e Monsenhor Brunini, disse:

— "Se a fé nos põe soltos — podemos sair então?"

— "Para perto... não vejo inconveniente" — respondeu Brunini.

Jimenez cortou a minha conversa com o jornalista:

— "Vamos *pastar*, agora, que é preciso."

Êle não dizia aquilo para fazer graça.

Logo atravessamos, com muita atenção, para não nos perdermos na volta, a fileira de salas. Tomamos o corredor, chegamos à porta altíssima, atingimos a Praça de S. Dâmaso.

Sob o luar, entre uma pedra e outra, havia um tufo de plantinhas. José Jimenez arrancou-as, beijou-as:

— "E viva a boa terra!"

Quando alcançamos a Praça de São Pedro, a lua iluminava a cúpula da catedral, dava relêvo à cruz posta no alto, acima daquela construção portentosa e como que enobrecia as maciças figuras dos apóstolos, entre os dois grandes relógios, sôbre a fachada. Estava tudo alvo e silencioso. As colunatas em semicírculo tinham uma sombra obliqua que as aumentava. São Pedro não era mais a pedra: "Sôbre esta pedra eu levantarei minha Igreja", mas uma fluida construção, uma arquitetura imaterial. Ficamos derreados pela grandeza. O obelisco, no centro da praça, espichava a sombra no chão alvacento. Era um luar como eu nunca vira, em tão transparente atmosfera.

José Jimenez, o manto enrolado ao pescoço, farejava a noite, alegremente, fazia vagos menoios de danças de sua terra, como quem reverencia a importância.

Atingimos o centro da praça. A sombra do obelisco estava a nossos pés.

— "Ei — disse Jimenez. — Boa noite, Senhor Jesus Cristo! — Lá está Êle, Nosso Senhor, no meio de seus companheiros. Aquêle com a cruz virada é São Pedro, o outro com o livro... será São Paulo ou São João? Por que São Paulo não andava com Êle... minha mãe, que me ensinou, dizia..."

— "Eu sei, Jimenez."

E eu vi, então, lívida, a cara de José Jimenez, desembuçada, posta para as alturas da fachada:

— "Olhe: tem mais *gente*... Por Deus, aquêles dois, junto do relógio dêste lado... e aquêles dois outros, perto do relógio de lá..."

Primeiro, sorri. Depois, analisando as estátuas, uma a uma, fiquei profundamente perturbado. De cada lado havia duas figuras que também eram de pedra, mas bem mais finas, como que mais delicadas, apesar de terem pràticamente a mesma altura. Estavam rígidas e, como os apóstolos, pareciam guardar a igreja.

— "Veja — disse Jimenez. — Neste canto... alguma coisa se move."

Era a túnica da última estátua, à direita.

— "Penso que aquela é a *nossa*."

— "Que é que está dizendo?..."

— "Vocês não abriram os olhos... Mas Jimenez nunca teve mêdo. É a *nossa*, é a *nossa*, eu lhe digo. E está-se regalando com a bela noite, e com tudo o mais. Veja como está."

Eram parecidos com Iguí que, aliás, poderia ser um dêles. Eu não me lembrara de sua figura, ao ver as estátuas, pela primeira vez?

— "Espere — disse Jimenez, perturbadíssimo. — Vou contar os apóstolos. Duas mãos e mais dois dedos. Começo dêste lado..."

Instantâneamente, aquela confusão como que se dissipou. A conta deu certo, não *sobrou* ninguém.

— "Êles estavam lá, eu vi!" quase choramingou Jimenez.

Passei-lhe o braço pelo ombro e senti desprender-se de seu manto o cheiro de ovelha, na enluarada noite romana:

— "Tenho a impressão de que falta pouco para nos avistarmos livremente com *êles*. Não sei por que... mas acho que não vai demorar."

* * *

Chego à parte mais difícil do meu relato. É evidente que não poderei dar aqui, uma por uma, as "aulas" que nos foram proporcionadas. (As aspas só figuram porque aprendi, alguns dias depois, que cada um dentre nós, tinha uma visão diferente dos ensinamentos.)

O mais curioso é que possuíamos a noção do *secreto*, da revelação personalíssima feita a cada um. E não trocamos impressões, nos nossos encontros no refeitório e na biblio-

teca, e falávamos de tudo o mais, menos do que havíamos visto e sentido, através da hipnose.

Assim, aquêle meu primeiro *encontro* com a outra cultura fôra como que uma sorte de colocação dentro do universal do Cosmos.

No dia seguinte, fomos novamente à sala das mulheres-pássaros, ouvimos o cantochão da leitura e tudo à volta desapareceu.

Fui luz, cortei a barreira do Tempo, fui e voltei à nossa era, transpus galáxias. De uma enseada repleta de sêres fantasmagóricos, mas humanos, se avistava uma gorda lua avermelhada. Mas o povo deitado na confusão de seus longos membros esquálidos, voltava a face descolorida para uma estrêla azul. E, sôbre aquela gente, se abatia uma ebriedade de desejo. Todos sonhavam com um lugar esplêndido, como o *Mundo da Côr*. E eu compreendi que os desejos dêsses homens e dessas mulheres tomavam uma direção *conhecida*, iam à nossa casa, à nossa bela Terra.

Algumas hipnoses a mais e eu soube que aquela triste enseada continha os restos de outras raças humanas. Experimentei, do alto, o rude ataque da inveja; era um clima insuportável e contundente.

Durante essas "sessões" germinavam, intraduzíveis, os mais belos e apaixonantes conceitos filosóficos. Eu sabia, eu *retinha*, mas como transmitir?

No sexto dia, nós a conhecemos. Era ela a nossa *mestra*. José Jimenez a avistara antes dos outros e a identificara naquela noite de luar.

A visão daquele ser, ainda que todos nós fôssemos preparados pelas "aulas" anteriores, causou assombro e até pânico. O fazendeiro do Oregon tapava o rosto e chorava, como uma criancinha; o físico belga desmaiou e eu, que conhecera tão bem um seu igual, Iguí, fiquei a ponto, também, de desmaiar. É que parecíamos entregues, ùnicamente, a seu poder, naquela sala fechada. Sua esmagadora presença — a majestosa e altíssima figura sem côr, sem a mais leve pigmentação — se recortava contra a grande porta. Deveria estar acocorada. Era quase uma pirâmide em seu todo: a cabeça afunilada, os ombros descaídos, e o todo largado e sem viço. Fèz um gesto com o longo braço de uma só grossura, os olhos baços, aparen-

temente desinteressados, fixos em nenhum de nós, adiante, além de todos:

— "Maneí."

Compreendemos ser êste o seu nome.

— "Perguntar." — ordenou.

Só Jimenez teve coragem:

— "A terra? Que se faz com ela... para, sim, para custar a morrer, para dar tudo de que... precisa? Para ser boa, também..."

Maneí movia os lábios, hierática, impenetrável. Era um zumbido ininteligível para nós. Mas Jimenez balançava a cabeça e se peneirava como um cachorro feliz sôbre seu estrado. A resposta era só para êle, percebemos. Daquele dia em diante, cada qual teria a sua se possuísse naturalidade bastante para perguntar.

Quanto a mim soube fàcilmente logo o que queria. Maneí era a única mulher entre os "professôres". Vinham de Deimos mas sua origem era o devastado planêta Marte. Eram os últimos *manuietis*, raça cósmica que se extinguia, enquanto os *aruietis* se multiplicavam sob as condições mais terríveis.

Entre um e outro questionário dos companheiros que iam conseguindo vencer a abafante sensação de inferioridade, diante de nossa "mestra", indaguei:

— "Por que se considerava os manuietis a *raça cósmica*? Qual a diferença entre os *manuietis* e os *aruietis*?"

Tudo me foi explicado, como se fôsse na minha própria língua, de forma claríssima, mas eu percebi que a mensagem escapava aos demais. Os manuietis *não tinham nem nome, nem lugar.*

— "E o seu nome, então?" — perguntei.

Respondeu-me, com minha própria linguagem, que aquilo não era *nome de dividir*. Queria dizer: *a que tem filhos.*

— "*Mãe*, então?"

Maneí concordou: queria dizer *mãe.*

— "E Iguí?"

Ela prontamente esclareceu que era "Aquêle que dá o recado" e, também, "Bom ar".

Com algumas rápidas explicações, soube que os *aruietis* eram um pouco menores, tão adiantados quanto os outros, mais prolíficos e viviam subjugados pela *ânsia da Terra.* Além disto, como nós, tinham individualidades muito dife-

renciadas, nomes especialmente *seus* e conservavam a memória de muitos feitos pessoais. Quanto aos últimos *manuietis*, êles se encontravam sempre em expedições siderais, depositando num e noutro ponto, onde houvesse sêres capazes de absorver suas idéias, aquilo que constituía a sua razão de ser.

Inquiri, ainda sôbre se não sofriam com a destruição de seu mundo de origem. E Maneí me respondeu que não, que todos os de sua raça prosseguiam vivendo no Sem Nome. Achei que aquilo era a maneira de expressar Deus. Aquêle primeiro sonho me houvera revelado o Centro da Criação, a chama viva de Deus, produzindo a inimaginável gestação dos mundos.

Naquela noite, num encontro da Biblioteca, houve o desafrouxar simultâneo dos vários segredos. Quem começou foi o fazendeiro do Oregon.

— "*Êles* negam o nome de cada um! Com isto, negarão, naturalmente, o nome de Jesus Cristo! Eu perguntei porque tinha esta atitude contra os nomes individuais e ela (a Mestra) respondeu: — Porque são como as fôlhas iguais, que o vento levanta mais alto. Todos são fôlhas."

Em algum lugar eu havia lido qualquer coisa sôbre isso. Sim, talvez no Padre Vieira.

Enquanto o fazendeiro ruminava a sua decepção, o professor de História de Moscou bem se abismava em considerações quase frenéticas:

— "Com isso, *êles* querem abolir a História, afirmando que enlouquece e divide. Como estimularemos o homem em seu sentido de progresso, amputando-lhe o *nome*? Com franqueza não fôsse ter recebido ordens expressas para ficar *até o final do curso*, voltaria amanhã mesmo para Moscou. Mas é uma traição à raça humana!" — resmungava.

Carlton Smith quis falar mas a astrônoma da Baviera, plàcidamente, entrou na conversa tentando acalmar os ânimos:

— "Por mim, estou plenamente satisfeita com a nova teoria sôbre os meteoritos, assim como a da informação a respeito da origem dos cometas. Quanto à questão do Tempo Sideral, tive um esclarecimento que me satisfez muitíssimo."

O físico belga comentou, acaloradamente, a estrutura dos mundos, o que havia obtido sôbre o que chamava de "Composição Inicial".

O nervoso jornalista nova-iorquino não conteve mais a sua profunda revolta:

— "Posso garantir — porque esclareci o assunto, em tôdas as minúcias, que *êles* consideram a Poesia *como a própria incapacidade humana*. Dizem — estava esbaforido — que a Poesia não é mais nem menos do que o prenúncio de nossas faculdades telepáticas — ainda em enorme atraso, em relação aos *manuietis* e aos *aruietis*. Êles reduzem a zero a Poesia e a História. Sinto-me doente. Tenho náuseas..."

Monsenhor Brunini chegou, rosado e sereno:

— "Meus filho — disse. — Sei que é difícil deixar de ser gente comum. Mas agora é necessário. Lembrem-se de que êles *tentam* chegar a vocês. E têm, pelo menos, duas virtudes teologais: *a Fé e a Caridade.*"

— "A Fé — o senhor disse?"

O fazendeiro do Oregon agarrava-se à Bíblia, para purificar-se.

— "Segundo me foi contado, êles se referem a Deus como ao "Sem Nome". Maneira bem estranha de chamar mas, afinal, êles sabem o que querem dizer..."

— "E a Caridade?"

O fazendeiro alisava a Bíblia, como um ser vivo.

— "Êles tentam entregar-lhes o que possuem de melhor. Caridade, meus filhos, sempre foi isto. E o fazem só pelo amor do... Sem Nome."

Ria, divertido e manso.

Reparei, durante todo o tempo da conversa, que o nova-iorquino fechava os olhos e colocava as duas mãos sôbre o ventre, curvando-se na cadeira:

— "Monsenhor — gemeu — creio que estou com uma crise de apêndice... Já tive uma vez e não quis operar... Não agüento mais!"

De madrugada, houve um pequeno tropel de enfermeiros e de guardas. Êle foi levado, gemendo alto, numa padiola. Seu quarto era vizinho do nosso.

— "Ei, companheiro! Vamos sair um pouco? Ouça os passarinhos. O americano já foi embora. Agora... Ai, que saudades!"

José Jimenez, encorujado em seu manto, silvava para mim:

— "Vamos, meu amigo."

Saímos sem fazer ruído, para as bandas do parque. A grande porta gradeada, que fechava a nossa ala, fôra deixada aberta pelos que carregaram o americano.

Era madrugada com brumas róseas baixando nos jardins do Vaticano. Havia um último orvalho, que nos esfriava as faces, um rumorejar de aves escondidas, e ainda sombra negra nos ciprestes.

— "Ei, companheiro, aquela coisa — como? — *apendicite* foi dar justamente no jornalista. E jornalista não é da raça que põe a bôca no mundo."

Aproximávamo-nos da gruta de Nossa Senhora de Lourdes. E um breve, esperto e exíguo vulto branco abriu a grade que fechava o pequeno recinto.

— "O Papa!" — Jimenez apontou.

Êle veio chegando, ativo, o passo cadenciado e firme. Parou e nos abençoou. Disse-me:

— "Sei que você é o nosso filósofo da boa alegria do Rio... A alegria nos faz caminhar mais rápidos..."

E para Jimenez:

— "Você é o homem da terra. Sempre fiel à terra e isso é bom."

Abençoou-nos mais uma vez e partiu, caminhando duro, rapidíssimo.

Chegamos à gruta. Encostada nela estava uma colossal imagem.

Era Maneí.

Respirava com esfôrço, tôda coberta de umidade. Seria o orvalho? Ela ficara ali durante a noite? Flutuava um bom odor de leite recém-ordenhado.

Já não tinha nenhum receio. Perguntei-lhe o que fazia, e ela levou o longo braço murcho e branco em direção ao Papa, dizendo que *êle* lhe havia revelado a nossa *Maneí*.

Ficou depois, derreada, lânguida, sôbre a parede da gruta. E um grande pássaro deu um pio agudo e roçou por ela, tal se fôra a sua costumeira pedra.

Maneí transmitiu-nos a sua mensagem: jamais havia visto um pássaro. Seu mundo, nem tampouco outros que conhecia, não possuíam êsses sêres.

O pássaro vinha e voltava. Ela, sempre estática, o seguia com movimentos instantâneos do olhar.

Afinal, Jimenez, dando um salto, o apanhou. Era uma bela gralha. Êle, impetuosamente, elevou muito o braço e o depositou à altura do colo de Maneí. Ela agarrou, rápida, a ave que desapareceu em sua longa e reta mão, prendendo aquela boa vida quente que se debatia.

Transmitiu-nos:

— "Nunca."

Estava mais e mais orvalhada, como lousa banhada por chuva copiosa.

— "Nunca? — perguntei-lhe mais forte em minha pequenez. — *Um pássaro... nunca.* Junte isso, *goze* isso. Doulhe, feliz, a nossa Poesia, que vocês recusam..."

* * *

Os últimos esclarecimentos vieram. Fizemo-nos íntimos dos nossos *mestres*. Êles ocupavam um salão especialmente pressurizado e podiam descansar quando quisessem, num clima de altitude de dez mil metros.

Maneí era quem mais saía dêsse "confôrto" e com risco para a sua própria saúde. O orvalho, que nela vira, não era senão o intenso transpirar, qualquer coisa de monstruoso de sua pele despigmentada. Os outros três *mestres* (êles se diziam *Alarí*, o que queria significar Pai), também já haviam chegado a uma proveitosa intimidade com os "alunos". Foi objeto de hilariedade, na Biblioteca, ter contado a môça de Madri que um dêles lhe havia arrebatado a tapeçaria, manifestando-lhe, fascinado, a convicção de que aquilo era o mais perfeito resumo do Mundo da Côr.

Depois do nosso encontro com Maneí, de madrugada, encontrei-a nas "aulas" bem menos pronta em suas respostas individuais. Sua face, que eu já aprendera a fitar sem constrangimento — aquela longa, piedosa e devastada face, ficava alguns instantes paralisada, morta. Soube, mais tarde, que eu lhe destilara, sem o saber, o veneno de uma outra sorte de traição. Entre Maneí e seus companheiros a dúvida se instalou — segundo me contou a astrônoma que tendia a aceitar, totalmente, as inspirações dos *mestres*. Maneí estava

correndo o perigo de se descaracterizar como verdadeira *manuieti*. A astrônoma me confiou, num recanto da Biblioteca:

— "Os *manuietis* têm a saúde de suas convicções. Quando as perdem, adoecem e se degradam. Nosso *mestre* acha que Maneí não deveria ter vindo. Êle nos disse que no tôpo de nosso mundo há descendentes de *manuietis* de uma expedição vinda há dois séculos; que os terríveis iétis de hoje são descendentes da nobre raça cósmica! Êles não quiseram deixar o planêta e se degradaram e se animalizaram. Maneí deve sair, logo, de junto de nós. Ela já está sendo contaminada. Os sinais da doença são evidentes."

A sucessão de ensinamentos prosseguia, entretanto. Considerava Maneí com simpatia diferente. Um dia, quando levou seus longos e esquálidos dedos à testa, para alisar os descoloridos cabelos, tive a impressão de que ela se tornava uma caricatura de mulher e uma ternura diferente me veio.

Em certa manhã, fomos chamados, quando havíamos chegado à nossa sala, por Monsenhor Brunini. O Papa queria ver-nos. Fomos diretamente ao salão, onde havia o "troneto". Agitado, inteiramente fora de seu ânimo natural, Monsenhor Brunini nos fêz uma pequena arenga aflita:

No Anfiteatro *Green*, de Nova Iorque, em Imagem Concreta, fôra levado o espetáculo intitulado *A Universidade Marciana*. O público viu descer a nave aérea sôbre a Igreja de São Pedro, viu os *mestres* extraterrenos numa reprodução perfeita dos *manuietis* e, em seguida, acompanhou o enrêdo de um valoroso jornalista, que se introduzira no Vaticano, para fazer a maior reportagem do século. Êle conseguiu evadir-se, depois de vários atos temerários e de iludir a vigilância da guarda do Vaticano. E alertava o mundo todo: naquela casa se infiltrava, através da inspiração dos *manuietis*, o maior perigo para a Humanidade. Êles eram destruidores naturais de nossas tradições; negavam nossos heróis e abominavam a individualidade, procuravam arrasar nossa História, como pomo de discórdia e relegavam a Poesia à imaturidade dos sêres que não alcançaram a sua perfeita expressão.

O espetáculo constituía, todo êle, um ataque à política do Vaticano, que permitia a realização dessa universidade desumana.

Quando Monsenhor Brunini atingiu êsse ponto, o Santo Padre, com seu passinho curto e vivo, entrou na sala. Ajoelharam-se todos — menos, é claro, o fazendeiro do Oregon. Depois de ter abençoado um a um, o Papa, que ouvira as últimas palavras de seu confessor, tomou o mesmo assunto:

— "Meus caríssimos filhos, o mais grave ainda não foi isto. Afinal a discreção deveria ser esperada, mas não foi pedida, e o jornalista americano poderia ter saído livremente, sem recorrer àquele expediente da crise de apêndice. O mais grave é que lançada a informação (e deturpada) sôbre a Universidade Marciana, os resultados foram os mais contraditórios e espantosos, numa terrível repercussão do acontecimento. Basta dizer que ontem, no México, influenciados pela "nova cultura" exposta no espetáculo, os estudantes saquearam bibliotecas de História, e nem a Polícia pôde impedir que mais da metade dos volumes fôsse queimada! Na França, país de amor à Literatura, foi idealizado "O Inferno da Poesia", como chamaram os moços. Por outro lado, líderes populares entraram no Museu do Louvre e arrancaram de lá as mais belas telas sôbre batalhas e feitos heróicos! Vocês, meus filhos, saberiam disso, de uma hora para outra, pois, embora estejam entregues a seus estudos, têm liberdade de sair. Quero preveni-los de que chego a receiar por tudo que conservamos para a Humanidade em nosso Museu! Foi um lastro de fogo que se abateu em dois dias, apenas, sôbre o mundo. — Abaixo a história! Abaixo a Poesia! — é o que se ouve nas ruas. — Viva a nova cultura *manuieti!*"

Tudo foi contado naquela sua fala doce e meio feminina, gargarejada, às vêzes, dos orientais.

No mesmo instante, nós nos convencemos de que havíamos chegado ao fim dos nossos "estudos".

— "Meus filhos — continuou o Papa Chinês — rezem e aguardem, que serão avisados logo do que se decidir."

* * *

Naquele dia, não tivemos mais aulas. Os *mestres* ficaram invisíveis, naturalmente resguardados em sua sala pressurizada, de acôrdo com suas naturezas. Lembro-me de que tivemos uma tarde de trevas e depois uma noite ameaçadora com forte ventania. Parecia-nos sentir forçar, a cada mo-

mento, a enorme porta de nossa sala. Espiávamos pelas vidraças e víamos, sob a violência do vento, os vultos da guarda extraordinàriamente reforçada, disposta em tôda a extensão da Praça de São Dâmaso.

Quando nos reunimos, depois de um jantar de nervos tensos, na sala da Biblioteca, tivemos uma surprêsa: Monsenhor Brunini nos esperava e com novas sensacionais. Mostrava-nos, rindo, várias fôlhas da Imprensa, e nós só pouco a pouco fomos percebendo de que se tratava, pois êle baralhava tudo. O jornalista nova-iorquino comparecera à rêde mundial das Imagens Concretas para dizer que aquêle espetáculo fôra nem mais nem menos que um simples enrêdo de Ficção Científica. E, a propósito, lembrou que há trinta anos, um homem chamado Orson Wells fizera também no rádio — hoje inexistente — a Invasão Marciana. Pessoas fugiram em pânico de seus lares, multidões procuraram as estradas. Houve até mortes, nessa ocasião. O *seu* espetáculo, dêle, Carlton Smith, fizera menos prejuízo — pois a História e a Poesia continuam guardadas na memória de todos e na maior parte das estantes do mundo. Deixaria, afirmou, o jornalismo pela ficção, depois disso, "embora me odeiem por haver criado êste embuste. Nunca houve, nem haverá uma Universidade Marciana. Como se pode admitir isto, sabendo ser Marte um mundo onde nem há mais vida animal?"

* * *

Quem seguiu até aqui o meu depoimento sôbre a Universidade Marciana, já considerou, evidentemente, vários "absurdos". Um dêles seria o de que só tivéssemos duas personagens do Vaticano ligadas a nós: nem será preciso enumerá-las.

Se o encontro fôsse em outro lugar, êle constituiria, na verdade, uma *impraticabilidade* mas, no Vaticano, não, pois que é até hoje, o único Estado onde as ordens não são discutidas nem fermentam *porquês*. É lógico que tínhamos o criado que arrumava nossos quartos, o que nos servia à mesa. Possìvelmente, só Brunini, na ausência dos Alarís e de Manei entrava, desligada a pressurização, na sala dos *mestres*. Os raros habitantes daquela parte do Palácio sabiam que ali estavam os bolsistas, em reunião. Por mais que me concentre e procure recordar um único olhar de curiosidade, por parte dos criados, ou uma atenção mais atrevida dos vis-

tosos guardas suíços, lá do pátio para nós, verifico que só tivemos *uma* indiscreção: a de Carlston Smith, que procurara, enfim, remediar o mal causado. Os jornais continuavam a falar dêle, aconselhando enfático à moçada, que se desregrava por onde fôsse exibido "A Universidade Marciana", em Imagem Concreta. Usava frases de estupendo mau gôsto:

"Se houvesse criaturas que apresentassem razões contra nossos heróis e nossos poetas, nós as repeliríamos como se fôssem ataques dirigidos a nossos pais!"

Em Buenos Aires, ergueram fogueiras, onde volumes e volumes de História, da Biblioteca Municipal foram queimados. "Morra a História que mente e divide!"

Em Moscou, estudantes fizeram uma pira gigantesca só de livros de Poesia. Dançaram em tôrno, até que foram presos: haviam também danificado uma ala da Universidade, a de História, e cantavam:

"A Poesia é ignorância. A Poesia é veneno. A Poesia é inconsciência. A Poesia é superstição."

Comentei com o professor moscovita aquela atitude de seus alunos e, especialmente, a "fogueira da poesia" de Moscou. Custou a encontrar a frase que satisfizesse. (Falávamos ambos bem mal o inglês.) Afinal, conseguiu exprimir-se:

— "...É preciso ter uma outra perspectiva — E passando à sua seara: — *Êles* têm de uma forma... diferente... estranha, a *sua* memória... quase que se poderia chamar de sua *História*. A memória... *cósmica*. Agora estou convencido disso."

* * *

O *desmentido* de Carlston apenas atenuara o *mal*, não o afastara.

Monsenhor Brunini enternecia-se com a *ânsia* de recuperação do jornalista:

— "É um bravo rapaz. Faz o que pode."

— "O senhor aprova a mentira?..." — perguntou, fermentando de malícia, o fazendeiro do Oregon.

— "Não, mas aprovo os homens de boa vontade. Êle faz tudo que pode para reparar seu êrro."

O clima mundial desencadeado pelo espetáculo que produzia, principalmente nos jovens, um fragoroso ressentimento contra a "Nuvem da Ignorância" (a Poesia e a His-

tória) abreviou nossos trabalhos. Tivemos, entretanto, mais uma última *aula.*

Maneí estava tão suarenta e abstrata, que nós nos sentimos comovidos. Assim mesmo, satisfêz o físico belga. Era uma questão a respeito da transmissão das mensagens luminosas. Zumbia a sua informação e só êle a captava. Mais tarde, o belga nos contou, muito por alto, zeloso já de suas futuras "descobertas". Contentou, também, o fazendeiro do Oregon, zumbindo, só para seu entendimento, sôbre a proteção das plantações contra ciclones e estiagens. A Jimenez, particularmente, ensinou como criar os elementos que dão aos animais o *impulso de viver* (Jimenez nos fêz questão de revelar, depois, que Maneí tinha uma espantosa teoria, segundo a qual os bichos morrem também quando não têm *vontade de viver.* E Maneí tinha acrescentado: *bichos e até mundos* morrem de cansaço, como qualquer *manuieti*).

A mim me contemplou com sua riqueza de novas imagens da Origem Comum, ensinando-me a fraternidade dentro da Criação. Através da mensagem de sonho de Maneí, um São Francisco do Espaço me falava. Depois, com enorme esfôrço, seus lábios lançaram legítimas palavras humanas. Eram tímidas saudações, adeuses constrangidos:

— "Estar em nossos... sonhos."

Soubemos que não demorariam a partir. O Papa encerrava a experiência, e nos mandava dizer. Monsenhor Brunini estava alarmado com as últimas conseqüências da nova *febre* que empolgava a mocidade no Mundo.

— "Loucos, já começaram a agir em nossas praças. No Corso Humberto Primo, rebentaram colunas..." .

Não vimos mais a nossa Maneí. O último encontro na Biblioteca foi repassado de um sentimento de companheirismo triste. Voltaríamos cada qual para seu longínquo recanto e, provàvelmente, jamais nos encontraríamos. Foi nessa última noite do Vaticano que Monsenhor Brunini contou o que se passara com Maneí.

De madrugada, o Santo Padre, indo rezar à gruta, a viu arquejante, cercada pelos três companheiros. Êles lhe transmitiram ter Maneí sistemàticamente, naqueles últimos dias, recusado a dormir na sala pressurizada. O Papa viu-a, então, na claridade nascente, escorregar do encôsto de pedra. Trazia na longa mão uma ave esmigalhada.

Os companheiros logo a iam carregando, tôda transpirada e gemente. O Papa pediu que esperassem. Êles estacaram rígidos. E então o Santo Padre, pequenino diante do grupo colossal, formado entre os ciprestes do parque, ergueu a mão e disse as primeiras palavras do sacramento do batismo. Mas foi cortado por um alarí:

— "Não, se ela tiver um nome, não será mais nossa irmã — já não será *manuieti.*"

O Santo Padre tentou andar. E não podia. E viu que a levaram, instantâneos, para sua sala, quase moribunda.

* * *

Despedimo-nos de Pio XIII às dez da manhã.

Fêz-nos um pequeno sermão sôbre a verdade.

— "Cada um de vocês apenas *libertou* o que já tinha dentro de si mesmo."

E, para cada um dos bolsistas, calmamente, expôs o que julgava ter sido o saldo da experiência. Tudo que os *manuietis* ensinaram estava, em semente, dentro de cada personalidade. Cada qual pudera ver melhor o seu setor: o filósofo, o agricultor, a astrônoma, até mesmo o historiador, que se colocara num outro plano.

— "Mas — concluiu — são reações certas, quando no íntimo, mas *erradas* se as tornarmos públicas. Ainda carecem de transplantação e amadurecimento em nosso meio. Houve boa razão para que os líderes mundiais desaconselhassem a experiência. Todavia, em Deus, não me arrependo. Sei que vocês voltam perfeitamente *humanos.*"

O fazendeiro do Oregon não podia deixar de ser desagradável pela última vez:

— "O Papa decerto também ficou sabendo que os *aruietis* nos espreitam e nos invejam..."

— "Meu filho — disse. — O que nós devemos recear é o ódio dentro de *nossa casa.* Deus proverá. — E com uma careta de infinita bondade: — Não foi sem alguma razão que êle escolheu *esta* como a sua, e aqui teve seu bom nome humano. Foi o nosso régio quinhão."

— Santo Padre — eu tremia — e Maneí? Que foi feito dela?"

Êle teve um silêncio. Em seguida, enrugou-se satisfeito:

— "Partiu, tocada pela graça da Terra."

* * *

Com mais dois dias no hotelzinho em Roma, a vadiagem por museus e monumentos, eu ansiei por nossa Copacabana. Jimenez abandonava-me, preferindo muito naturalmente a companhia da pequena de Madri, que seguia, de dentes à mostra.

Li, no *Osservatore Romano*, que havia começado, depois do "planejamento efetuado durante aquêle mês", a portentosa obra de minuciosa reconstituição de todo o Vaticano. O Papa, agora, em Castel Gandolfo, havia recebido peregrinos e fizera um notável discurso em tôrno do *nome cristão*. Em cada nome se inscrevia a herança dos mártires e dos apóstolos. "É preciso honrar, e cada vez mais, o *nome* que nos distingue."

Na quinta página de um outro jornal, li as declarações de um indivíduo que jurava ter visto enorme nave aérea, de tipo desconhecido, à pouca altura da Via Ápia. E havia, sob o retrato do assustado romano, êste comentário:

Ainda há quem veja naves de "marcianos"!

* * *

Os ciprestes de Roma, as esquivas aves despertando sob o ruído dos sinos, as redondas árvores das praças, a cúpula de São Pedro e logo abaixo os apóstolos — *menos quatro*. Eu partia. Sentia falta de Jimenez, que retardava, até suas últimas liras, a partida de Roma, e festejava a madrilenha com suas cavalares e saudáveis efusões.

Depois da longa estrada — aqui e ali um resto do passado numa estátua, numa visão fugidia, atingi o Aeroporto.

Meu companheiro no avião foi um brasiliense. Isso me arrepiou. Êle não parava de contar vantagens:

— "Estamos inaugurando em Brasília o primeiro Anfiteatro de Imagem Concreta no Brasil, e com aquêle espe-

táculo que tem pegado fogo por aí a fora: *A Universidade Marciana.*"

— "Sim... Deve ser boa diversão para cretinos..."

O homem zangou-se. Eu me senti na pele do próprio fazendeiro do Oregon.

Voávamos a grande altitude e agora era noite. Uma noite limpa, de germinação de estrêlas. As asas do avião espalhavam uma claridade que, de pronto, foi como que esfacelada em pequenas imagens. Percebi claramente um longo seio de fêmea — um pássaro — um rodopiar de fôlhas e, por último, um sol: o destino da raça cósmica, o sentido do fim de *nossa* Maneí.

* * *

Sempre haverá quem sustente que tudo partiu de um mero espetáculo de *Ficção Científica*, gênero muito popular então, mas agora totalmente esquecido. E os que provam por A + B que a *Universidade Marciana* nunca existiu, dizem sempre: "O Papa Pio XIII jamais disse uma palavra sôbre o assunto..." (Quando um jornalista americano pretendeu forçá-lo a falar no caso, Sua Santidade perguntou, bondosamente: — "Mas por que, meu filho, você não entrevistou o próprio autor da *Universidade Marciana*? Você não estava muito mais perto? E êle não gosta tanto de dar entrevistas?")

Essas pessoas também invocam: "que os outros *alunos* jamais se manifestaram..." Não havia um motivo plausível para êsse silêncio. Até mesmo a suposta coação moral do Papa deveria ter cessado, pois que "êle morreu um ano depois". (Lembro-me de Pio XIII no caixão, de sua figura em Imagem Concreta, e daquela idéia meio profana que me colheu. Parecia um mirrado macaquinho, um doce macaquinho sagrado em sua mortalha.)

Mas os que negam sistemàticamente a Grande Experiência, fingem ignorar que há um inexorável nexo entre várias descobertas científicas que ocorreram um pouco antes e também logo depois da morte do Papa Chinês. O primeiro relógio sideral foi construído na Holanda, lembram-se? De qualquer canto do Oregon um homem deu ao Govêrno dos Estados Unidos as mais sábias sugestões sôbre a defesa con-

tra vendavais e tempestades — fato que culminou no *contendor máximo*, capaz de anular, quase, a fôrça destruidora dos tornados e furacões... No sul da Argentina — recordam-se? — um indivíduo *desconhecido* forneceu a cientistas de Buenos Aires os elementos que determinaram a Revolução do Atrito da Agricultura moderna e que, pràticamente, estão revitalizando as áreas desérticas ou semidesérticas das Américas. Na Bélgica, novas *leis da física* foram promulgadas — e na mesma ocasião, procurem recordar, um nôvo e triunfante conceito de História foi sugerido ao mundo por Moscou, abrangendo a Vida como um Todo. A Astronomia ganhou outro sentido, não apenas com as expedições que se seguiram mas, principalmente, com as descobertas feitas na Alemanha, através de geniais estudos oriundos de um grupo de astrônomos da Baviera.

O orgulho patriótico das nações recomendava, muito normalmente, que a inspiração não fôsse mencionada!

Esta é a verdadeira resposta aos que reputam como grosseira mentira a nossa *Universidade Marciana*.

Vivi, sobrevivi. Conheci três Copacabanas. Agora, o novíssimo perfil da avenida de edifícios convexos, suas novas côres, os cristais lilazes e superpostos das construções, que se inclinam para a praia, os silenciosos e instantâneos coletivos que se sucederam aos alegres e rumorosos veículos de outrora, como que *abafaram* minhas ilusões de filósofo. Sou um velho que, às vêzes, chora pelo pouco que fêz e, às vêzes ri, confortado, pelo muito que viveu. Um ancião que se comove em certas ocasiões e que se regozija em outras, pois os moços já não depredam museus e atiram livros ao fogo. Mas não há juventude que não esteja empenhada na nova Ordem Universal. É o hálito da Origem que nos bafeja, agora, e isto é bom.

Desta vez, a tradição de abertura da ONU era quebrada e o eterno primeiro discurso de um representante brasileiro iria ser objeto de polêmica nos jornais de todo o mundo. Nem mesmo as falas dos representantes da URSS e dos Estados Unidos, que se seguiram ao discurso do brasileiro, e versaram sôbre projetos comuns em grandes áreas equatoriais de climatização, ofereceram o mesmo interêsse e tanta divergência. A *Operação Ânima*, assim chamada pelo jovem cientista Jorge Alves, era exposta num plano de desafio para as grandes potências. Ainda não tendo alcançado o poderio interplanetário dos Estados Unidos e da União Soviética, nem mesmo seguindo de longe o esfôrço da França ou da China, o Brasil, por meio de seu delegado, um diplomata gentil quase sempre, mas sarcástico muitas vêzes, tentava decifrar o mistério de Vênus, o Planêta Branco, e para isto convocava as outras nações do mundo.

O embaixador brasileiro não receou uma única vez o ridículo que poderia pesar sôbre um diplomata qualquer em circunstâncias idênticas. Não sendo ainda uma potência do Cosmos, seu país pretendia oferecer a única via de comunicação para o mundo impenetrável de Vênus.

Seu discurso principiou pela definição de *ânima*, para muitos a *alma*, para alguns uma fôrça física capaz de ser expelida nos sonhos e há tempos constituindo o domínio de sábios, como os da Índia, que poderiam transmitir bem longe seu *eu* interior. Até mesmo a URSS, que negava a alma — pelo menos oficialmente — não descurava dêsses estudos, por meio dos quais as mentes mandavam mensagens cada vez mais claras, cada vez mais extensas. E o delegado do Brasil lembrava aquêle começo de tudo, quando no Egito o *double* era entretido, pois deveria ficar bem junto do corpo, a êle sobrevivendo. A todos êstes temas, ligados ao fenômeno que

se poderia chamar a *alma*, o orador dispensou um período de seu discurso que tinha, às vêzes, como seria indispensável ao bom gôsto, uma pausa para fazer circular um riso benévolo no auditório sempre carregado de grande tensão emocional.

Falou, por exemplo, nos sonhos, por meio dos quais estaria provado que a alma viajaria muita vez só para saciar os desejos do corpo em que habitava. Os beberrões sonhariam e experimentariam tôdas as delícias de seu vício, e a paixão do amor também teria sido mil vêzes provada na satisfação da *ânima* viajante. Todos êstes pontos eram do domínio público, como aquêle outro de que a música apropriada geraria a hipnose; de que muitas cenas do chamado espiritismo não seriam senão o deslocamento, feito por meio mecânico — um som capaz de fazer deflagrar para fora do corpo a *ânima*. Nas sessões espíritas, as mais céticas criaturas não assistiram a manifestações impressionantes?

Observando os rituais da Umbanda, viajando para a Índia, conhecendo profundamente a ioga, um jovem físico brasileiro determinara o que poderia vir a ser a mecanização e a descarga, por assim dizer, dêste conjunto de fôrças interiores — tôdas elas físicas — que compõem aquilo que os crentes chamam de alma. Em primeiro lugar, o som era o veículo apropriado de expulsão, mas o contrôle da *ânima* deveria ser cuidadosamente verificado, combinada a vaga de sons — muitos dos quais não sensíveis ao ouvido humano, extremamente finos e complexos. Usando som e gradação da luz, êle havia tido, êste cientista brasileiro, um sucesso mundial ao conseguir projetar seu próprio *double*, sua *ânima*, na baía de Hong-Kong. Seu vulto esguio e moreno foi visto contra a luz, a atravessar barcos, pequeninos e grandes, a correr em cima da água, aparecendo nítido a um grupo de pessoas, onde sobressaíam jornalistas e professôres de física, especialmente convidados para assistir à experiência. Ao atingir a praia, a figura do Professor Alves foi mais e mais perdendo a densidade; por fim, apenas uma silhueta cercada de verde brilhante foi vista diante do público estarrecido e deslumbrado.

O caso, julgado alucinação coletiva, foi violentamente combatido por marxistas e teólogos. Como que os pólos do pensamento queriam negar a evidência da concretização

física da alma. Mas, depois dessa experiência, o môço quis ser esquecido de propósito, e durante oito anos trabalhou em silêncio, conseguindo efeitos que muitos não souberam vir a ser científicos. Um dos seus êxitos mais expressivos foi aquêle, segundo o qual, numa determinada sessão espírita de Lisboa, êle próprio conseguiu aparecer usando linguagem misteriosa e dizendo ser um monge morto havia duzentos anos. As fotografias estavam ali, no grande anfiteatro das Nações Unidas, em poder do representante do Brasil, para quem tivesse a curiosidade de comprovar o feito, anteriormente cercado da maior discrição, no interêsse da própria pesquisa científica.

Os delegados, nesse ponto, cansados de rir e de acompanhar aquela insólita exposição, principiaram a dar mostras de nervosismo. Alguns pareceram sentir nas próprias faces como que uma brincadeira jamais tentada na alta tribuna da ONU. Aguardavam o cancelamento do discurso, pôsto pelo Presidente, fora de ordem. Os brasileiros estavam exportando, no momento, uma nova e perigosa filosofia, um tanto anárquica e propositadamente desabusada. O discurso do embaixador do Brasil seria a prova dessa perigosa tendência? Êle ia "além da conta".

— "Nós estamos aqui para oferecer e pedir, como vimos fazendo há séculos." (O tom sempre cortês continuava com seus toques brincalhões, vez por outra.)

Um côro de protestos e risadinhas nervosas espraiou-se pela assembléia.

— "Oferecemos nossa técnica — a "Central Ânima", instalada pelo Govêrno Brasileiro. Contribuímos também com o *chefe* — o cérebro da Operação Ânima. Mas, devemos apelar para outros povos porque necessitamos certa matéria-prima, isto é, de *condenados à morte*, já que em nosso país não existe condenação que dure mais de trinta anos. Há séculos mantivemos essa tradição de brandura."

Caiu um silêncio de assombro. O sorriso morreu nas faces estagnadas, devastadas por aquelas palavras demasiadamente irônicas, ou incrìvelmente loucas.

— "Nosso plano é o seguinte: uma pequena expedição chefiada por Jorge Alves, levaria alguns condenados à morte, que voluntàriamente quisessem prestar seu auxílio à Ciência. Ela seria despachada para o planêta Vênus, colhendo tôdas as informações que as sondas espaciais, a tão desenvolvida

Astronáutica, com mil outros engenhos, até hoje não conseguiram captar. Êsses voluntários obteriam, por leis especiais, o perdão de seus crimes, quando voltassem à Terra, pois teriam contribuído, de forma decisiva, para o progresso da Humanidade. É só neste ponto que o Brasil pretende e espera a cooperação de seus amigos. A Operação Ânima prosseguirá em nosso país, no que diz respeito ao projeto e técnica de propulsão dos espíritos. Pedimos, porém (pois sabemos que há riscos, ainda que limitados, mas reais, na parte final, quando se der a *reincorporação*), o apoio de todos aquêles que, estudando o nosso plano, hoje pôsto à disposição de todos os pesquisadores, quiserem trabalhar conosco pela conquista pacífica do planêta mais semelhante à Terra."

O embaixador terminara o discurso. Houve um prolongado tempo vivido em gêlo, fixidez, pelas figuras de côres e raças diferentes, até que estourassem as controvérsias, felizmente dominadas porque os inscritos para falar, em seguida, sôbre a climatização da Amazônia e da África Central eram os Estados Unidos e a União Soviética, e não queriam que o tempo se dissipasse em tempestade inútil de protestos e conjeturas.

Foi com certa arrogância displicente que o delegado brasileiro desceu da tribuna e tomou o seu lugar, conquanto nem mesmo seus companheiros, enfurnados nas poltronas, tivessem a coragem de apertar-lhe a mão.

Estourasse ou não a galhofa, o Brasil havia ganho, pensavam êles, uma grande batalha publicitária que se desenvolveria nos dias seguintes. Sucesso teatral e indevido?

Pela primeira vez, no entanto, abrindo as discussões na Assembléia das Nações Unidas, o discurso do Brasil sacudiu até o furor os quatro cantos da opinião pública do planêta. O primeiro Instituto a tomar interêsse real pelo então Projeto Ânima foi o Tecnológico de Massachusetts. Seus mestres fizeram declarações altamente elogiosas, depois de estudarem as transmissões da *ânima* de Jorge Alves e a julgaram o fato científico mais importante do ano.

As fotografias do falso monge, deitando sermões numa assembléia de espíritas em Lisboa, foram vistas como divertimento por uns e objeto de especulação para dois ou três homens dedicados a pesquisas radiobiológicas na URSS. Mas foi nos Estados Unidos que um pequeno grupo de condenados à morte abalou, com seus pedidos aos governadores dos

respectivos Estados e a opinião pública, urgindo finalmente uma decisão de seu govêrno, espicaçado por dois senadores democráticos, no sentido de dar apoio imediato à Operação Ânima.

* * *

A mocinha doente, travesseiros amontoados às costas, respirava com esfôrço ouvindo as palavras de Jorge Alves, numa transmissão de imagem concreta. Êle respondia com calma e presteza às perguntas mais ou menos capciosas dos que procuravam "desmascará-lo". O Professor Alves exibiu mensagens do mundo todo e particularmente aquela que mais havia tocado sua sensibilidade. Tamura Kyoko, prêso em Detroit, sob a acusação de haver fabricado os vírus da lepra e da tuberculose para conhecer em seus pacientes as doenças de que a Humanidade havia perdido a memória e que, embora tendo curado os enfermos em poucos dias, tivera condenação à morte pelo abusivo uso de sua capacidade científica, desejou incorporar-se à Operação Ânima, e escreveu com sinceridade, ou não, estas palavras a Jorge Alves

— "Ainda que signifique a minha morte, alguns meses antes da que me espera, estou pronto a resgatar com esta experiência o êrro que cometi, levado por uma curiosidade que só os cientistas podem compreender. Meu advogado está desenvolvendo uma grande campanha para que a Operação Ânima possa contar com minha cooperação."

O Professor Alves mostrava ao público de imagem concreta seu gabinete de trabalho, fotografias da enorme concha semelhante a um radar que deveria despachar a luz e, ao mesmo tempo, vistas de todos os pontos de seu laboratório de onde viriam sons que iriam porejar, inundando os corpos cujas *ânimas* seriam desintegradas. Dizia que a garantia maior estava em sua própria vida, pois em momento algum desejou mandar a Vênus um grupo que não fôsse capitaneado por êle mesmo.

A pequena doente, quando as imagens desapareceram de seu pequeno quarto, estendeu para a mãe a mãozinha afilada, de dedos pálidos, num chamado de cansaço e de quebranto. A mãe sentou-se rente. Sentia, sem tocar na filha, a quentura da febre. Era inacreditável que visse sua menina defi-

nhando pouco a pouco, sabendo que a leucemia não poderia ser dominada, nem ao menos colocada num daqueles planos de meia cura de outras doenças conhecidas. Sua pequena estava acabando aos pouquinhos, arquejando de cansaço, dormindo sonos curtos, queimando de febre, arrepiada, encorujada como pássaro sofredor.

— "Mamãe — disse a mocinha com grande esfôrço — eu sei que não falta muito e não tenho mêdo."

A senhora conteve as lágrimas; alisou os cabelos amados, escuros, que banhavam de negro as almofadas e pretendeu sorrir:

— "Você vai ficar boa, isto passa. É só ter um pouquinho de paciência."

Houve um silêncio em que a menina observou contra a luz suas unhas meio arroxeadas, as veias desenhadas como estrias numa flor morta, nela estampado o sulco da intensa vida anterior. Baixou a mão sôbre as cobertas. A mãe chegou-se mais junto e a mocinha pediu:

— "Eu queria... que você chamasse aqui o Professor Alves."

— "Meu bem — disse a senhora — esta especialidade... não é a dêle."

— "Eu sei, mamãe, eu queria."

A senhora sorriu, fixando aquêles olhos enormes, devastados, a brilhar numa última energia e ouviu, então, estas palavras extraordinárias:

— "Eu sei que o médico só me deu dois meses de vida... não adianta enganar. Se êste condenado à morte quer... participar da expedição... por que não aceitariam... que eu fôsse também?"

* * *

De repente, por todo o planêta Terra, o drama da jovem brasileira doente de leucemia se espraiou numa dessas emoções que nem os tempos e o aprendizado as gerações puderam disciplinar. Todos o viveram com intensidade maior ou menor, mas ninguém ficou indiferente àquela pequenina enfêrma que dava seus últimos alentos ao sonho de uma viagem "além do corpo". Jorge Alves não considerou com benignidade

aquêle anseio. A mocinha de dezessete anos era demasiadamente imatura para transmitir experiência ou sensações, quando voltasse à Terra; além do mais, não seria possível prever se, estando doente, o choque da *ânima* seria suportado por um corpo que, dentro em breve, estaria paralisado pela morte. Mas principiaram a aparecer os aliados daquela que iria morrer. Alguma coisa, alguma retribuição que a vida já não mais poderia oferecer deveria caber à pequena Marta. A família, os amigos, e alguns jornalistas tomaram com avidez a causa da doentinha. As grandes massas anônimas das megalópolis devoraram notícias a seu respeito. E seu caso inundou de ternura e de piedade os quatro cantos da Terra.

* * *

Três meses depois da fala da ONU, Jorge Alves tinha à sua disposição uma *equipe* extremamente contraditória, para essa aventura que abalava os confins do planêta. O grupo, já com a permissão assegurada aos prisioneiros pelo presidente dos Estados Unidos, era composto de Tamura Kyoko, de Detroit, de dois irmãos, os Dickinson, de Washington, acusados de assalto e homicídio, de um jovem doutor em línguas hispânicas, da Califórnia, que deixara morrer a mulher à míngua de tratamento e de confôrto.

Todos êsses aguardavam a pena capital dentro de poucos dias. E mais, do próprio Brasil, a única "condenada", Marta Reis, moradora em Copacabana, perfazia, com Jorge Alves, as seis *ânimas* a serem despachadas no outono brasileiro, isto é, em fins de abril, para o planêta Vênus, nessa época mais próximo da Terra, em experiência que teria a duração de três dias — na contagem terrena de tempo, já que os dias venusinos ainda eram uma incógnita, malgrado afirmações de cientistas que interpretavam o calor e o frio venusinos como noites e dias, registrados pelas sondas espaciais.

* * *

Sigilosamente, mas muito bem guardados, chegaram ao Rio de Janeiro os componentes americanos da expedição. Corriam no mundo anedotas relativas ao feito. Grandes caricaturas apareciam pelas revistas, em que personagens ten-

tadas por supostas criaturas de Vênus, belíssimas, maravilhosas, não podiam fazer nada além do *uuuuuhhhhh* dos fantasmas.

— "Desculpe, minha senhora, eu seria mais ardoroso se dispusesse de meu corpo."

Outras histórias surgiam em pequenos espetáculos de imagem concreta:

— "Resolvi dar minha vida a Vênus."

— "Você participa da Operação Ânima?"

— "Não. Participo de uma festa em casa de uns amigos."

* * *

Com todos êstes comentários jocosos, ou às vêzes comovidos sôbre a espécie de morte que a môça leucêmica escolhera, pois no fundo ninguém acreditava na sua volta com a Operação Ânima — e talvez os irmãos Dickinson, cínicos e irreverentes, tivessem chegado ao Brasil aguardando uma escapada mais fácil — os últimos preparos iam sendo levados a têrmo. Jorge Alves tinha a mais absoluta confiança, depois de ter vivido tantas experiências, como aquela da Baía de Hong-Kong, de que o seu êxito seria total, mas aceitara com frio aborrecimento a inclusão da mocinha. Seu auxiliar, Borges, ouvira-o grunhir ácidas considerações em tôrno da obrigação de "carregar a mocinha agonizante".

— "Por isto mesmo é que êste país não vai para a frente. A mistura antiqüíssima do psiquismo submisso do negro, ao contemplativo do índio unido ao sentido trágico do português, deu esta gente sentimentalóide, sem um mínimo de espírito científico. Cumpro ordens, mas faço meu protesto."

* * *

A imagem concreta divulgou as cenas primeiras da Operação Ânima, com enorme cêrco da Polícia em tôrno do pavilhão de alumínio erguido numa das encostas do Corcovado. Em cima dêle, aquela sorte de radar imenso e faiscante a mover-se vagaroso sob a cintilação do sol do Rio. Lá dentro, sob a cúpula, os corpos dos seis pioneiros do planêta Vênus colocados em hipnose, em profunda e total letargia, banhados por luz e som, e orientados em sua primeira esca-

lada sideral pelo Professor Borges, seguido de uma equipe afanosa, com um nervosismo de quem sente que agora o destino daquelas seis criaturas estava contido numa tarefa que não permitiria o menor engano. Os espectadores de imagem concreta recolheram a fisionomia endurecida da doentinha brasileira ao ser submetida à preparação para o vôo da *ânima*; viram os irmãos Dickinson que, ainda dormindo, conservavam uma sorte de sorriso de quem foi alvo do próprio engano; o doutor em línguas hispânicas, Fraser, que parecia um bêbado dormindo de bôca aberta, os olhos estatelados e, por fim, depois do perfil do chefe da Expedição, caído num espêsso sono no qual ressaltavam feições agudas e enérgicas, a face oriental e bela de Tamura, aquêle que quis saber demais — talvez o maior aliado de Jorge Alves. Dentro de três dias, quando acordasse, de volta de Vênus, seria o único capaz de transmitir com eficácia as suas experiências. Tamura era um escritor que fizera muito sucesso ao redigir na prisão as "Memórias do Homem que Perguntava". E os assistentes puderam observar de seus lares os fenômenos iniciais; a intensa fulguração da vida, como chama pálida, eriçada em tôrno das figuras agora já escurecidas pelo contraste.

* * *

Quando veio para êles a consciência? Nuns, bem mais cedo. Antes até mesmo de que Jorge Alves o sentisse, Marta percebeu que atravessava cèleremente uma copa rosada de nuvens, com cintilantes e finos granizos. Sentia-se saudável, como muito antes de adoecer, quando era capaz de deslizar das árvores e correr pelos parques. Compreendeu que as seis imagens vinham juntas, tôdas elas inertes, como figuras planas ou retratos despachados através de um campo gasoso, tinto de rosado brilhante. E assim, em seguida, Tamura percebeu também o que se passava. As nuvens de Vênus eram atravessadas por suas imagens incorpóreas, mas êle apenas podia acreditar que seu corpo houvesse ficado no edifício metálico erguido numa plataforma do morro do Corcovado. Era impossível calcular o tempo em que atravessaram aquela fulgente e nebulosa camada de nuvens. As imagens dos acompanhantes eram retas e duras, porém, logo mais principiaram a tremulejar, como acontecia às vêzes, nas transmissões im-

perfeitas de imagem concreta. Tamura viu a seu lado deslizar Jorge Alves e soube que, à medida que se aprofundavam pelas camadas, o calor se avizinhava, pois o tremor das figuras vinha do aquecimento progressivo. Era curioso como, sem o corpo, podia adivinhar que fizera muito frio, uma temperatura gélida e agora estava fazendo muito calor. Embora soubesse que estava fazendo calor, tinha a *consciência* da temperatura mas não a *sensação* que ela poderia produzir a seu corpo tão distante, naquele Rio escondido dentro da grande estrêla azul do planêta Terra, que pudera lobrigar, antes do rasgão irreal da névoa.

* * *

Todos juntos, uns sôbre os outros, como fotografias que se achassem superpostas, estavam agora numa exígua planície do áspero Norte de Vênus. Tamura percebeu as montanhas decepadas, o granito róseo, quase rente às nuvens, a paisagem desolada e agressiva, com fundos rasgões no solo cinzento; lá muito ao longe, defluindo do perfil da pequena companheira, ainda englobada ao todo dos viajantes, o jôrro de uma vegetação de líquens, que descia de uma parte dos montes para a planície, como no extravasamento de uma imensa taça partida, manchando de verde claro os confins do panorama.

Esta foi a primeira visão; em seguida, veio o desmembramento das *ânimas*, sôltas como fôlhas leves, num clima que Tamura sabia tépido, sem compreender o porquê dêste seu conhecimento. Talvez as névoas encobrissem de tal maneira os raios solares que cá embaixo, no extremo Norte do planêta, o solo de Vênus possuísse uma temperatura mais doce. Temperatura *amena*, do ponto-de-vista de um habitante da Terra. Mas Tamura não se enganava e, em cima da cabeça, o gás carbônico unido a outras composições constituía massa enorme de nuvens suspensas. Os gases irrespiráveis para os sêres humanos perfaziam aquêle dócil "protetor".

A luz, entretanto filtrava-se esplêndida e a paisagem era tôda ela uma clareira circundada por montes decepados e espectrais. As figuras dos companheiros começaram a tomar distância, subindo, descendo, voando, cada uma por seu lado. Uma pequena distância suficiente, entretanto, para que todos se vissem e se reconhecessem. Então, houve o primeiro

berro mudo, que ecoou dentro dêles de *ânima* a *ânima*, como choque aterrorizante, a fazer bambear as figuras. Estalou o grito que todos provaram em suas próprias essências, feito não de som, mas de um espavento que reboava em cada um dêles.

— "Mary — repetia Fraser — Mary."

E o diálogo se travou pela primeira vez, além dos lábios, pelo contato espontâneo das *ânimas*:

— "Que vem a ser isso?" — inquiriu Jorge Alves.

— "Mary virá aqui e seremos todos arrastados por ela. À noite, na prisão, eu ouvia seus uivos de bicho doente. Eu sei que Mary está aqui. Mary é uma cadela, atrás de mim. Não me larga."

E a mão transparente de Fraser apontava a vegetação esverdeada, com pavor.

— "Se você começa assim, estaremos todos muito bem. Aqui não há nem sombra de Mary, como você poderá verificar. Vênus não apresenta — nós vamos provar isto — nenhuma vida humana."

— "Minha mulher é agora um espírito como nós somos — êle tornava a insistir — e os mortos podem povoar as estrêlas como os vivos estão fazendo. Mary seguirá meu rasto até aqui. Ela pulará de estrêla em estrêla, se fôr preciso."

A jovem Marta conjurou a figura apavorada com um gesto cândido. As mãos embeberam-se na fluidez da mão de Fraser e ela lhe disse também com doçura, mas sem palavras:

— "Não pense em coisas más. Nós estamos sonhando todos juntos um sonho maravilhoso e você acordará logo dêsse nosso sonho. É um sonho, como o que tínhamos em nossas camas."

Pela primeira vez, Jorge Alves sentiu piedade pela pequena "intrusa". Fraser acordaria de seus sonhos em Vênus, todos despertariam e ela de seu sonho passaria àquele sono do qual a ciência ainda não soube dizer se é o fim de tudo ou...

O Professor Alves tomava as orientações de chefe do pequenino exército fantasmagórico, partindo à conquista mas não ao "desfrute" do planêta Vênus. Não poderiam ter trazido instrumentos, não poderiam colhêr amostras daquele

mundo soberbo e tétrico, com reflexos violáceos nas rochas e pequenas campinas lamacentas e negras, aqui e ali marcadas pela sombra das nuvens, agora postas em remoinho crescente num largo painel de violências. De espaço a espaço, um caudal de vegetais ou cogumelos, volumosos, semelhantes a cascatas, despenhava de um recanto qualquer das rochas, dentro das quais, as mais áridas, se ocultavam pequenos lagos oleosos.

— "Teremos de nos dividir em dois grupos. Como vocês sabem, a duração da Operação Ânima é de três dias terrenos mas, para a essência que nós representamos, o tempo não existe; não poderíamos determiná-lo de maneira alguma. Nossa busca tem um raio limitado de ação. Não nos devemos distanciar demasiado, pois no terceiro dia explodirá aqui o foguete anunciador da reincorporação."

Escolheu para que fôssem seus companheiros os mais frágeis e difíceis aventureiros da expedição: Fraser e Marta. Quanto a Tamura, levaria consigo os irmãos Dickinson e deveria partir em direção contrária à sua. A contagem das pequeninas explorações seria feita *de memória*, até o número 3.000, que um dêles deveria dizer para os companheiros metodizando a parcela de tempo.

De seu lado, Jorge Alves deu a Fraser a incumbência da contagem. Isto talvez o desviasse de seu terror da espôsa morta. Os três se distanciaram e logo se viram além da cascata formada de líquens ou cogumelos esverdeados. Principiava uma outra paisagem. Êles não tocavam o solo e, por vêzes, ao "esbarrar" um no outro, suas imagens se confundiam misteriosamente, num mimetismo que espantava mais que a própria e insólita aparência venusina.

Fraser ainda estava lá pela contagem dos 220, quando sem esfôrço algum chegaram ao tôpo de um daqueles morros, cortados como colossos mutilados. Viam-se tremulejando sob o bafo e a quentura que saía lá de dentro. Então, o desejo da descida do chefe bem se comunicou aos companheiros sem o sentido de uma ordem, mas como uma aceitação tácita. Êles escorregaram pelo interior brilhante, uniram-se uns aos outros na perspectiva que era rosada, depois vermelha, depois de um roxo sombrio. Haviam atravessado uma crosta poderosa, mas antes de que terminasse o declive pelo qual seriam conduzidos ao interior de um mar escuro de petróleo,

perceberam uma clareira úmida e escaldante de vapôres e lá ficaram inquirindo a matéria que brilhava por si mesma, mais faiscante que o ouro, mais luminosa que o diamante. Entretanto, não podiam experimentar a densidade do metal, pois seus dedos transpareciam na luminosidade das paredes da gruta. De qualquer forma, poder-se-ia saber que um metal, de resistência desconhecida na Terra, bem se encontrava ali em proporções gigantescas e constituía algo feérico, mais nobre que o próprio ouro, de uma ilimitada resistência ao calor.

O "relógio" Fraser, nessa altura, já somava pelos 1.600. Agora deveriam refazer a viagem, retornando à base que era a campina em que desceram."

* * *

Tamura viajou com os irmãos Dickinson — um dêles contando metòdicamente e o outro queixando-se o tempo todo de sêde, uma sêde de álcool, que aquêle mundo agreste nêle despertou. Não saberia traduzir numa mensagem sem palavras o que era aquela sêde cruel. Descobriram pântanos cobertos por nuvenzinhas negras e rasteiras. Conheceram uma sorte de flor de três pétalas, que cobria a vegetação primitiva da planura do Norte de Vênus, tôda encharcada, que visitaram. Tamura, de súbito, percebeu que um dos Dickinson, exatamente aquêle que não era o "relógio", esverdeava em tôrno à figura.

Nas aulas que tivera de Jorge Alves sôbre as experiências por que passariam na Operação Ânima, Tamura havia gravado aquêle perigo de "desincorporação". Por um motivo qualquer, a *ânima* repelia o mundo em que havia sido posta e tendia a uma reincorporação perigosa, fora da técnica usada por Jorge Alves. No caso de Dickinson, era a implacável sêde, que nêle descarregava um desejo tão desesperado de beber que as fôrças de sua *ânima* poderiam vir a arrebatá-lo; para longe de tudo, na fuga de possuir o corpo pelo qual pudesse satisfazer seu desejo monstruoso. Tamura percebeu o perigo, e quando o segundo Dickinson andava a contar por 520, êle simplesmente passou para o mais velho a ordem que o outro recebeu e incorporou à sua vontade:

— "De agora em diante quem conta é você."

Houve alguma relutância, mas êle compreendeu que nessa contagem estava sua própria sobrevivência, pois já esverdeavam as pontas de seus dedos e soube também que o sintoma de desagregação era evidente. Num esfôrço indizível, puxou para sua consciência a fileira de números seguintes. Seu inferno de desejo acabaria com êle. Precisava reagir.

Vencido êste primeiro obstáculo, o segundo grupo — o de Tamura e dos Dickinson — conheceu a pobre flora de Vênus, aquelas flôres que estrelavam brancas sôbre o caudal esverdeado. Depois disto, a subida ao tôpo de uma montanha da qual o Sol pôsto ao reverso alongava a sombra maciça e espêssa como a de um tapume negro sôbre a areia escaldante. Desertos e desertos mais longe, um fumegar de areias em suspensão, maltratando o solo.

— "2.500" — disse o beberrão Dickinson, com enorme esfôrço.

— "É tempo de voltar."

A ordem de Tamura eclodiu pelas consciências irmãs. Em breve, todos êles se viram juntos, novamente, na grande campina-berço, aquela em que ao comêço se aninharam uns sôbre os outros, imagens translúcidas, a principiar um onde acabava o outro. O método provara certo. Daí em diante fariam explorações individuais — mas sempre contando.

* * *

Quando o Sol abrandou seu fulgor, não por ter "caminhado", mas pelo acúmulo de nuvens negras, Marta que conhecera a história dos irmãos Dickinson, quis visitar a paisagem de flôres, ver o outro lado das montanhas. O Professor Alves a seguiu, então cronometrando a escapada, pois podiam cair no fixo mistério da eternidade, desligados no tempo.

Êle viu a figura da mocinha, as pernas finas, os cabelos negros, o vestido voejando como uma vela enfunada a subir e a descer a encosta do monte. Estava agora ao lado dela e sabia que uma euforia de vida reconquistada, de libertação, era experimentada pela criatura. Ao mesmo tempo, como num desenho impressionista, via-lhe os cabelos às costas e podia apreciar seu rosto fresco e rosado. Percebia seus cotovelos fininhos e as pontas de seus pés ágeis, deslizando em passadas miúdas sôbre a perspectiva da paisagem, numa

altura que seria a de meio metro acima do dorso da montanha. E depois, pôde vê-la "acariciar" as flôres, passando os dedinhos entre os quais as pétalas escorregavam, como vindas de dentro de uma parede de água. Era intensa a alegria de Marta. Naquele momento, pareceu a Jorge Alves haver descoberto na companheirinha uma ninfa tocada pelo volutuoso prazer de existir. Ela vinha e voltava, os pés ora abaixo, ora acima dos líquens e das flôres. Às vêzes, curvava-se como para respirar, num anseio impossível do que seria a experiência de um perfume desconhecido. E êle a viu assim, sorrindo, luminosa, feita flor, o rosto de menina misturada ao cenário: fresca, límpida, feliz como uma divindade. Foi exatamente nesse momento — andariam perto dos 3.000 — que Jorge Alves compreendeu: mesmo sem dispor de seu corpo, poderia vir a amar. Isto aconteceria, enquanto a uma distância interplanetária, numa encosta do Corcovado, seu *eu* físico permanecia dormindo? E aconteceria contra sua vontade, anteriormente tão prevenida com a intrujona sentimental?

Mas estas considerações pessoais não podiam, não deveriam desgastar a impressionante prova científica. Depois, foi a vez do afastamento dos dois cientistas sôltos, escapando como insetos ligeiríssimos, observando, aqui e ali, efeitos impressionantes das nuvens. Mais além, estudaram uma sombra gigantesca. Deveria medir talvez centenas de quilômetros. Constituía-se de poeira escura, semelhante à do carvão. Era um pouco obsessiva a teoria da contagem, mas quando um parava, o outro recomeçava a contar, porque a *base* não poderia ficar muito distante. Pelo *tempo* em que estavam, fizeram apreciações sôbre a duração do dia em Vênus. Na opinião de Tamura, seria equivalente a perto de um ano terreno, o que contradizia a última palavra da Ciência oficial, na Terra. Por tôda parte, neste Norte de Vênus, montanhas altas e decepadas, como monumentos destruídos. A areia cá e lá com brechas fortes e, de longe em longe, a tinta inesperada de uma vegetação estalando aquela única flor sôbre a qual a pequena Marta desatara a sua alegria e sua dança estontecida. Bem mais adiante, o deserto, com suas nuvens tórridas.

Quando voltaram, os outros estavam às voltas com Fraser. Difícilmente seria possível individualizar suas fi-

guras apegadas às dos companheiros, como deuses orientais, onde pernas e braços sobressaíam do conjunto colorido. Todos procuravam a uma só vez convencer Fraser de que êle havia tido uma alucinação: a morta não andaria por Vênus. Nenhuma religião seria capaz de apontar êste fenômeno de uma alma perdida, e sem corpo, a voejar pelo planêta, assombrando quem lá aportasse. Até mesmo os espíritas tinham a teoria da *encarnação.*

O Professor ficou perplexo ao ver daquele *sabat* do desespêro, aquêle diálogo das almas irmanadas na mesma aflição, estalar a bênção de um pensamento de Marta:

— "Fraser, você vai voltar para fazer muito boas coisas no mundo. Você *sentirá* o perdão de Mary, tenho a certeza."

Com êste impulso, bem se desfez o conjunto formado daquelas *ânimas* sofrendo e vivendo a consciência de um único sentimento.

Porque não tivesse corpo, porque a palavra não fôsse mais o objeto da distância entre os homens, Jorge Alves soube que Marta havia comunicado uma coisa simples, mas capaz de pacificar aquela explosão interior, e sentiu também que havia, no desapegar de *ânima* para *ânima*, ao recuperarem suas formas, a aurora de uma esperança diferente.

* * *

Muito mais tarde, comentaristas diriam que a Operação Ânima, usando de apenas dois homens de elevada cultura científica, contendo no conjunto apenas um intelectual, mas decididamente neurótico, não poderia prestar os serviços a que bombàsticamente a representação brasileira bem se propusera na tumultuosa sessão da ONU. Os terrenos não queriam aceitar aquela verdade de um mundo monótono, abafado por nuvens maléficas, dilacerado pelo excessivo frio nos pólos tempestuosos, com seus intermináveis desertos lúgubres, corroído pela quentura de caudais destrutivos.

Mas até mesmo os irmãos Dickinson, souberam guardar na memória aquêle céu de brumas opalescentes, com tem-

pestades remotas e a experiência do calor pelo tremulejamento de suas *ânimas*.

Quando veio o *terceiro dia*, no qual um foguete mancharia de violeta a paisagem do vale onde haviam *descido*, aconteceu a sublevação de Marta.

Todos eram um só pensamento que aguardava, na multiplicidade de suas *ânimas* reunidas, o grande borrão de nuvem roxa a anunciar o término da Operação.

Marta adejou graciosamente para fora do conjunto. Como uma borboleta brilhante, sua figura se desgarrou e se perdeu nos ares brumosos. Jorge Alves a perseguiu na mesma direção:

— "Volte — disse êle — dentro de três contagens no máximo, será o momento em que todos devemos estar juntos: você sabe que a distância e o tempo para nós agora são impossíveis de medir."

A cabeça escondida por nuvenzinhas, agora cintilando de cristais de granizo, a parte de cima de sua imagem embebida naquele nevoeiro faiscante. a môça lançou uma risada que só repercutiu dentro dêle como se êle próprio sorrisse.

— "Estou muito bem aqui e não quero voltar."

— "Louca — manifestou o Professor. — Dentro em breve, muito mais cedo do que você poderá supor, já que a medida terrena dos tempos não é mais a nossa, sua figura irá empalidecendo, pois a *ânima* guardará durante muito poucos momentos a forma do corpo humano. Louca! — êle insistia — você perderá a sua figura! Desaparecerá!"

— "E o que tem isto? É bom existir como um pouco de nuvem, como o fogo do céu ou as coisas que nada têm de ver com a figura dos homens. É bom viver, de qualquer maneira — disse ela. — Eu quero continuar a viver e não quero voltar."

— "Venha — respondeu-lhe, e o desespêro de Jorge Alves a alcançava também, nessa discussão posta além da palavra humana. — Não posso deixá-la aqui."

— "Mas eu vou morrer, você sabe que eu vou morrer, e então a minha sobrevivência será uma dúvida. Eu não creio no céu, como outras pessoas. Aqui, Jorge, eu poderia perder a minha figura, mas estou certa de que jamais dei-

xaria de sentir a presença das coisas vivas que estão neste mundo."

Jorge Alves tentou a violência dos homens contra a teimosia das mulheres, mas seu braço apenas fundiu o ombro magrinho da menina que lhe dizia dentro de sua própria consciência:

— "Volte sòzinho, não tenha pena de mim."

E aquilo doeu nêle com a fúria de uma piedade desconhecida.

Ah! o tempo de Vênus não seria, mesmo, o tempo da Terra. Êle desenlaçou a figurinha de Marta e desceu vertiginosamente para junto dos companheiros. A neblina a havia engolido totalmente. Foi vendo Fraser, Tamura, os Dickinson. Todos juntos inquiriam com espanto enorme e pavor obsessionante o céu manchado do lado Leste por uma explosão violácea. O Professor Jorge apenas mostrou a direção na qual deveriam mover as figuras. Seria para o lado da grande chaga arroxeada, aberta pelo foguete na região Beta dos céus de Vênus. Os irmãos Dickinson juntos partiram e se distanciaram com uma velocidade de insetos atraídos pela luz. Fraser e Tamura, em seguida, num impulso ativo e célere, juntaram suas figuras àqueles já indistintos companheiros varejados em suas silhuetas pela violenta luz arroxeada.

Jorge Alves sentiu ecoar em sua consciência antes dêste desgarramento:

— "E você?"

Êle estava impulsionado e viajava ao contrário, redescobrindo o nevoeiro onde Marta era agora uma criança, brincando nas espumas de um mundo de brinquedo, cintilante de lâminas geladas.

— "Ainda é tempo" — disse êle.

Ela veio para a essência de Jorge como a água para a sêde de alguém. Foi uma fusão perfeita. Numa eternidade, o universo todo contou para os dois a glória feérica de existir. Juntamente deslizaram para a planície. No céu, a Leste, a explosão sangüínea não havia deixado qualquer sombra ou côr. Tudo era névoa. Seria impossível saber em que direção estaria vibrando a corrente capaz de reincorporar suas *ânimas*, na volta ao planêta Terra. Talvez isso já

houvesse ocorrido há tantos, tantos minutos ou anos, ou acabasse de acontecer.

Não foi triste, pois já agora haviam deixado de contar, e se desligavam assim, do tempo do planêta Terra. Latejavam um no outro e foram possuídos por um violento êxtase, que sucedeu até mesmo além da ocasião em que os cabelos de Marta deixaram de existir, em que a mão poderosa de Jorge Alves deixou de fundir-se ao talhe fininho de sua companheira.

* * *

Um a um, êles foram recobrando a côr, sob atenta direção de Borges. Todos êles, descorados como mortos, foram como que iluminados violentamente, pelas fulgurações que se desprendiam dos corpos em clarões curtos até o reaparecimento e, por fim, o despertar. O próprio Tamura estava de faces coradas, quando descerrou os olhos e pôde abrir sua câmara vidrada. Mas, apesar de todos os esforços, Marta e o Professor Alves, permaneceram imutáveis, gelados.

Durante alguns dias, Borges e seus auxiliares tentaram, desde expedientes científicos até invocações místicas, presididas por um santo homem da Índia, secretamente levado à platibanda do Corcovado. Em vão. Ao estado de sono profundo, com um levíssimo bater de coração, tanto Marta quanto Jorge Alves passaram à morte comprovada pelo exame nos cérebros, providência tomada quando alguns médicos assistentes garantiram que êles *ainda* estavam em estado de hibernação.

Houve grande afluência na recepção aos viajantes de Vênus. Guardou-se, durante alguns meses, o segrêdo. Borges, obstinadamente, reivindicou o sigilo possuído por uma sorte de escrúpulo científico, enquanto se renovavam as experiências reanimadoras dos corpos de Marta e de Jorge Alves.

* * *

Nunca mais o Brasil reivindicou na ONU outra oportunidade para uma Expedição Ânima. Borges, sòzinho, não saberia repetir o feito do jovem Professor Alves. O que

ficou de mais curioso sôbre esta até hoje histórica expedição, foi o livro de Tamura: "O Planêta dos Amantes".

Quanto aos companheiros, dizem que um dos Dickinson morreu de beber, logo depois de ter sido *reincorporado;* que o outro foi tocado por uma centelha mística, assim como Fraser, intitulado posteriormente, o "Venerável Fraser da Califórnia". Sustentava êste que, sem o corpo, a *ânima* conhece, enfim, os abismos de seu êrro. Até velho, pregou e edificou por onde andasse, como um missionário do Cosmos.

A derradeira imagem desta aluvião de acontecimentos, que se seguiram à volta do planêta Vênus, foi um instantâneo de Tamura, apontando o sumário "mapa" por êle feito do planêta Vênus. Numa emissão em imagem concreta, fechou assim sua entrevista:

— "Não quero saber, nem posso fazer uma idéia de como será a existência de Marta e do Professor Alves. Mas que êles ainda estão *lá — isto êles estão.*"

A FICCIONISTA

(Narração de um Filho de Laboratório)

Inquiram, benzinhos, os mais famosos cérebros eletrônicos das Universidades, o consultor máximo do Estado — a respeito de Jonas André Camp, cognominado, como vem logo nessas respostas em série: o *Pai da Ficcionista,* se quiserem a *respeitosa* legenda. Se quiserem, porém, a verdade, em cama e mesa, eu darei todos os pormenores. Há gente que diz: — "Nasci nos montes, sou um bicho da serra." Há também quem diga: — "Nasci perto do mar, sou um caranguejo da praia." Pois eu fui, além de ter sido filho de laboratório, uma espécie de traça da roupa de Jonas André. Conhecia-o até pela débil resistência do tecido, e por aquêle bafejo de poeira de papel de que já estava impregnado. Criei-me ligado intimamente à sua pessoa, sabendo que ninguém jamais me veria em minha pequenez Deixem-me buscá-lo *como era,* em seu escritório, onde se desdobrava de si mesmo, como um artista fabuloso.

Darão licença, com todos os seus preconceitos contra a raça daqueles que não vieram da cama, para que eu diga: *parecia mais um palhaço do que um sábio!* Pois ainda mesmo que não me autorizem a blasfêmia, é o que direi. Calvo, uns tufos de cabelo que vi pratear e branquear acima das orelhas, o nariz escorregando sôbre os lábios que não decaíam com a idade, mas que subiam, nos cantos, era inteiramente diferente de seus lisonjeiros retratos. Aparentemente distraído, êle gostava de dar os saltos mais inesperados, e jogava com o susto para impor seus pontos-de-vista aos interlocutores. Era comum vê-lo andar lentamente, serenamente, de costas para as visitas, e, de súbito, deslizar, altear a voz sempre velada, e dizer uma grosseria ao visitante. Não se choquem, donzéis. Não disse que só diria a indecente da verdade? Êle sabia muito bem como

ferir o próximo, e em que exato momento. As graves importâncias, que desfilavam nas poltronas, vinham róseas, escanhoadas e pulcras, de vincos nas calças, cheirosas. Essas personalidades costumavam encerrar suas entrevistas, inteiramente confusas, suarentas, amassadas e, se eu não receasse a minha memória de meninote, diria que até mesmo de barba crescida, em seu arrasamento, como às vêzes sucede com os defuntos, cujos pêlos crescem com os primeiros sinais da devastação.

Desde êsse tempo longínquo, em que a *Ficcionista* era apenas objeto de uma teimosa arenga de Jonas André, eu já estava rente a êle, os olhos abertos para aquêle espetáculo para mim sempre delicioso, daquilo que chamam de dignidade ofendida, de amor próprio ferido. Sua teoria era esta:

— "Muitos homens acreditam que só as (...) humilhadas podem reagir convenientemente. Pois eu não faço distinção entre sexos, nesse particular e, para mim, enquanto subsistir isso que chamam de respeito nas relações, um homem nunca se afirma perante outro. Humilhar, eis a questão."

Eu tinha, então, muito pouca idade para estranhar êsse processo pelo qual Jonas André iria conseguir o capital fabuloso de que carecia. Mas um dia, como já me permitisse ter algumas idéias, não de todo parecidas com as que deveriam iluminar um ente criado dentro daquela atmosfera impregnada do espírito solar de Jonas André, disse-lhe que uma criada me revelara que "com vinagre não se apanham môscas", fazendo uma longa exposição, que me pareceu bem acertada, sôbre o assunto.

— "Pois eu lhe digo que isso é uma burrice pegajosa, e você deve livrar-se dela. Se há prostitutas (eu já sabia muito sôbre elas e seus nomes) ... se há invertidos (também já estava inteiramente informado a êsse respeito) ... se há criminosos, é que êles desejam, mais do que o lucro, do que a satisfação de suas naturezas, do que a vingança que mencionam, êles desejam chegar ao *êxtase* supremo que é a humilhação, sentimento cada vez mais difícil de ser experimentado."

E por mais que se escandalizem, benzinhos, que importa? Devo render minhas homenagens, a meu modo, a êsse Príncipe do Conhecimento Humano.

Jonas André conseguiu espatifar tão bem com Sálvio Marconi, dentro dêsse processo, que êle se tornou o glorioso, o para sempre louvado Mecenas da *Ficcionista*. Não me lembro mais, exatamente, das honrosas contundências na amigável palestra sôbre os começos de sua fortuna e a moral de sua família, que a *Ficcionista* arruinou, totalmente, como se sabe. Lembro-me de que Jonas falava mal de todos, quando queria arejar um pouco a conversa, tentar um começo de cordialidade. Um dos seus argumentos mais felizes, nessas ocasiões, era de que tôda *gente detesta gente* e que até hoje a Arte do mundo só tem feito com que o homem recorde o que mais deseja esquecer: seu *próximo*.

Então, perdia o seu jeito histriônico, e por momentos parecia um bom pai sonhador, desejando o melhor futuro para a prole:

— "A *Ficcionista* será um grande respiradouro. Vícios e neuroses se acabarão. Paixões de tôda a espécie serão *exorcizadas* (êle fazia uma carêta) e a História passará aos Tempos Benignos, depois de emergir de séculos e de séculos dos Tempos Conturbados. Todos os principais problemas do Homem serão resolvidos..."

O Ilustre-Visitante-Qualquer, que por fim se tornou o nosso nunca assaz louvado benfeitor, ponderava:

— "Mas... é uma ilusão... E talvez nós pudéssemos fazer mais pelo Homem se... se resolvêssemos o problema da fome... ou se criássemos *não o sonho*, mas a resposta às suas indagações. Perdão, mas eu não concordo..."

O pai amantíssimo, encarnado por Jonas André cedia, então, lugar àquele gênio da grosseria, num repente costumeiro:

— "Pois as *indagações* que vão à (...). O Homem é um desgraçado, por natureza, e não sossega enquanto não fôr enganado convenientemente. Pois nós lhe vamos dar a *Ficcionista* e êle não quererá saber de outros engodos. Da religião, da paixão, do amor... Quer saber mais? É possível até que a *Ficcionista* o livre da *cama*. E isto seria, sem dúvida, a sua maior vitória num mundo abarrotado de gente, que detesta gente, e cada vez produz mais gente detestável."

Jonas André não se referia aos que vinham ao mundo como eu, pois ainda éramos uma pequena minoria.

Êle caçava o olhar do visitante confuso. Captou-o, cobrou-o ao seu:

— "Ainda não lhe posso dar senão uma longínqua idéia do que seria a *Ficcionista*. Mas você é bastante infeliz, meu pobre amigo, e bem merece uma experiência, ali ao lado. Terá, assim, em sua desgraça, um longe de consôlo e uma anunciação do que virá a ser o paradisíaco invento dos Tempos Benignos."

Jonas André deu ainda uma última olhadela sôbre o *desmonte* de Sálvio. No momento, êle repuxava o pescoço e, com todos os seus milhões, era mais um pobre diabo de nossa triste procissão.

— "Acompanhe-me. Vai fazer um teste — disse Jonas caminhando lépido, à frente do magnata das Rêdes Marconi de Imagens Concretas. — E verá que até mesmo êste brinquedo — isto que lhe vou mostrar, comparado à *Ficcionista*, está como o foguete de seu filho para um comboio espacial e é cem vêzes maís atraente do que sua velha Imagem Concreta."

Como eu ficasse para trás, sem saber que estava testemunhando a História, Jonas André me estimulou com o apelido carinhoso de que eu mais gostava:

— "Coisa — venha você também."

E agora vou fazer uma pausa.

Não gosto dos olhares de vocês. Acham que eu sou um verme, mas pensam que precisam de mim, heim? Era assim mesmo, era bem êsse Jonas André que conheci. Se êle me chamava de *Coisa*, às vêzes adoçava, e lá dizia um *Coisinha*. Ah, se êle conversasse com qualquer um de vocês, como iriam traduzir isso que chamam de *respeito* por um gênio? Olhem, pundonorosos efebos, êle seria bem capaz de lhes dar e a êsse belo sentimento que invocam, o nome de ... Mas por que vou perder tempo com vocês? Estou aqui para desembuchar a verdade. E foi assim. Quando Sálvio passou à sala contígua, olhou atentamente o pequeno aparelho colocado em cima da estante. Dêle pendiam duas chapas metálicas circulares, ligadas por um fio. Havia uma cadeira junto.

— "Traga uma para você também. Coisa. Eu apago a luz..."

Jonas devia estar animado. Via-se pela insistência da ternura.

A voz de Sálvio, daí a segundos, em pura covardia que se quer fazer de ânimo, vibrou no aposento:

— "Hei, já fiz um completo exame cerebral... (*) *Vide nota da recolhedora do relato.* Sou normalíssimo. Que é que pretende investigar?"

E riu, ou rosnou, enquanto — eu sabia, pois aquilo era a minha rotina — Jonas colocava a chapa circular em sua cabeça. Eu agarrava o diadema de cobre e o apertava na testa. Já estava ligado o aparelho. Mal se sentara, e ouvira o declique. E como sempre acontecia, a coisa principiou por um arrefecimento do cérebro. Tudo branco, os pensamentos se evaporavam, dentro de mim. Eu me esvaziava, me purificava de qualquer idéia. Depois, como se nascesse de nôvo, me vi numa praia, de madrugada, com três meninos chineses. E corríamos, e havia uma pescaria, e barcos sem conta, coloridos, vinham chegando, emergindo da névoa rosada. Então, eu participava já de uma festa de pescadores. Um dos três meninos havia ficado para trás. Eu procurava por êle e o descobria gravemente estudando, meio encoberto por um pequeno monte de areia, o amor de dois noivos, seus beijos, sua sôfrega espera do que lhes seria o bem maior.

Estão gostando, heim, donzéis? Pois eu estou vendo que à simples recordação me faço até mais inteligente. Pode ser que tenha colaborado, avivado um pouco as côres, só para lhes fazer água na bôca. Por exemplo — essa *sôfrega espera* foi idéia minha, agora. Creio que os noivos se beijavam mansamente e se enlaçavam lentos e apenas ternos, na redoma do barco.

Foi aí que ouvi nôvo declique. A luz se fêz. Mas Sálvio continuava imóvel na cadeira.

Jonas André desapertou-lhe a chapa, retirou-a de sua cabeça e êle continuava, parecia, em hipnose. Por fim, respirou fundo e disse:

(*) *Nota da Recolhedora: as pesquisas no futuro anterior revelam que os exames cerebrais serão ainda bem semelhantes ao eletroencefalograma.*

— "É uma loucura. É uma loucura de beleza! Mas — e se voltava para mim. — Estamos esperando saber o que aconteceu com a festa na Espanha."

Aquêle dualismo sempre me divertira:

— "Para mim foi na China... acredite."

— "Qual nada! Havia até três meninas espanholas, bem morenas, de pernas nuas, que corriam comigo. E uma delas aprendia, espiando para dentro de um carro, onde havia noivos que se beijavam, como se ama de verdade..."

— "Para mim eram três chinezinhas. E os noivos estavam no fundo de uma barca..."

— "Absurdo total... Eu *vi!*"

Jonas André quase puxou Sálvio da cadeira. Estava eufórico, mas sua voz era disfarçada em displicência...

— "Mais tarde faremos outro teste. Agora... isto aqui está tão abafado que se sente até cheiro de sujeira de gato. Vamos à outra sala, que eu lhe tenho de explicar algumas coisas."

Mas seus frágeis dedos, brancos e evanescentes, dentro da meia obscuridade, tateavam Sálvio já com uma ufania de posse; eram pálidas garras que haviam encontrado a prêsa.

* * *

Vamos queimar as etapas. Sálvio já havia sido inteiramente encampado por Jonas André, como até uns ingênuos iguais a vocês poderiam ver. Essa encampação se tornou evidente pela multiplicidade do noticiário, entrevistas, enfim, pelo mais assombroso movimento na rêde de Imagens Concretas. Primeiro, foi só sôbre os Raios Camp.

Ei, meninos, vocês já estão fartos de saber o que são êsses raios, mas, naquela época, era novidade, lembrem-se. Jonas André Camp havia descoberto o raio que permitia estudar tôda a dinâmica do pensamento humano, aquêle, pelo qual, em ondas *merk*, duas pessoas podiam, ao mesmo tempo, viver a mesma idéia — e não apenas isto, já que tais estudos iam adiantados nesses dias em que seus avós freqüentavam o colégio. Mas aquêle velhinho dos velhinhos — que em sua divulgação em Imagem Concreta era o mais suave, o mais doce, o mais simpático dos velhos, já tateava

no rumo da propaganda de seu invento. Seria possível realizar, mecânicamente, uma transmissão sistemática que oferecesse o maior espetáculo jamais visto ou ouvido pelo homem, mas *vivido*, realmente em seu *interior*? Seria possível a total vivência na Arte?

Era ainda moda nesse tempo, meus anjos, um gênero que chamavam de *Science Fiction*, e houve quem fizesse sátira, dizendo que o múltiplo velhinho das Rêdes Marconi das Imagens Concretas estava fazendo mais Ficção do que Ciência.

Recordo-me de que muitas vêzes assisti a seu lado a emissão de filmes em Imagem Concreta e aquêle homem com que participava, como já disse, da mais estreita e indissolúvel intimidade, então me causava assim uma espécie de interêsse meio assombrado. Êle adorava ver-se em entrevistas retransmitidas nas Imagens Concretas, e estalar sua tênue figura dentro das sombras da casa. Era um narcisista e me perguntava sempre:

— "Não acha, Coisa, que eu concretizo muito bem?"

Com a marcha, porém, dêsse alastrante movimento das Rêdes Marconi, começou a tombar a última resistência em relação à transmissibilidade dos Raios Camp. Entretanto, Jonas André teve, até chegar a êsse ponto, de passar por algumas dificuldades. A verdade é que duas das primeiras experiências de transmissão, para a cadeia formada por Sálvio Marconi, naufragaram, pelo menos, parcialmente. Algumas das pessoas submetidas ao teste de impregnação da história tiveram apenas o *branco* em suas cabeças, isto é, caíram num lapso de memória e de vida interior, enquanto outras normalmente aceitavam o episódio transmitido, oferecendo-lhes a riqueza de seu inconsciente que colocaria os pormenores. Foi então preciso saber o que significava esta espécie de muro de defesa da consciência contra a circulação dos Raios Camp. Defeito de transmissão? Ou haveria algum cérebro totalmente fechado à penetração dêsses raios? Felizmente, não havia. Era uma ínfima questão técnica, com que não vou perder tempo agora, e que significou êsse isolamento da corrente de raios. O plástico, por exemplo, podia transformar-se em *agente protetor contra a ação dos raios*, e assim em fator de insucesso. Desde êsses tempos, que seriam os últimos, antes da abertura dos proclamados Tem-

pos Benignos, a dinheirama de Sálvio começou a correr. Primeiro, foram os cientistas, os professôres, os políticos, tôda uma ilustre corja que recebia dinheiro das mãos de Marconi para essa monumental sacudidela na opinião pública, antes do famoso lançamento comercial de... A *Ficcionista.*

* * *

O nome não foi escolhido pelo gênio. Não, minhas belezas. O nome veio assim meio espontâneamente, como nasce uma piada, como circula uma anedota. Foi na fase um tanto adversa, atravessada por Jonas André Camp, quando êle se referiu, embelezado e espigado pelo operador sabujo da Imagem Concreta, que seria possível construir, utilizando-se os Raios Camp, uma emissôra como Centro da Ficção, e de onde, segundo Camp, viria para o ser humano, *um êxtase jamais atingido por qualquer espécie de Arte.*

Perguntaram-lhe, na série de questões que choviam de todos os cantos do país — se aquêle Centro seria afinal mais um dos velhos e inumeráveis cérebros eletrônicos que se viam, já meio esquecidos, nas universidades, nas repartições públicas.

— "Não — disse André Camp — nada disso. Os cérebros eletrônicos são uma sorte de fria presença da Ciência, mas meu empreendimento não visa às bôbas respostas certas que nós temos em tôda parte. O sonho é condição normal e essencial na vida do homem. *Cada vez sonhamos menos.* As estatísticas provam que a gente de nossa época sonha um quinto menos do que sonharam os nossos pais e já — vejam bem — menos da metade do que sonharam nossos avós. — A Humanidade está-se reprimindo perigosamente, e eu pretendo através dos Raios Camp, em nossa Central da Ficção, fazer circular as mais imprevistas, mais excitantes, mais absorventes, mais inesquecíveis histórias (variando sempre de receptor para receptor) de que o mundo já tomou conhecimento."

Nessa ocasião, um gaiato perguntou:

— "Quer dizer que essa máquina... Quer dizer, então, que o senhor vai construir uma *Ficcionista*?"

— "Sim — respondeu Jonas André. — Vou construir a *Ficcionista* de tôdas as Ficções e, para essa realização inigualável, quero obter auxílio dos mais ilustres e conhecidos autores desta Nação. E mais ainda: as Rêdes Marconi estarão, de amanhã em diante, espalhando aos ficcionistas de todo o mundo a minha mensagem, para que cooperem na organização do Inconsciente da nossa Central."

* * *

Sim, urgia construir, meus espantados donzéis, o fabuloso, o inesgotàvelmente rico Inconsciente da *Ficcionista*. Não seria possível — e o público se cansaria fàcilmente, se, através dos Raios Camp, lhe chegasse algo como o episódio linear que assegurara a vitória sôbre Sálvio. Não seria possível mandar, eternamente, historinhas ingênuas, que uns fariam passar na Espanha, outros na China. A *Ficcionista* deveria ter assegurado, antes de mais nada, um fabuloso tesouro de invenções. E, para que isto circulasse, na delicada engrenagem do pensamento humano e se fizesse vivência, seria necessário que muita gente diferente trabalhasse com Jonas André Camp. Para tal fim, a retórica esmagadora de Jonas, na intimidade, não seria suficiente. Para isto, urgia fazer correr um verdadeiro mar de cifras.

* * *

Mau grado as dificuldades domésticas — e por isso mesmo, segundo Jonas —, Sálvio Marconi se dissolvia em dinheiro, enquanto o gênio lhe dizia palavrinhas amistosas e gentis sôbre as mais que prováveis infidelidades da mulher:

— "Afinal — sustentou êle — você é apenas mais um engano na lista dolorosa dos homens bem sucedidos em nossa terra. Seu único consôlo será poder passar todo mundo para trás. E isso nós iremos fazer brilhantemente. E você ainda ganhará dinheiro, como nunca pensou que poderia ganhar."

De repente, no tôpo da onda de arregimentação de escritores, o *slogan* já sendo espalhado: "Todos os ficcionistas para a *Ficcionista!*" surgiu, sem se saber, ao começo, se seria um espertalhão para aproveitar, em reflexo, a notoriedade

de Jonas, ou um apóstolo de idéias caducas, o sensacional "Vaca Sagrada". Seu nome era Mário Regente. Morenão, enorme, fabuloso, era uma torrente de palavras vivas e acusadoras.

Concorrentes de Sálvio mandaram as imagens concretas do opositor da *Ficcionista* aos quatro cantos do país. Êle se dirigia, patèticamente, aos colegas escritores:

— "Até aqui — dizia o "Vaca Sagrada" — nós temos sido um tanto absorvidos pela técnica e nossas histórias já nos pertencem muito mal. Mas, eu aviso a todos vocês que estão trocando inspiração, sangue e alma, por um pouco de dinheiro — realmente muito pouco, se se considerar que vocês estão perdendo tôdas as oportunidades de sobrevivência."

E o "Vaca Sagrada", às vêzes, usava piadinhas absolutamente desprovidas de graça, com aquela sua voz de profeta·

— "... A *Ficcionista* causará mais prejuízo à glória das Letras do que tôdas as Academias fundadas e por fundar."

Dita a graçola, os olhos meio orientais do "Vaca Sagrada" luziam concretizados no primeiro plano:

— "Meus colegas, meus irmãos — a *Ficcionista* poderá vir a ser o nosso fim!"

Em tôrno do debate apareceram figuras menores, das quais, débeis meninos, não guardei nem sequer os nomes. Uma dessas personagens diria que "um ficcionista é um ficcionista, é um ficcionista"... E que Mário Regente não havia conseguido uma única história que valesse a pena reter. Então, se os mais notáveis escritores já estavam trabalhando para a *Ficcionista*, que importância tinha a opinião de um indivíduo sem qualquer mérito — literàriamente falando? Todavia, com sua pele azeitonada, sua voz de trovão, seus passionais olhos veludosos, o "Vaca Sagrada" foi arrastando alguns escritores para a sua posição.

Quando as coisas estavam neste pé, procurei descobrir um Jonas André diferente em sua fraqueza. Êle deveria estar bastante aflito, o que constituiria uma novidade para mim. Aí, sim, bichinhos, êle me pareceu preocupado:

— "Minha fé na capacidade de humilhação do ser está em jôgo. Se eu perder desta vez, perco tudo. Creio mesmo que terei de refazer tôdas as minhas noções sôbre o comportamento humano."

Inculquei-lhe:

— "Mas os escritores, sem dúvida, representam uma elite. São mesmo chamados a suma de tôdas as elites. São sêres excepcionais."

Êle estava de costas para mim e se voltou, com o costumeiro trejeito de palhaço:

— "O que é um escritor? Ou melhor, o que é um ficcionista? Um ser aparentemente amadurecido, mas que acredita bastante nas mentiras que prega. Uns neuróticos, são êles todos, capazes de viver as suas fábulas... Pois bem: direi que é mais fácil enganar um escritor do que qualquer outro sujeito. E, obscuramente, o instinto da humilhação de que já lhe falei, nêle fala muito mais alto. Oitenta por cento das histórias correntes atestam sôbre vivências decepcionantes e malogros experimentados. O escritor prefere as experiências negativas e não faz outra coisa senão contar pormenores desabonadores para êle próprio. Esta é a regra geral para os tais que se dizem mais *perto da vida*. Quanto aos outros, aquêles que se vangloriam de fazer *ficção pura*, são ainda mais neuróticos do que êsses, portanto, mais fáceis ainda de serem enganados."

Guardei estas palavras como o resumo de tôda sabedoria campiana. Jonas André Camp tinha sempre razão. O "Vaca Sagrada", que chegou a reunir um respeitável grupo de literatos, foi aos poucos perdendo terreno. E, em breve, um tipo que assumia a *terceira posição*, diante dêsses debates, chamou a atenção geral:

— "No atual avanço da Ciência, há tantas maravilhas para serem alcançadas pelo conhecimento humano, que não concebo mais a perda de tempo com a Ficção. É no próprio progresso científico que a Humanidade encontra o seu êxtase. Os ficcionistas serão destruídos, pròximamente. Mas não por essa ridícula Central de Sonhos. Ridícula, principalmente, por se tratar de uma experiência que eu reputo romântica num tempo de seguras aquisições científicas."

Com êste, Jonas ficou zangado. Mas, por pouco tempo, porque as "adesões", melhor diria, as compras de ficcionistas iam prosseguindo normalmente. O presidente da Academia, Nicolau Célia, fechou contrato com Jonas André para utilização das suas principais obras. E com muita ele-

gância, nós o vimos surgir em nossa sala concretizado pelas Rêdes Marconi, a expor seus pontos-de-vista:

— "Cabe-me, aqui, como presidente da Academia, relatar a palavra desta instituição, diante do projeto de Jonas André. Nós somos, apenas, nós, os escritores — os intérpretes de um único espírito, de uma única inteligência, que visa à cultura de todo o povo. Estamos seguros de que a nossa ação não individualista, vejam bem, através do chamado "Inconsciente" dessa máquina tão seguramente planejada pelo gênio de Jonas André Camp, tornará melhor o homem em si mesmo. A Academia, acusada de ser vaidosa, dá, assim, uma prova de humildade, dentro do interêsse cultural de nossa terra. Acredito mesmo que a *Ficcionista* venha a ser um poderoso viveiro para os escritores do futuro. Creio que ela deverá despertar vocações desconhecidas até hoje."

Com êste discursinho, Jonas André vibrou. Deslizava, saltava sob o impacto de sua alegria:

— "Estão no papo!" — gozou.

Um mês depois, o "Vaca Sagrada" tinha um distúrbio circulatório (*) e era levado para o mais próximo hospital espacial, onde suas células ficaram em repouso, enquanto o movimento de repulsa à *Ficcionista* descia progressivamente, até cair a zero.

Sálvio Marconi obteve com o seu *prestígio* várias coisas realmente importantes. Conseguiu comprar o antigo Palácio dos Governadores para a empreitada da *Ficcionista* e, em seguida, moveu os políticos. Uma lei foi proclamada na Câmara, e tratava de maneira extremamente tocante, para nós, dos interêsses da Fundação Jonas André. Por essa lei, seria crime contra o Estado qualquer dano material, ou ainda qualquer acusação visando à desmoralização do invento. A intangibilidade da *Ficcionista* fôra assegurada.

Passamos, então, a uma fase de furioso trabalho com o material recebido e dirigido para os vários setores do Inconsciente. Nessa arregimentação de tôda ficção conhecida, Jonas André fêz sobressair seus pontos-de-vista; por que apenas a Ficção Pura? Seria necessário recolher o Folclore

---

(*) *Nota da recolhedora do relato: "Minhas pesquisas no futuro anterior provam, também, que os distúrbios circulatórios continuarão a ocorrer, aliás com mais freqüencia do que hoje."*

com as lendas de todos os países, e mais o conteúdo das Religiões. O ópio estava sendo convenientemente armazenado. E os mais credenciados escritores foram coligidos, juntamente com grosseiras anedotas ou róseos relatos de viajantes siderais. O Inconsciente da *Ficcionista* dispunha de tudo: do sensualismo das lições do amor do Oriente, das féericas narrações interplanetárias, das íntimas revelações de romances de costumes, de satânicas e antigas feitiçarias, ou ainda de vigorosas vivências de heróis, de mártires e de santos.

Conheci muita gente ilustre, nesse tempo que, às vêzes, me tratava mal em meu trabalho, pelo fato de saber que eu era um filho de laboratório, e às vêzes me tratava bem demais, pelo mesmo motivo — pois a verdade é que nunca fui tratado com perfeita naturalidade por quem quer que fôsse.

Meus inocentes — conheci, então, criaturas aparentemente tão diversas, mas tão especialmente parecidas em sua concordância em valorizar, *ao máximo, o trabalho intelectual!* O Departamento de Direitos Autorais era um sorvedouro, um abismo de dinheiro. Foi ali, diante dos juristas da *equipe*, que eu conheci a minha Márcia. Não era uma ficcionista. Nem uma erudita. Era uma môça que trabalhava para nós, resumindo lendas e costumes da Amazônia. Fora isso, uma gata. Branca, de olhos verdes, silenciosos. Márcia foi para mim a revelação da mulher. E ainda que tivéssemos trabalho até o pescoço, Jonas André interessou-se, como sua experiência que sempre fui, para saber se minhas reações de apaixonado seriam exatamente as de um rapaz comum. Não sei se foram.

* * *

Nós deixávamos o escritório central da Fundação Camp — ela meio enervada com um diretor de serviço que "implica comigo", e eu gozando agora o seu silencinho, a sua respiração doce, apesar da zanga, andando a seu lado no parque. Quando Márcia andava sob o sol, era um animal tão bonito e sadio, que dava vontade de alisar. Vocês, bobocas, jamais conhecerão uma môça como aquela. Era das últimas mulheres do mundo que conservariam o cabelo castanho natural

como êle lhe nasceu, e o nariz conforme o fizera a Natureza, trabalhando no seio da mãe. Era legítima, autêntica, tanto quanto eu era um ser formado e crescido num laboratório. Mas não pensem que de algum modo — alguém entre vocês todos! — pudesse ganhar de mim em aspecto físico. Aliás, é conhecida a boa aparência dos filhos de laboratório. E se nem sempre êles são felizes no amor... pelo menos... ora, se ainda hoje há êste preconceito, imaginem, meus pequenotes, naqueles dias!

Mas eu me entretinha a ver Márcia caminhar a meu lado e a notar como o exercício e o sol davam um tom entre dourado e rosa a seu decote. E, de súbito, aquilo que deveria ser, segundo eu imagino, a reação de um rapaz comum, explodiu. Enlacei-a, sim — patifes repugnantes — ousei enlaçá-la, mau grado minha origem e a beijei logo abaixo do pescoço, onde vislumbrara o atraente colorido. Então, a gatinha Márcia deu um suspiro, suspendeu-se nas pontas dos pés e buscou minha bôca. Pois naufragamos ali, num beijo longo, doa ou não em vocês, pamonhas. E íamos andando, e íamos parando e os beijos se repetiam. Até que, quase sem fôlego, à saída do parque, eu perguntei:

— "Márcia, você quer casar comigo?"

E ajuntei, enquanto um formigamento — esperava que qualquer rapaz normal sentisse isso depois dos beijos de Márcia — me subia pelo corpo todo:

— "Você sabe, tenho ganho muito dinheiro e posso..."

Márcia me olhou lentamente e os olhos traziam o reflexo das fôlhas gloriosas de sol:

— "Casamento, não. Amor... sim."

Compreendi. Ela iria até o ponto em que constituir família com o filho de laboratório poderia trazer problemas, especulações sôbre o gene... Mas já era tão grande a minha felicidade:

— "Amor, sim."

Seria amor.

* * *

E houve amor, amor do melhor, do mais profundo, do mais capitoso, no apartamento de Márcia. E o velho Jonas sabia da história pela rama, mas se divertia, eu aperava pelos olhares de viés, nos exames em nós dois. Deveria ter

orgulho da vida que criara — ou simplesmente se ria de Márcia, tão bonita, de Márcia que se dava com açúcar para um filho de laboratório... quando podia escolher quem ela bem quisesse! E podia, mesmo, palermas, pois era a coisa mais deliciosa que os meus olhos já viram.

* * *

Jonas André Camp deu ordens ao diretor que *implicava* com Márcia:

— "Ela precisa de uma férias bem remuneradas."

Deu-me corda, também, isto é, mais dinheiro. E possuímos os três mais solares meses de amor. E terminadas as longas férias, eu ainda sentia o formigamento já descrito com qualquer beijo de Márcia.

Mas voltávamos ao trabalho, pois era a fase de mudança de instalação da portentosa *Ficcionisto*

* * *

Depois das férias, fiquei momentâneamente desambientado em meu trabalho. Vocês jamais saberão, em suas sagradas parvoíces de filhos de camas consagradas pelo matrimônio, como é bom ser cria de laboratório e apreciar a sua mulher verdadeira. Realmente, Márcia era quase um milagre para mim. A redescoberta de cada porção de minha amada parecia ser, então, o mais deleitoso fim de minha pesquisa. Isso me embotava, um pouco, para a ciência de Jonas. E êle percebeu imediatamente, quando me achei com êle na sala da gravação (*). Centenas de pessoas esperavam ali, para fazer gravações, enquanto outras tantas dirigiam o meticuloso trabalho que era o de regular e acompanhar a linha ondulante, fixando, em chapa metálica, os atentos pensamentos dos que serviam de transmissores para as histórias.

Fiquei meio descozido, naquela multidão afanosa que, no entanto, operava quase em silêncio, uns sob o cuidado de

---

(*) *Pesquisas da recolhedora não deixam dúvidas. Era uma gravação, de fato, semelhante em muitos pontos àquilo que os contemporâneos conhecem.*

outros, em pequenos compartimentos abertos. Jonas André riu e corou como um bêbado comovido, porém, falou baixinho:

— "Você não pensou que estivéssemos tão adiantados! Durante sua ausência catalogamos os transmissores em vários tipos: naquela fila de mesinhas estão os *imaginativos*, naquela faixa da parede, os *lineares*, naquele canto os *deformadores*. Aqui estão os *sugestivos*, lá sob a luz azul estão os totalmente *abstratos*. Atrás de você ficaram os *românticos*, mais adiante duas filas — *os sensuais*. Cada tipo com sua contribuição pessoal na dinâmica do pensamento para..."

— ... Através dos mesmos Raios Camp ser retido — julguei ser prudente dizer. — Mas... e a papelada imensurável que foi recolhida?"

— "Coisinha, um pouco mais e Márcia o teria feito tão feliz quanto são os mais burros. Cada um dêsses indivíduos acaba de aprender uma história, ou a passagem de um episódio qualquer, lá na outra sala, a *Psicoteca*. Agora estamos simplesmente recolhendo o material para a transmissão. No ritmo de trabalho em que vamos, ela não demorará muito!"

* * *

Não demorou. Vinte dias depois foi principiada a instalação da estação transmissora sob os olhares febricitantes de Jonas André. Sálvio Marconi andava por ali, tropeçando em tubos, fios, esbarrando nos operários que nem sequer lhe pediam desculpas. Perguntou-me, nessa ocasião, com um risinho arisco, pálido e preocupado:

— "Você acha que *isto* vai dar mesmo o dinheiro que se espera?"

— "Não sei — disse-lhe com um esportivo prazer de atormentar. — Acho que será preciso contar com gente que tenha *lá dentro*. A maior parte das pessoas vive mais *lá fora*."

E, novamente, os operários que vinham — lembro-me bem, êsses trazendo enormes cubos com gás Letis 40 — naquela ocasião já em uso nas câmaras de execução de dois Estados do Sul e que constituiriam a defesa de a *Ficcionista*, e novamente os operários empurraram o nosso benfeitor, que

ficou perdido lá atrás, enquanto eu seguia com os homens que deveriam garantir a integridade do invento do século.

* * *

Deixem-me, mimosos rapazinhos, dizer-lhes como era a *Ficcionista*. O engenheiro que compôs a planta, sob as ordens diretas de Jonas, deu a esta Central da Ficção a vista de um altar. Dificilmente se poderia conjugar tantas e tão complicadas séries de grandes e pequenos instrumentos, compondo todo um variado painel de tubos cintilantes de cobre, com a leveza quase aérea de sua aparência. Era belíssima a nossa *Ficcionista*. E cintilava de longe.

No fundo da imensa sala do ex-Palácio dos Governadores, ela mostrava seu esplendor. Levantada peça por peça, era um prodígio de acertos sucessivos, todos êles devidos ao nosso gênio. Dividia-se a *Ficcionista* em três partes: a primeira, o "Inconsciente"; a segunda, o "Consciente"; e a terceira, que chamávamos. à falta de melhor nome, de "Telepata". O "Consciente" tinha, na sala, um sistema de tradução oral para as histórias, utilizado que era um único tipo de imaginação para essa transmissão de auditório. Todos os que depois faziam fila para *ouvir* a *Ficcionista*, ali bem se impregnavam de sua voz ciciante, mas poderosa como o vento, que porejava de todos os cantos. Ali, só ali, *a Ficcionista falava por ela mesma*, enquanto que, à distância, através dos Raios Camp, mandava a cada um a espécie de visão interior que êle poderia ter.

Quando se provou, pela primeira vez, essa majestosa fala da *Ficcionista*, ouvimos em seguida, por um dispositivo que êle mandara criar, a própria voz de Jonas André, ciciante, avassaladora, a nos banhar com seu envolvente som, da cabeça aos pés.

— "A *Ficcionista* sou eu" — disse êle para experimentar os milhares de pequeninos amplificadores crivando a parede. E aquilo me pareceu curioso. Pois, logo após a *fala* mecânica, a sua vinha com espantosa semelhança.

Nós três: Sálvio, Márcia e eu fomos os únicos que assistimos ao primeiro teste. Antes, numa dependência distante, tivemos a nossa experiência individual. Tocou-nos uma narrativa erótica. Lembro-me de que tudo, depois do frio e do

branco, principiou por um pé. Um pé nu de mulher, que sumiu quase, vinha em primeiro plano. Era a história de um pèzinho de cortesã. Então, um mundo de sugestões se desprendia daquele objeto de estudos. E o pé ria, e o pé ensinava coisas marotas e por êle falavam requintes orientais.

Márcia recebera a história com diferentes aspectos: em vez de pé, um umbigo; a dança, a sua presença no amor, o seu "uso" como capitosa inspiração erótica. Por fim, soubemos que Sálvio vira um pé de mulher a princípio calçado e descalço, após. E entre o calçar e o descalçar, ocorria a história maliciosa.

Depois disso, Jonas André à frente, caminhamos por salas e corredores até o vastíssimo salão da *Ficcionista*. Sentamo-nos, perdidos, pequeninos, nas grandes poltronas meio aéreas, que flutuavam quase, macias e doces, balançando com os movimentos que fazíamos. Em breve, a voz da *Ficcionista* penetrou, parece, em cada parte de nosso ser. E fomos sacudidos, arrastados pela sua *invenção*. A *Ficcionista* dava-nos o mais delicioso enrêdo baseado num pé feminino. Um pé que conhecia as ruas das cidades, que viajara, que fôra instrumento de amor e que, por último, simplesmente se distanciava do outro, surgido por fim. *Dois pés que se apartavam*, concluiu ela. Com isto, apenas, a sugestão do amor era oferecida à platéia. Demoníacamente sugestiva, sim, convenhamos. Mas fiquem sabendo, jovens cabritos excitados, que não tenho nenhum interêsse em dar mais detalhes. Enfim, estou ou não contando a verdade sôbre Jonas?

* * *

Muito mais do que Jonas André, Sálvio Marconi entrou em tensão nervosa, quando houve a inauguração da *Ficcionista*. Encostado à parede, enquanto autoridades se comprimiam ao lado de nosso Mecenas, na plataforma que encimava o auditório, eu acompanhava aquela quase divinização do gênio, sabendo bem o que êle estaria pensando, enquanto careteava modesto, diante dos aplausos estrondosos de uma platéia brilhantíssima. Jonas André Camp não fêz desta vez os discursinhos patéticos, que êle costumava repetir em Imagem Concreta, na fase ainda da propaganda. Num gesto meio encolhido, designou aquela aérea montanheta dourada, ao fundo do salão:

— "A *Ficcionista* falará por nós todos: por Sálvio Marconi, pelos autores responsáveis pelo enriquecimento de seu "Inconsciente", por todos os operários e colaboradores, assim como por seus engenheiros e técnicos. Tem a palavra a *Ficcionista*."

A luz se apagou, houve uma espera um pouquinho longa demais, principiaram, até, uns idiotas risos nervosos, enquanto Sálvio dizia baixo em sua trêmula e já doentia excitação:

— "Bobos! Bobos!"

De repente, o murmúrio da *Ficcionista* rompeu de todos os pontos. Deu-nos uma completa imersão em sua capitosa narrativa:

— "Além dos asteróides... além dos asteróides há uma zona que perfazia o mundo mais sensível do Espírito... — E a voz continuava, enervante: — Além dos asteróides onde, antes da Grande Explosão, houve a Cidade do Espírito, bem se situa a Cúpula da Inspiração do Universo. Os Raios Camp, ligados diretamente a essa cúpula, nos trazem a memória de um tempo inefável e perdido, quando o homem só vivia pelo espírito. Mas agora foi feita a descoberta de onde se acha o núcleo. Foi desvendado o mistério da origem da Ficção. E eu vou descrever para vocês como é esta abóbada sob a qual nasce e renasce em ondas sucessivas o êxtase das mais imprevistas inspirações e descobertas: deixando a órbita de um dos asteróides — o Balkiss — o viajante de súbito é envolvido por uma sorte de euforia cintilante... Auroras se criam e se desvanecem diante dêle. É que se aproxima o ponto onde a fôrça de tôdas as criações do espírito se concentra. Mais de um viajante tem sido tragado por êsse ímã poderoso onde, sob um esplendor solar, borbulham, furiosamente embriagadoras, tôdas as chispas da energia que, muito diluída entre nós, cria ainda a pobre inspiração humana. Pois hoje eu lhes vou contar a história de uma dessas explorações... Fica além de Balkiss o caminho para a grande voragem..."

O sucesso da noite fôra esmagador, mas a êsse impacto da inauguração ocorreu uma sorte de marasmo.

Sálvio Marconi vinha procurar Jonas André Camp e êste sempre se eclipsava:

— "Por enquanto — dizia-me êle — só as elites estão interessadas, fora do auditório, que é uma atração para o público. Parece mesmo que só os escritores, que mandaram suas histórias, estão ligando os receptores. Mas, se o contrato que lhes fiz, incluía a posse de um aparelho receptor... quer dizer que, por enquanto, estou tendo prejuízo!"

Sabia que aquela fase seria superada, em breve. Mas na ilegitimidade de filho de laboratório, eu encontrava um infinito prazer em imitar o *meu pai*, quando desagradava:

— "Eu não lhe disse que há mais gente com *lá fora* do que com *lá dentro?*"

Durante algum tempo foi assim: a *Ficcionista* se tornou uma espécie de distração para os *mandarins* da intelectualidade. Havia uma curriola que falava dela em Imagem Concreta, por sinal que tão delicada quanto vocês. Mas a sua penetração seria instilada como um vício. Era questão de experimentar umas duas ou três vêzes, e o sujeito se tornava escravo da *Ficcionista*. Mais do que isto: ficava pertencendo a uma confraria — porque dois sujeitos que a "ouvissem" só queriam falar de suas *descobertas* individuais. Cada um pretendia extrair de sua experiência um sentido melhor e mais profundo, uma graça tôda especial e particular malícia. Entre dois *ficcionantes* não caberiam outros assuntos e seria impossível falar de negócios e de política, e até mesmo de mulheres, pois às suas descobertas artísticas juntavam-se as descobertas de suas próprias imaginações. O Grande Êxtase se avizinhava. Estávamos, de fato, alcançando os Tempos Benignos.

* * *

Sálvio Marconi, porém, não conseguiu transpor a etapa. Creio que depois da décima vez, em que, inùtilmente tentou falar com Jonas André sôbre a precária audiência da *Ficcionista*, veio encontrá-lo em certa manhã de inverno no escritório do Palácio. Imagino que êle houvesse preparado uma fala de altivo ressentimento para — mais uma vez ausente Jonas André Camp — lançar sôbre mim os dispautérios. Muito lépido, corado, de nariz vermelho, os tufos de cabelo branco mais crescidos — pois não tinha sequer o tempo

de apará-los no barbeiro (*) — êle o recebeu com um escarninho: "Salve, Sálvio"!

Parece que dentro de Sálvio tantas foram as fôrças contraditórias, que uma onda de raiva explodiu. Sálvio principiou a falar, com algum senso sôbre a mistificação de que fôra vítima, mas depois incluiu em sua arenga algumas frases totalmente desconexas. Parecia ter caído, então, em estado vertiginoso. Eu poderia tê-lo feito sentar-se, mas permanecia na mesma atitude de Jonas André, que se interessava, friamente, pelo término do caso de Sálvio, talvez cientificamente esperado, dentro de suas conjeturas de gênio.

Pois Sálvio Marconi circunvagou, com passos bambos, duas ou três vêzes pela sala, procurou sentar-se numa cadeira. Sentou-se, afinal, ficou lívido, transpirando copiosamente.

— "É agora — disse. — O homem está ruim, mesmo."

Mas não morreu ali, o que seria glorioso para sua história de *Mecenas* da *Ficcionista* Morreu, no banho, e no dia seguinte.

A Fundação Jonas André custeou os funerais de seu Mecenas. Ainda tinha bastante dinheiro para prosseguir nos gastos das vésperas dos Tempos Benignos.

No dia do enterramento, houve a emissão de uma história do menino Sálvio Marconi que veio do nada para criar um mundo, a fim de desfrutá-lo com desconhecidos. Era uma tão tocante história que os *ficcionantes* experimentaram até a opressão no peito, e lacrimejavam, depois, na rua e confraternizavam contando a outros as particularidades da inefável grandeza do infinitamente bom e saudoso Sálvio Marconi. E então um ou outro limpava uma lágrima esquiva, recordando pormenores de suas infelicidades nos amôres e torpezas de sua infiel companheira.

Essa história eu a ouvi do auditório da *Ficcionista*, e quando sua transmissão terminou, dentro de mim estalaram as palavras:

— "Humilhar, eis a questão."

* * *

(*) *Os barbeiros evoluíram apenas em sistema, mas estão perfeitamente integrados no tempo de Jonas André. As pesquisas provam a cotidianidade do barbeiro.*

Então, de súbito, logo após a morte de Sálvio, o termômetro da *Ficcionista* começou a subir: moda, onda, imitação das *elites* que haviam contado maravilhas sôbre o invento?... De súbito, até nas casas mais pobres, mediante sacrifícios da mesa, com as altas prestações, aparelhos foram instalados. A profecia de Jonas André bem se cumprira: a *Ficcionista* se tornava o grande *respiradouro*. Quanto aos vícios e neuroses, êle também acertara em cheio. Primeiro, o termômetro baixou em relação à compra do cigarro (*). Depois, houve a mesma queda com as bebidas alcoólicas. Começaram a aparecer as primeiras pacificações de crises de neuroses de angústia. Era mesmo a cura pelo *êxtase*. Ninguém até então havia mergulhado nessa inteira possessão da Arte sôbre os sentidos, e o sonho construído por Jonas André Camp avançava pelas consciências, desinibia, confortava, era uma felicidade ao alcance de cada um. E êle também havia previsto que o homem não quereria saber de outros ópios: da religião, da paixão, do amor... Num domingo, de súbito, as igrejas ficaram apenas com a metade de seus fiéis. Quatro ou cinco semanas depois, contavam-se os fiéis pelos dedos e, em seguida, acreditem, a infidelidade foi geral.

Mas havia a última, a mais inefável entre tôdas as predições. Seria possível que nesta, também, Jonas André Camp triunfasse? Êle havia acenado com a perspectiva de que talvez a *Ficcionista livrasse o homem da cama*, num mundo abarrotado de gente que detestava gente e cada vez produzia mais gente detestável.

Foi a última etapa, antes dos Tempos Benignos. Os namorados pareciam imunes à absorvente vivência da *Ficcionista*: pareciam, mas não o eram. É preciso lembrar que a *Ficcionista* significava a felicidade sem o terrível e cruel problema da *participação* alheia que o amor propõe. Era o êxtase que não dependia de um companheiro, não exigia nada de sua fidelidade. Qualquer desavença, qualquer desapontamento poderia fazer um enamorado cair no jugo da *Ficcionista*, como anteriormente se buscava no álcool. E, como raros são os amôres sem inquietudes, a *Ficcionista* aos poucos ia vencendo, com seus sortilégios, o próprio amor.

(*) *O Futuro Anterior também prova, de forma insofismável, que existirão fumantes em tal época.*

Então, nos lares já visìvelmente desinteressados por assuntos de limpeza e disciplina doméstica, alguns já iam esquecendo a hora do jantar. Quando ainda se mostravam estatísticas em Imagem Concreta, a volumosa criança que representava, perante o adulto, o seu esmagador problema, de súbito mingüou. A criancinha agora baixava a nível raso, em relação aos nascimentos anteriores à *Ficcionista.*

Os Tempos Benignos começavam a mostrar suas róseas perspectivas. Todo mundo estava plenamente satisfeito, se bem que nos Estados do Norte, onde a *Ficcionista* penetrou mais cedo, começassem já a aparecer os primeiros casos de morte por inanição diante dos aparelhos. O Parlamento entrou em recesso mais cedo. As emissoras de Imagem Concreta anunciaram que, devido a questões técnicas, teriam de entrar em reforma e suas emissões seriam suspensas. Os serviços públicos caíram em crise, os transportes escassearam, mas ninguém se queixava. Uma opressa calmaria desceu sôbre a Nação.

Mas é preciso que vocês saibam, amiguinhos. que talvez devido ao meu psiquismo de filho de laboratório e, quem sabe se *por estar do outro lado* dos segredos da *Ficcionista,* eu ainda e sempre preferia Márcia — Márcia sempre com açúcar para mim.

Uma noite, quando — a mão posta no braço deliciosamente bom de apalpar de Márcia — eu olhava pela janela a rua deserta, infestada de cães vagabundos, os papéis a revolutearem sob o foco de luz, uma noite, Márcia, que adoràvelmente me proporcionava os seus pensados silencinhos, de súbito me atirou a frase como quem atira uma flor:

— "Mário Regente tem razão."

— "Quem? — perguntei. E logo em seguida lembrei-me: o "Vaca Sagrada". — Por que você se está lembrando dêle?"

Ela não respondeu e eu já estava tão habituado aos mutismos de veludo de minha Márcia que procurei raciocinar por ela com as dificuldades naturais de um cérebro de laboratório a alcançar a mente de um filho do leito conjugal.

— "Foi por motivo do abandono das ruas?"

Aí a secreta Márcia assentiu com a cabeça.

Três ou quatro dias depois, exausto pela longa caminhada, pois estava sem transporte para ir até o Palácio, soube por Jonas André Camp, que o "Vaca Sagrada", inteiramente recuperado em suas células, depois da estada num hospital do Cosmos, estava reorganizando, febrilmente, uma ofensiva contra a *Ficcionista*. Mas suas dificuldades eram inúmeras, porque o relaxamento emocional no meio de intelectuais era a nota dominante, neste auge da deleitosa vaga dos Tempos Benignos.

Durante alguns meses, êle — parece — pregou no deserto. Prometiam-lhe aparecer no *próximo encontro* e não apareciam. Asseguravam-lhe trabalhar pela causa, pois segundo o "Vaca Sagrada" — em discursos em prédios arruinados e abandonados, com lixo à porta... "o Espírito estava apodrecendo, desviado pelos baixos expedientes da Cortesã (a *Ficcionista*)... e não apenas os intelectuais eram relegados a um plano de total esquecimento — a maioria estava esquecida até de si mesma... Ameaçado estava o sentido da própria Civilização!"

Num dêsses dias, um sujeito que saíra à rua para comprar carne condensada e voltar ao receptor, viu o pequeno *meeting* secreto — por acaso — no edifício. Irritou-se:

— "Há uma lei contra essa curriola" — berrou. Mas não insistiu na briga. Estava ansioso por retornar à *Ficcionista*. Outros esquivos passantes, alguns já meio pálidos e esgotados, pediram explicações, fizeram alguns gestos obscenos de protesto, enquanto o "Vaca Sagrada" cerrava a janela. Um operário, espia da Fundação, bem nos informou sôbre o juramento que estava sendo exigido a todos os partidários de Mário Regente: aparelhos deveriam ser quebrados e uma frente de reparação moral seria erguida. "Não conversar nunca sôbre a *Ficcionista*. Mas mostrar, sempre que possível, para qualquer amigo ou parente, a excelente organização do próprio lar, a boa saúde dos filhos." E à pergunta fatal, responder:

— "Não. Nesta casa não há *ficcionantes*."

Era o que Mário estava preparando, meus sempre espantados ouvintes. Fundado no instinto de defesa de cada um, seu programa conseguiu algum interêsse que se desfazia no

ideal de extrema simplificação da vida de então, para a maioria das pessoas. Alguma comida, algum sono e a paixão de uma vivência múltipla. Cada um descobrindo maravilhas dentro de seu próprio eu. Cada um voltado para a infindável aurora.

Recordo-me que, por sinal, estava chegando ao trabalho sempre mais tarde, devido à capitosa doçura de Márcia. E Jonas André Camp, pela primeira vez, em lugar de mostrar satisfação diante da normalidade de minhas reações, me recebeu com um:

— "Coisa, você está abusando. Quer que lhe corte a permissão de sair do Palácio?"

Esta súbita reviravolta em relação a nossos amôres me deu o que pensar:

— "Não é possível que se leve a sério uma bobagem como esta do "Vaca Sagrada"."

Jonas André Camp então fêz valer sua condição de gênio:

— "Foram êles que o construíram, êles que contribuíram para o "Inconsciente" da *Ficcionista*. Foram êles que trabalharam na sua propaganda. E serão êles agora seus únicos inimigos."

— "Ahn?"

— "Sua revolução hormonal, Coisa, está provocando uma diminuição acentuada nas suas faculdades de atenção. Vosê está tão distraído quanto uma saciada mulher grávida."

— "Mas o senhor... não disse?... Isto é..."

— "Você sabe que eu me refiro aos escritores, Coisa. A capacidade de humilhação absolutamente notável que mostraram, está cedendo, diante de um imperativo vital: a inveja. Êles estão simplesmente com inveja da *Ficcionista*. Se houvesse possibilidade de evasão nos escritos para esta imensa inveja, êles seriam capazes de se agarrar a isso e talvez a *Ficcionista* lhes vivificasse a vocação. Mas ninguém mais quer saber dêles. Nem mesmo um colega mais próximo deseja agora ouvir a leitura de qualquer papelucho. Perderam, totalmente, a oportunidade, o seu público, mas têm, em comum, o ódio. Êles virão até aqui, pode estar certo. Ninguém mais, senão êles, se interessará em transgredir uma Lei de Defesa

do Estado. Êles virão de barriga gelada, loucos por destruir, como outrora compareciam a solenidades, embora reprimidos, onde eram esmagados pelo mais vivo sentimento de ciúme profissional. Espero a qualquer momento êsses patifes..."

Eu não pude deixar de rir. Nunca acreditara que o "Vaca Sagrada" pudesse reunir alguns ex-escritores — pois nessa época já não existia mais nenhum em atividade, que eu me lembre.

À noite, consegui obter licença para ir ver Márcia, dizendo que me havia esquecido de recolher um resto de material sôbre a Amazônia, que ainda estava em seu poder. Jonas resmungou:

— "Arrase-se de uma vez para sempre e se esqueça de Márcia, em seguida — porque, de agora em diante, lhe cortarei tôdas as permissões para sair do Palácio."

Nessa noite, ao empurrar a porta de Márcia, dei com sua branca silhueta enquadrada à janela:

— "Estamos morrendo" — disse.

Tanta coisa dita por quem pouco dizia me confundiu e me projetou no desespêro, como um mau sinal.

— "Não. Nós estamos vivendo, Márcia."

Ela me empurrou quando eu já a beijava, ansioso.

— "Mas nós não temos nada que ver com essa situação. Entre nós dois nada há... que tenha mudado. Eu continuo louco por você, Márcia."

Ela me olhou e seus olhos se descobriram, nus e duros, e seus cabelos se rodearam da claridade difusa da noite:

— "Hoje, não."

Perdido de desgôsto, mirei em tôrno e percebi o chamadinho tênue dos papéis dentro da pasta realmente esquecida. Recolhi o pobre pretexto, de cima de um móvel, com furiosa piedade de mim mesmo. — "Ah, triste filho de uma cuba de porcelana!"

Voltei em desespêro pelas ruas desertas. Atropelavam-me obscuras palavras, que eu poderia ter dito a Márcia. Tentavam-me imagens em que eu a capturaria enfim com a eloquência dos meus beijos, a mancira de revolvê-la entre meus braços. Eu não fizera nada disto, voltara escorraçado e

triste. Márcia deixara de ser doce, de repente. Não era zanga: era um desligamento, como se...

— "Mas será possível que até Márcia esteja contaminada pelo despeito para com a *Ficcionista*?"

Afinal, isto seria um absurdo completo, pois ela nem sequer era uma escritora. Entretanto, bem me falara de Mário Regente... Súbito, uma pergunta que em seguida julguei idiota afluiu no meio de minhas preocupações:

— "Será que ela tem estado com o "Vaca Sagrada"?"

Procurei consolar-me, desafrouxando palavrões (*) como qualquer homem normal, e êles protegeram um pouco meu cérebro escaldante.

Jonas André manteve durante algum tempo em fogo sagrado o seu desejo de filósofo de "humilhar, eis a questão". Embora a *Ficcionista* entrasse numa fase rotineira e proporcionasse à Fundação o lucro fabuloso e maciço que êle esperava, Jonas permanecia agora numa tensão de espera. Falava dos escritores a propósito e sem propósito, numa preocupação mesquinha. Era uma espécie de bisbilhotar sôbre o antegôzo de um encontro prèviamente marcado. Cortara tôdas as saídas do Palácio. Quis burlar a sua perspicácia, inventando um sem número de motivos para visitar Márcia. Tudo foi em vão:

— "Deveremos estar em guarda porque êles vêem aí, Coisa."

— "Eu não teria tanta certeza. Já não fomos informados de que as reuniões do "Vaca Sagrada" estão em minguante?"

— "Êles virão. Ainda não encontraram um bom motivo para cercar o "Vaca Sagrada". Todavia, têm todos as suas excelentes razões para um encontro com a *Ficcionista*. Êles virão, e nós vamos esperá-los *aqui*."

À noite, depois que findava a última transmissão — duas da madrugada, íamos dormir ou então eu ia simplesmente para o leito e virava prêsa das formigas desatadas por

---

(*) *Nota da recolhedora: Os estudos também provam que tôdas as aquisições técnicas não haviam conseguido aniquilar os xingamentos, muitos exatamente iguais aos de hoje, numa impressionante tradição humana.*

invisíveis beijos de Márcia. Até eu mesmo, decerto, já começava a odiar a *Ficcionista*. Achava que estaria sendo vítima da louca fantasia de Jonas André. Não acreditava que os paspalhões, que haviam fornecido a base de nossa Central, viessem com qualquer intuito mais perigoso. Eram uns pobres sêres vencidos, forrados de um dinheiro inútil, uns joões-ninguem condenados à ociosidade, naquele mormaço da preguiça que se alastrara por tôda a Nação. Sinceramente, eu não podia crer em que alguém — um pequeno grupo que fôsse — tivesse fôrças para tomar uma atitude de revide. Naquele tempo, eu achava que os homens eram mais ou menos do tipo delicado de vocês, mocinhos. Sentia mesmo algum contentamento em supor que, por incrível que parecesse, o homem mais homem que eu conhecia era um pobre filho de laboratório. Apenas lastimava não estar Márcia mais por mim com seu açúcar, para que eu pudesse provar o que sentia. Se ela estivesse, eu ja teria entrado na revolução.

* * *

Jonas André, inùtilmente, corria todos os enormes corredores à frente da patrulha de empregados que organizara. Durante mais de um mês, enquanto a *Ficcionista* movia, diligentemente, seus enredos, tremeluzindo dourada na penumbra do salão, nenhum vulto suspeito apareceu. Havia já um começo de desrespeito entre os servidores. Um chegou a vociferar para Jonas André, pois não suportava mais a reclusão. (Jonas, por motivos óbvios e pessoais, proibia aos empregados de usar os aparelhos e no auditório apenas êle e eu entrávamos dominando a plataforma, de onde, de cada dia que passasse, abrangíamos um número menor de pessoas, pois, a essa altura, os transportes estavam totalmente paralisados nas cercanias.)

Foram dias aborrecidos, plenos de resmungos, de discussões abafadas entre os empregados, ou de obstinados silêncios entre mim e Jonas que, às vèzes, depois de horas de ensimesmamento, escorregava seus passinhos e me surpreendia risonho, caçoando de mim:

— "Você não se agüenta mais, heim, Coisa? Mas está por pouco. Êles não demoram."

— "Não demoram? Há quanto tempo que estou ouvindo isto? Logo os intelectuais! Logo essa raça indolente, inimiga

do esporte, seria capaz de fazer a enorme caminhada até o Palácio? Mastigando as suas pílulas, cercados do confôrto que seus direitos autorais lhes deram, admito que desejam, sim, destruir a *Ficcionista*. Mas isto deve ser uma ficção, a última ficção que lhes resta agora."

Jonas riu estridente, e então usou contra mim a sua pior arma:

— "Você já imaginou, Coisa, como os olhos de veludo do "Vaca Sagrada" devem comover Márcia? Dizem que êle conta muito com sua presença física para atuar sôbre... as mulheres."

Corei como um rapaz normal deveria corar em condições semelhantes:

— "Está então esperando uma invasão... de mulheres? — chasqueei. — Será o último *mêdo* que nos falte!"

Jonas começou a rir silencioso e eu me vi, já na minha solidão da noite, entregue aos demônios do ciúme. Seria normal aquêle estranho instinto que me fazia imaginar encontros de Márcia com Mário? Foi assim durante algum tempo: palavras cortantes, atritos, enervamentos, o tempo correndo e nós todos reunidos naquele palácio onde, no auditório, os visitantes escasseavam. Em nosso pequeno observatório, no alto do salão, esperávamos fantasmas.

* * *

Acho que, embora não dissesse, pois jamais faria êle o papel de quem reconhece o êrro, Jonas, um dia, aparentemente deixou de esperar os desforços. Senti isto, quando no tôpo de nosso mirante sôbre o anfiteatro, êle me disse, sem voltar a cabeça:

— "Quando terminar a última transmissão, você poderá sair, Coisa, se não quiser dormir. Sua atmosfera carregada me faz mal e me perturba. (Êle estava iniciando os estudos sôbre irradiação da personalidade, mediante a atmosfera de cada um, que vocês hoje conhecem, graças às suas primeiras e sempre geniais pesquisas.)

Senti-me mais leve. Olhei a sala, onde três ou quatro assistentes da vizinhança se deixavam banhar pelo ciclo da *Ficcionista*, numa aventura histórica de nostalgias interplanetárias. Dentro de mim, o tempo se anulou; eu venci as

horas e caminhei para os braços de Márcia. Desta vez, ainda que ela me empurrasse, eu saberia encontrar argumentos para renovar indefinidamente a minha porção de felicidade:

— "Até que enfim!" — suspirei. E a alegria foi tanta que eu perdoei aquela mesmice da espera absurda.

Às duas horas, o último, gordo, untuoso murmúrio da *Ficcionista* se apagou. Três pessoas — não sei se velhas mas, seguramente de pernas bambas, como andava a maioria então, saíram tão vagarosas que me deu gana de empurrá-las. Recordo-me, franguinhos, de um instante de alegria quando espiei do alto a tremeluzente e fina arquitetura dourada. Quase me sentia reconciliado com a *Ficcionista*. Jonas André desaparecera e, à imaginação das boas coisas que certamente me ocorreriam, aliada à minha segura técnica amorosa, tive um longe de ternura por meu *pai* de laboratório. Seria capaz de lhe dizer até um eufórico *até logo*, se estivesse perto.

* * *

Quando já descia a rampa que ligava a plataforma à sala de espetáculos, parei surpreendido por um confuso tropel que se avizinhava. Dado um efeito da acústica do auditório, era como se eu já ouvisse estalar dentro da sala os passos e as vozes meio abafadas, mas precipitados, numa nervosa onda que se extravasava pelo salão. E antes que a luz se extinguisse, percebi, nitidamente, uma discussão em que vozes estranhas se intercalavam às nossas bem conhecidas dos empregados da casa. Isto ia acontecendo como que em relâmpagos. Nunca vi nada mais rápido do que aquela torrente de diálogos estranhos, que se imiscuia no bôjo do salão da *Ficcionista*, e estalava perto de mim. Então retrocedi, porque do alto estaria mais apto a avisar o que iria acontecer. E, quando novamente atingi o tôpo, êles já estavam desembocando no salão, mas então já vinham silenciosos e tensos.

* * *

À frente aparecia o "Vaca Sagrada", chispando raiva pelos olhos de fulgor úmido. Logo atrás, reconheci Nicolau Célia, representando a Academia. (Estava magríssimo, com jeito de sonâmbulo, as roupas a dançar no corpo.) E mais

adiante, descobri alguns antigos figurões das Letras. Era uma procissão desarvorada, cansada, melancólica. A quantos, entre êles todos, que vinham entrando meio abobalhados e plenos de desconfiança, não havíamos pago verdadeiras fortunas em direitos autorais? Pareciam ratos-mendigos, saindo tontos do buraco: "Humilhar, humilhar, eis a questão." Enfrentei aquêles roedores do próprio orgulho com um súbito, sensual e lancinante gôzo. Eu, o íntegro filho de laboratório, êles, os grandes intelectuais comidos pela *Ficcionista*. Aquelas silenciosas pessoazinhas me espiavam lá de baixo. Em vão procurei Jonas André. Justamente quando êle deixara de esperar!...

Mas o "Vaca Sagrada" decerto estouraria se não mugisse logo uma de suas tiradas:

— *"Jonas André Camp! Em nome da Cultura nós exigimos..."*

— "Aqui não há Jonas André!" — berrei para desconcertá-lo.

Um falatório baixo se espraiou. Continuavam a chegar mais e mais sombrias pessoas.

O presidente da Academia disse baixo qualquer coisa ao ouvido de Mário.

— "...Jonas André Camp... ou a pessoa que o estiver substituindo. Exigimos uma pessoa — disse o mugido que subia da fundura da sala, aludindo à minha condição.

— "Ninguém o substituirá — chasqueei novamente. — Ninguém estará disposto..."

Correu um nôvo sussurro, ainda baixo, é verdade, mas já denotando alguma reação entre êles.

Não senti, entretanto, doçuras, o menor mêdo. Seria possível — e a idéia novamente me vinha — que aquêle rato crescido, de olhares lúbricos, Mário Regente, conhecesse a minha Márcia?

De cima, eu podia vê-lo tremer da cabeça aos pés:

— "Viemos como homens de honra. Pretendemos limitar, ùnicamente, as transmissões..."

— "Ah! Sim? Mas por que não cuidaram disto em seus contratos?"

— "Queremos falar com Jonas André Camp!"

— "Falem com a *Ficcionista* — gargalhei. — Ela não está muda? Poderá ouvi-los..."

Continuavam a chegar pessoas. Lá do fundo, um sujeitinho muito jovem foi empurrando, abrindo passagem. Mário Regente e Nicolau Célia o acolheram, conversando baixo. O pequenino estava mais lépido e excitado que os demais:

— "Jonas André Camp! Em nome da Mocidade das Letras, nós o desafiamos a aparecer! Velho *matreiro* — você está escondido! Vamos, apareça!"

Mais criaturas espertas vieram, aos encontrões, lá do fundo da sala. Eram focinhos de jovens ratos humanos que se levantavam para mim. Mudei o tom sarcástico:

— "Saibam que há uma Defesa do Estado!"

O pequenino, embora empurrado pelo presidente da Academia, largou seu desafio:

— "A questão é saber se *ainda existe* Estado. Se a *Ficcionista* continuar... não temos dúvida. Ela, sim, aniquilará com êle!"

O môço comunicara uma onda de quase entusiasmo. Outro menino berrou:

— "Somos um comitê de salvação pública! *Estamos morrendo.*"

Curioso... Márcia já dissera: — "Estamos morrendo..."

Os comentários já se desgarravam do bôjo acústico, e subiam agressivos até mim.

— "Previno que nós temos assegurada a Defesa..."

Não terminei a frase. Mais gente se imiscuía na sala, abrindo passagem, com furiosa decisão. Compreendi que algo realmente grave estava para acontecer.

— "Se nós não temos o direito de um encontro em têrmos de dignidade humana"... — vociferou o "Vaca Sagrada", enquanto Nicolau Célia procurava abrandá-lo em sua cólera:

— "...Que os moços façam o que bem lhes aprouver!"

Cinco ou seis mocinhos correram à frente. O tumulto aumentava e o som quase se agredia fisicamente agora, rebentando crescido, a meus ouvidos.

— "Alto lá! Se avançarem... morrerão."

Mas os jovens ratinhos estavam endemoninhados e não pararam. Atônito, vi-os — esperem... eram cinco, bem me

lembro... — cinco a atravessar o breve espaço livre, depois das primeiras poltronas e se lançaram, afinal, com fúria sôbre a *Ficcionista*. Então, como se as desesperadas pancadas que vibrassem fôssem responsáveis por aquêle estranho movimentar de tôda a delicada e altíssima engrenagem, imediatamente os milhares de crivos da parede principiaram um abafado e amplo rumorejar. Interditos, os meninos suspenderam a ação. Tôda a sala silenciou. Uns segundos a mais e do balbucio e do chiado saiu incólume a voz enorme, baixa, abafada e só houve um mocinho que ousou gritar:

— "Está-se repetindo, caduca?"

Mas ninguém riu. Todos pararam, varejados pela fala envolvente:

— "...Além do asteróide Balkiss, onde um dia houve a Cidade do Espírito... existe a abóboda sob a qual nasce e renasce o magnetismo das inspirações... Os pilotos são tragados pelo ímã... Êles viajam para a luz da Grande Aurora... Além do asteróide Balkiss, está o eixo de tôda a Inspiração do Universo... Uma tênue faixa dessa energia se propaga à Terra... mas haverá um desvio... caso a *Ficcionista* seja destruída..."

Mário Regente pretendeu sacudir a estranha e súbita apatia em que todos mergulharam. Vociferou:

— "*Ela* está remoendo a velha história. Vamos acabar com ela..."

— "O choque produzirá um desvio do eixo de irradiação dos Raios Camp. E nenhuma... e nenhuma ficção, e mais nenhuma história brotará de qualquer cérebro... Se a *Ficcionista* morrer, a Ficção morrerá com ela, pois será destruído para sempre o contato da Terra com..."

Mário Regente, êle mesmo, investiu sôbre a base da montanheta. E a voz secou. Simplesmente secou. E então a violência se alastrou pela sala. Os mais jovens gritavam e corriam para a *Ficcionista*. Vi, assombrado, os primeiros tubos de cobre atirados longe, num estardalhaço de sons, sob a algazarra que me entontecia. Que podia fazer? Pedaços dourados se desgarravam, sensíveis colunas vinham abaixo. Molas levíssimas eram suspensas no ar.

Só então Jonas André surgiu, com aquêle esgar seu, de palhaço. De repente, êle apareceu ali. Teria estado escondido

todo o tempo? Sim, benzinhos, êle deveria *ter estado escondido em algum canto*. E se mostrou a todos, os tufos nevados, trementes, arrepiando a cabeça:

— "Dou apenas dois minutos. Dois minutos para que se retirem."

Careteou sua risada. E eu o acompanhei com delícia. Mas ninguém pensava em sair. Pelo contrário. Sempre iam entrando mais pessoas e o clamor já maltratava meus tímpanos:

— "Disse. Dois minutos. Já correu meio... Um..."

Uma última criatura empurrava a última compacta fila de pessoas... Todo o sangue que me emprestaram um dia, então me veio ao rosto. Era Márcia. Márcia. Dourada, rosada, pela animação, que pretendia fazer seu caminho no meio da furiosa gentalha.

— "Márcia!" — gritei. Mas ela era uma coisinha perdida no meio daquela turbulenta onda humana e decerto não me ouviu.

— "Espere! — disse a Jonas. — Olhe, ali está Márcia... Olhe!"

Êle parecia bêbado de prazer. Continuava a contar, imperturbável:

— "Um minuto e meio..."

— "O que foi que fêz?" — perguntei, já apavorado, entretanto, com a vermelhidão triunfal que coloria a face de Jonas André:

— "A *Ficcionista* está sob a Defesa do Estado... você sabe muito bem e até o disse. Dois minutos!..."

Então houve um silêncio. Estrugiram silvos, finos, e se desatou um nevoeiro baixo, como por sôbre um pântano, à noite. Cravei os olhos na pessoazinha de minha Márcia, já a meio de sua difícil caminhada. Ela desarvorou-se e me buscou com o olhar:

— "Márcia, Márcia!"

À medida que o gás progredia, ela dourava mais e mais, acendia como lâmpadazinha viva. Num instante eu a vi como a vira antes do nosso primeiro beijo, tôda aquecida de sol. E não soube de mais ninguém. E os ratos eram ratos e só Márcia contou para mim.

Vocês já assistiram a uma execução com o Gás Lelis 40? Não? Mas devem saber que não há tempo para muita coisa. Os sêres encandecem, vão transparecendo, nós vemos em segundos todo o interior do corpo humano. Assim vi morrer Márcia. As vísceras. Os ossos. Uma última sombra roxa... esverdeada... e depois... coisa alguma. O silvante nevoeiro crescendo de nível.

— "O gás está subindo!" — gritei a Jonas que pendia fascinado para a nuvem da sala.

Êle não me ouviu. E eu não tive coragem de morrer com Márcia. Empurrei a porta externa, deslizei pela escada do parque, e me vi largado, chorando na relva. Eu não era um verdadeiro ser humano. Eu era um filho de laboratório... como vocês já estão fartos de saber. Como todos estão fartos de me atirar na cara. Era menos do que os repugnantes indivíduos que haviam morrido com Márcia.

* * *

Por que não continuei com a *Ficcionista*? — Bem que o quis. Mas Jonas, atingido também pelo gás — e como me enfastiam as discurseiras sôbre sua morte de sábio e de herói! — havia tomado antes precauções de *dono*. Ninguém, nem mesmo eu, conhecia plenamente a *Ficcionista*. Muitos detalhes eram secretos e pertenciam, exclusivamente, ao gênio.

Ah, bem que tentei fazer *reviver* a *Ficcionista*. Cheguei a cuidar que estivesse acertando... Qual! Ela cortava de *branco* suas historietas repetidas. Emperrava, perdia a lógica, desvirtuava no fim o sentido que dera ao comêço de qualquer história. Misturava enredos. Era uma bêbada decrépita, então. Cedo se enfastiaram de suas falhas *técnicas*. Um dia, alguns homens munidos de uma ordem judicial — a engrenagem do Estado voltava a funcionar — vieram para retirá-la. O Palácio voltava ao Govêrno. A Nação como que acabava de acordar de um longo sonho. A náusea da ficção começava.

* * *

Sabem quantos escritores morreram naquele dia? *Dois mil e sessenta*. Quase a totalidade dos colaboradores do "Inconsciente" da *Ficcionista*.

Isso não me comoveu nem deve comovê-los, ó filhos dos Tempos Científicos. Vocês eliminaram simplesmente a Ficção de suas vidas, e para vocês os ficcionistas não existem. Afinal, o homenzinho que tomou a terceira posição, contra Jonas e Sálvio, foi quem acertou sôbre o que viria a acontecer. A *Ficcionista* era um plano romântico, já num tempo de seguras aquisições científicas. O *êxtase* seria criado pela própria Ciência Pura. Mas vocês o conhecem... hein, amiguinhos?

Por que estremecem tanto com meu estouro de riso? Por que êsses protestos e êsses rubores virginais? O fato de que êle tenha acertado... e de que o mundo tenha tomado até nojo da Ficção, como algo prejudicial à mente humana, não significa que vocês, que se dizem os depositários do Saber, sejam melhores ou mais importantes entre as gerações dos filhos da cama. É bem capaz que a *Ficcionista* (ou Jonas André falando por ela mesma) tenha contado a verdade... A tal ligação com a cúpula de tôdas as inspirações, heim? A verdade é que as histórias se acabaram para sempre. De qualquer maneira, benzinhos, ficou o germe de um sonho insidioso. Sabem como é: "Além do asteróide Balkiss..."

Nesta semana — está aí! — não vieram a saber que outro pilôto se perdeu *além da zona dos asteróides*?

É o caso de se perguntar, cientìficamente, bem entendido: — O estúpido e progressista planêta Terra foi pôsto, mesmo, fora da célebre faixa pela qual se ligavam os Raios Camp à cúpula de uma solar inspiração universal?

Eu, bastante diferente dos rapazes de meu tempo, preferia sempre Márcia com açúcar. Mas muita gente conheceu um *êxtase* que vocês, gentis filhos da Era da Ciência Pura, jamais saberão o que seja.

Agora, se quiserem, façam de tudo isto um busto (*) para Jonas André. E não se esqueçam de escrever por baixo dêle:

"Humilhar, eis a questão."

(*) *Nota da recolhedora: Nas minhas pesquisas históricas do Futuro Anterior, encontrei bustos até dois séculos além da época de Jonas André Camp.*

Havia pensado que a solidão seria bem suportável, que afinal eu me parecia com meu pai, aquêle bizarro sujeito que encontrara a vocação no Farol da Ilha de Mola, à vista de Guaratiba. Durante os meses de chuva, afeiçoara-me àquela convivência com o velho, naquele imenso tubo que era nossa casa e onde, para se sair de cada peça, se teria de agarrar o corrimão. Foi então que compreendi que o desamor de meu pai por minha mãe, e também por sua segunda mulher, à distância se acalmava. Êle gostava de considerar as coisas de longe:

— "Veja você... quando a gente avista a cidade, daqui, tudo fica perfeito. Nem miséria, nem sujeira de rua, nem lama nas coisas e nas pessoas. Essa grande cínica, de longe, vira mulher honesta. Até me esqueço dos falatórios do mulherio. Compreendo agora as pobres — são doentes de mêdo. Mulher fala demais porque vive apavorada. Não gosta de ficar sòzinha, e então enche o silêncio, tapa as ausências com a fala que Deus lhe dá. Ô raça disfarçada, essa!"

Estava tão pacificado que um dia, amornado pelo vinho, bebido um tanto mais do que seria justo para os seus sessenta e quatro — desapertou a alma, enquanto fazia a barriga saltar do cinto:

— "Rapaz, já estou tão melhorado por dentro que sou bem capaz de mandar buscar a Tudinha. Você, afinal, nem conhece direito sua irmã! Quem sabe se a menina nem nos aborrece tanto, assim? Depois, que diabo! é meu sangue, e não pode ser tão burra quanto a mãe! Além disso, ando com uns... bem, com umas idéias cá na cabeça... Tôda a minha gente rebenta do coração. Nesta vida de macaco, subindo de galho em galho, sei lá o que me está reservado?"

Foi assim que Tuda nos veio fazer companhia. Lembro-me da alegria que trouxe, quando a avistei de cima do

rochedo e a vi descer no cais, ajudada pelo Piquira, o único empregado de que meu pai dispunha. Pareceu-me um passarinho de cabeça vermelha, empinando a boina, a capa de borracha aberta, voando. Fêz-nos sinais para que não descêssemos: do cais ao farol eram cento e cinqüenta degraus cavados na rocha viva. Nós a esperamos no meio do caminho e a trouxemos com a alegria de quem guarda um brinquedo.

Ela era esbelta, nervosa, o estímulo que parecia ter desertado daquelas lonjuras:

— "Mas como tudo está tão bem arranjado! Juro que pensei que homem vivendo sòzinho desse em mau cheiro e desarrumação."

Naquele dia, mais tarde, quando o velho se encarapitava na cozinha acima de nós, a preparar um pato de sua criação, com môlho de vinho, ela chegou a mim, confusa, e ràpidamente disse:

— "Você não se iluda, Marcos. O velho me chamou porque sabe que vai morrer. O meu padrinho também tinha, antes de ir embora... — e ela calou-se um pouco, receosa: — ... essas distrações, êsse modo de andar sem despregar os pés do chão, como se a terra quisesse agarrar o que vai ser dela, afinal. — Persignava-se: — Meu Deus, nos livre e guarde..."

Entretanto, o velho não era a figura trágica de quem chama os filhos para dizer adeus. Colecionava anedotas do "Conselheiro XX", lia e relia antigos almanaques e, em tradução portuguêsa, tinha completa a coleção de Paulo de Kock. Êle contava episódio após episódio, de cambulhada com encantados comentários e, às vêzes, ria tanto que nem chegava ao fim da narração. Nós ficávamos esbulhados, mas êle era feliz — feliz pela bebida, pela ausência de vizinhos e, principalmente, por umas tantas descobertas que havia feito e que lhe davam nôvo sentido à vida.

Acho que se impeliu para estudos do céu, de tanta raiva que tinha da gente da terra. Começou com uma velha astronomiazinha "Popular", de Flamarion, foi ficando mais exigente e, com as facilidades de que dispunha, ajeitou para seu uso lunetas e cartas celestes, naquelas solidões da Ilha de Mola.

Minha irmã estranhou aquêle varrer de luzes contínuo, que nos excitava um pouco, sempre ao comêço das estadas no farol. Era no quarto, contudo, que se via menos aquela

luz a varar os mares. Eu também havia padecido de insônia em meu canto da sala de jantar, agora transformada em dormitório por meu pai, que cedia à filha o melhor aposento da casa, o mais próximo do chão. Os raios do farol incandesciam a mata brava, fechada, tão tofuda e tão áspera, além dos penhascos, devassando-a interminàvelmente. Os antecessores de meu pai haviam apenas cortado algumas árvores, mas ninguém tivera coragem de abrir picadas na espessura da floresta. Para onde levariam elas, se a vida era o farol? E os jatos de luz mostravam desvãos da rocha, faziam viver insetos, acordavam pássaros, remexiam e espertavam a noite. A luz não deixava dormir a ilha; era um eterno suceder de claridade e de sombra, como antes do primeiro dia da Criação, quando Deus separou as trevas da luz, para o grande apaziguamento do Universo.

Numa noite de inquietação, o Velho percebeu que a filha estava acordada. Levou-a para suas explorações celestes. Tuda ficou vivamente contaminada por aquela paixão do céu. O pai mostrava-lhe Júpiter e as suas luas, dava-lhe a face de Marte com sua leve calota polar para observação e, por estar a Lua em seu crescente, e propícia à investigação, assentou as lentes sôbre aquela paisagem devastada de fim de mundo, abrindo uma perspectiva diferente para o sonho de minha irmã:

— "Agora eu acredito na Lua. Antes, para mim, ela era maluquice de namorado ou de quem faz poesia. O que estava lá por cima, que os outros chamavam de Lua, nunca me interessou até agora."

Um dia, ela me perguntou:

— "E se nós pegássemos êsse farol para mandar sinais?"

Eu ri com aquela inconsciência:

— "Bem razão tem meu pai de dizer que mulher é bicho doido. Existem leis severíssimas. O farol é para funcionar assim como você está vendo. Nada mais nem menos do que isso. O resto é *cadeia.*"

Ela fêz um ar de desapontamento e disse:

— "Então, para que o velho estuda êsse negócio de sinalização? Até eu mesma já aprendi nos livros dêle."

E quando Tuda acabava de dizer isso, meu pai despencou na sala muito zangado:

— "É o que se ganha, minha filha. Você também, como as outras, não merece confiança. Não tem um mínimo... — êle procurava, arquejando e já dizia: ...um mínimo de juízo. O que passa pela cabeça, a bôca despeja."

Pensei que Tuda chorasse. Simplesmente, com ar muito atrevido, encarou meu pai e disse:

— "Eu não gosto nada de mulher... também. Só que as minhas razões são bem diferentes das suas."

Os dias iam passando e Tuda movimentando, vivificando o nosso isolamento. Até Piquira ficara enfeitiçado, degustando sua admiração com a bôca mole, desdentada e com os olhinhos de rato assanhado. Largava o serviço no poço do farol para, inteiramente escravizado e feliz, pescar siris com ela, na praia de seixos e areias negras, coberta de bruma do mar batido. Eu deveria chamá-lo vêzes sem conta:

— "Piquira, olhe isto, olhe aquilo... Há dois dias que você não limpa os metais!"

De manhãzinha, Tuda avisava:

— "Quem olhar para a praia, o Diabo fura os olhos!"

Ia nadar despida, tão corajosa naquelas águas bravias que meu pai sentia orgulho — porque a filha não era medrosa e frágil como tôda mulher.

Depois de uns dias de chuva, o céu clareou tanto que as estrêlas fagulhavam mais perto. Habituado já àquela claridade vadia, o velho pacientemente aguardava as trevas para poder fazer suas observações. Nós estávamos, minha irmã e eu, jogando baralho na salinha atulhada de lembranças que se foram acumulando com o correr dos anos por meu pai — recordações de visitantes, presentes antigos e novos, objetos que êle comprava só pelo prazer de adquirir qualquer coisa na cidade — quando lá no patamar, acima do farol, estrondou a voz do velho.

Em breve, êle barafustava pela porta. Nós ouvimos suas passadas — e íamos acompanhando a sua degringolada nervosa — até que, finalmente, desabou pelo corrimão da sala e chegou tão esbaforido, que mal pôde articular qualquer coisa. Tuda deu-lhe um copo d'água e êle o empurrou porque tinha pressa em contar. Gesticulava, murmurava coisas sem sentido, apontava para o alto, ria, ria muito e, de súbito, levou a mão ao coração. Apertou o peito como contendo

aquela fúria que se extravasava. Agarrou-me a mão e a de Tuda e disse só estas palavras:

— "Eu consegui... eu consegui..."

Depois, quis falar qualquer coisa, ainda. Notei que seus traços, de repente afilavam, escureciam nos cantos. Começou a suar, derreou-se sôbre uma cadeira, parecia querer recuperar um pouco o ânimo. Chegamos a imaginar que êle havia conseguido superar o mau momento, porque ainda riu um riso fraco, riso a que sucedeu a máscara fixa com um ríctus de dor. E depois foi apenas o amolecimento de corpo que se entrega, que não pode mais lutar. Pendeu o tronco para diante, resvalou. Tuda ergueu-o piedosamente, mas natural, como quem soubesse o que iria acontecer. Colocou-o docemente na cadeira, beijou-lhe a testa e me disse, severa, sem tremer, como daquela vez:

— "O velho foi *homem*. Foi mais homem que você!"

Entendi que ela se referia a uma provável insubordinação, como a um ato de coragem.

Mas a quem mandaria êsses pretensos sinais? A quem? E de que modo? Pacificamente, o raio certo e nítido, duas vêzes claro e uma sangüínea, volteava seguidamente e varava a imensidão da noite. Não fôra utilizado o jato do farol, ah, isto não fôra...

Supus que o uso imoderado do vinho no jantar houvesse provocado aquêle desfecho. Viajava agora meu pai de uma solidão à outra.

No dia seguinte, deveríamos enterrá-lo ali mesmo, ao lado do farol, como sempre desejara ficar. De minha parte, seria ùnicamente necessário uma pequena atividade burocrática na cidade, e nada mais. Também deveria pedir um substituto e mandar Tuda de volta. Foi o que fiz afinal, e então conheci amplamente aquela solidão profunda, imensa, varada noite após noite pelas rajadas luminosas do farol.

Meu pai está ali enterrado ao pé da rampa, junto da sepultura da mulher do último empregado. Em tôrno dêle as vozes do oceano, o grasnar das aves, e o mar e o céu se entrosando em seus mistérios, em seus apelos de abismos.

* * *

Passei alguns dias em trabalhos miúdos, atento ao imenso cenário que se descortinava do farol. Esperava o nôvo fun-

cionário com uma certa sensação de antagonismo, se bem que agora ansiasse por abandonar aquêle mundo de desolação. Minhas distrações eram poucas; polir metais, cozinhar, observar ao largo a passagem de cardumes, os saltos dos peixes, os pescadores em sua faina e, vez por outra, vislumbrar alguma lancha vadia que passasse por ali. Meu pai tinha sua estação de rádio para amadores, mas achei essa ocupação extremamente enervante. Tentei distrair-me com ela, e cheguei à conclusão de que todos os radioamadores só falam de seus próprios aparelhos, se estão ou não em bom funcionamento, o que lhes falta, e de que não há nada mais insípido e incapaz de produzir sensações do que essa aparente "revelação" de pessoas longínquas que se buscam. Todos pareciam da mesma família, comentando com falas desmaterializadas e impessoais, no mesmo tom, melhorias técnicas ou, para variar, discorrendo sôbre o tempo. Mais do que a presença do velho, fazia-me falta Tuda, agora, com seu riso, sua compreensão feminina, aquêle gôsto na amizade fraterna que viera conhecer tão tarde na vida.

Certo dia, acabava de lavar a louça do almôço, quando, deitando um olhar já meio amolecido pelo sono, a que me entregava em meu ócio todos os dias àquela hora, vi que a lancha de Piquira estava chegando ao exíguo cais do farol. Imaginei que já fôsse o nôvo empregado mas, com grande surprêsa, em breve apareceu a cabecinha vermelha de Tuda, sua capa de borracha esvoaçou ao vento e logo avistei três sujeitos, dois dos quais desceram com grande dificuldade. Diziam-se de uma Comissão do Ano Geofísico, que esperava estudar a ilha como base para certas observações sôbre correntes marítimas, pesquisas de determinada cadeia vulcânica, da qual Mola seria o pico mais alto. Um dos visitantes era ruivo, barbudo, espinhento, o largo paletó cheio de nódoas e caspas, e insistia sôbre inscrições de raro valor que existiriam nos penhascos da ilha, testemunhando sôbre velhas civilizações. Esse era falante, pois o companheiro, apresentado também como geógrafo, era mudo e desligado em sua atmosfera particular, de míope e enfezado. O último se disse amigo de meu pai. Conhecia bastante o farol. Era pernalta, descansadão, molenga. Tuda animadamente acompanhou os homens, primeiro ao farol como dona de casa. Depois, saiu com os geógrafos, e eu percebi o maravilhamento dêles. Ela era uma dessas môças tão femininas, que a simples presença

de um estranho pode perturbar, tirar-lhe a naturalidade. Notei que Tuda ficara diferentíssima: mais bonita e ágil, falando mais alto, estremecendo por pouca coisa. Os dois sujeitos só tinham olhos para ela. Duvidei muito de que o barbudo e o outro viessem apenas munidos de interêsse científico. O "amigo" de meu pai disse que ia dar uma espiada "lá em cima". Subiu desembaraçadamente, enquanto Tuda e os seus dois companheiros desciam ao penhasco, tiravam fotografias, partindo dali para a praia, onde os cientistas continuaram as suas explorações. Desconfiado, vigiava aquêle estranho visitante: cordial, mas um tanto superior em sua intimidade, procurando qualquer coisa pelas prateleiras, abrindo até uma gaveta de meu pai. Fechei-a, acintosamente, e perguntei por fim, bastante irritado com aquela sem-cerimônia:

— "O senhor era mesmo, assim, íntimo de meu pai?"

Êle deu um risinho meio cínico:

— "De seu pai e da Polícia Marítima. Esqueci-me de que você é novato e não sabe que devo fiscalizar isto tudo. Até é melhor que se retire, para que eu fique mais à vontade."

Era verdade, sim, e êle mostrou seus documentos, com o ar cansado de quem deve explicar as coisas muito bem explicadas a crianças. Desci, fui para o quarto e, de lá, avistei o grupo na praia: Tuda gesticulando, ladeada pelos dois sujeitos. Senti uma ameaça qualquer, mas não a poderia precisar, ainda. Um pressentimento desagradável, apenas. Uma hora depois, o investigador encerrava suas pesquisas, pedia-me cigarros e tentava certa conversa muito especial comigo:

— "Felizmente, para a memória de seu pai, nada foi encontrado. Houve uma denúncia — muito séria, aliás — de que êle se aproveitava do farol para orientar contrabandistas. Encontrei tudo em ordem. Há, entretanto, umas coisas esquisitas em seu caderno de apontamentos..."

Conhecia bem êsse livro onde meu pai, habituado a longos monólogos, discorria sôbre o tempo, os gêneros recebidos, as fases de Vênus, tudo de cambulhada com pequenas anotações sôbre a própria saúde. Era um falar alto, grafado no papel. O sujeitinho colocou o dedo comprido, de unha preta, num meio de página:

"Desta vez, êles atenderam. Era apenas um sinal lá longe mas, de repente, aquela luz cresceu e se aproximou tanto do farol que eu pensei que a coisa se espatifaria contra a tôrre. Cheguei a deslizar para o poço. Era o pânico. Tão grande aquela visão que, de ambas as janelas, se avistava..."

— "Uma vez — disse o visitante — encontrei seu pai embriagado, sòzinho aqui nesta sala. Quase dei parte dêle. Depois tive pena. Mas isto aqui, esta "coisa" que aparentemente iria tocar no farol só pode ser... bebedeira. — Acendeu outro cigarro. — A não ser que seja tão maluco a ponto de acreditar... — Ficou zangado consigo mesmo e impediu a bôca de declarar tão grande tolice. — Tôdas estas coisas misteriosas, que aparecem no mar e no céu... a gente, prestando bem atenção, viram... muamba. Mas no caso de seu pai — coitado! — isto devia ser bebida."

Baixei a cabeça. A sensação de opressão começava a tornar-se intoleravel. Olhei para a praia, vi-a deserta. Lá longe, as árvores principiavam a balançar. Imaginei uma tempestade, e aquela gente prêsa no farol, conosco. Voltei-me para o funcionário da Polícia Marítima:

— "Vem tempestade. A travessia pode ficar perigosa!"

Minutos depois, de nariz vermelho, ruborizada pela animação, pelo vento, e, principalmente, pela companhia, Tuda baratustava na sala dizendo que iria fazer cha, que eles precisavam tomar qualquer coisa antes de ir embora. Os homens estavam iluminados. Ate aquêle que, primitivamente, era o mudo, se mostrava eufórico. Conversavam sôbre as descobertas que fizeram, trocaram algumas impressões muito tecnicas, muito difíceis para mim, sobre a flora da ilha, depois... bem... se largaram sòbre duas espreguiçadeiras, com jeito de donos da casa. Em breve, Tuda servia cha borolento eròscas velhas aos três visitantes. Eles saboreavam aquilo de olhos brilhantes para ela, frágil, magrinha e, no entanto, feita um perigo agora, um perigo tão diferente daquela bondade que antes representava. Achei detestável a amizade fraterna, achei odioso ser irmão de uma pequena que parecia pôr em ebulição os sentimentos de masculinidade de quantos se aproximavam dela. O fiscal interpretara a minha casmurrice de outra maneira:

— "Rapaz, não se assuste. Está tudo legal, entendeu? Tudo legal."

E só à noitinha, por mais que eu avisasse que a tempestade vinha mesmo, foi que êles partiram. Tuda tencionava também voltar, como se a ilha, agora, representasse para ela um simples passeio. Retive-a, irritado por aquela camaradagem tão incompreensível de minha irmã com os estranhos. Ela não se zangou. À noite, quando ficamos sòzinhos, foi que seus olhos aumentados me confiaram o segrêdo:

— "É muito dura para mim a ausência de papai. Só queria ver você. Lá longe, era como se êle estivesse vivo. Cada raio do farol me falava dêle. Aqui, a morte é tão sabida que a gente não pode fingir."

Combinei com ela que o Piquira iria levá-la no dia seguinte. Não podia permitir que ficasse tantas horas em companhia de desconhecidos. Tuda teve um comentário irritante:

— "Êles são muito *científicos* — disse. — A gente aprende muita coisa. Você nem imagina quanta coisa êles me ensinaram..." — tornou a rir.

Compreendi o ódio do velho pelas mulheres. No entanto, como eu queria bem a essa irmãzinha que me fôra entregue, como môça feita, um belo dia, por meu pai! Aquela tempestade que eu tanto anunciara, afinal veio, e com violência tremenda. Tuda parecia aterrorizada, mas não quis mostrar mêdo:

— "Você vai ver que *estopada*! Enquanto fizer êsse mau tempo, Piquira não volta. É capaz de nem voltar amanhã."

Não voltou mesmo, o preguiçoso. Nem com céu azul e tranqüilidade das águas. Tuda me veio acordar, beijou-me sem nenhum ressentimento, e depois, rindo, disse a sua frase costumeira:

— "Quem olhar para a praia — o Diabo fura os olhos!"

* * *

Enquanto eu fazia a barba — a presença de minha irmã me obrigava a certos cuidados antes relaxados — Tuda chegou vestida a meio, os cabelos escorridos a pingar água sôbre a blusa que ainda abotoava:

— "Tem um pára-quedas aberto, lá embaixo. Deve estar prêso nas árvores. — Palpitante, puxou-me pela mão: —

Veja, lá está. — E muito constrangida, tal se fôra pegada em culpa: — Eu *senti*. Juro que me estavam espiando. Virei a cabeça com aquêle baque aqui dentro — apertava o coração — e vi lá longe aquêle pára-quedas."

Procurei divisar o pára-quedas de que falava Tuda. Devia ser um pedaço de rocha, lampejando ao sol, por entre as árvores:

— "Veja, meu bem. Você acha que um pára-quedas podia ficar sempre imóvel, aberto sòzinho? ...*Êle* não está em cima das árvores, está *entre* as árvores. Venha tomar seu café, e depois vamos ver essa novidade que você descobriu. Mas por que essa tremedeira? Do frio? A água devia estar gelada... Ou foi susto, mesmo?"

— "Ando nervosa. Tive esta noite um sonho tremendo."

— "Conte."

— "Não posso. Tenho vergonha. É uma coisa feia. Mas... não é como você está pensando. Foi um sonho com espíritos... — bateu na bôca, e disse rápido: — Deus me livre e guarde, amém."

Compunha-se depressa. Ao terminar de arrumar o vestido, sacudiu os cabelos e me apanhou pelo braço:

— "Em vez de café, vamos tomar um pouco de rum com leite, como o velho gostava?"

Aceitei. Se Tuda fôsse homem, eu gostaria até de me embebedar com ela, como fazia com meu pai. Desde a véspera, sentimentos contraditórios me possuíam. Não confessara à irmãzinha, mas também tivera sonhos estranhíssimos, com apelos de almas que me queriam levar para distâncias incomensuráveis. Chamavam-me, e eu sabia que se correspondesse, rolaria num precipício, seria possuído por uma voragem. Era um pesadelo que jamais tivera. Tuda serviu o leite, que eu já havia aquecido, despejando porém em cada caneca de ágata quase três dedos de rum. Sorvemos a mistura vagarosamente, roendo as bolachas duras. Quando viria Piquira com a nova ração? Tuda, que eu pressentia palpitando ao alcance de minha mão, como bicho assustado, pouco a pouco foi ficando colorida, radiosa, segura. Terminado o leite, bebemos mais um tanto de rum puro. Tuda virou a cabeça de ave, circunvagou o olhar pelo aposento e disse, servindo novamente:

— "O velho está *mamando* a bebida por nós!"

Recordei-me, então, daquele trecho das anotações de meu pai. Referi-me a elas. Tuda chegou os olhos bem perto dos meus:

— "E você não acha que poderá haver uma relação entre *isso* e aquela espécie de pára-quedas ou que diabo fôr, lá no meio das árvores?"

Dei uma risada curta, depois quedei pensativo: "Mulher tem cada idéia."

Resolvi espiar pela janelinha a *coisa*, mais uma vez. Então vi que um vulto magro, e vestido de cinza subia airosamente, em grandes e leves pernadas, a escadaria do farol. A rápida ascensão durou um nada. Quando nós abrimos a porta, êle já estava lá.

Tanto aquêle rum matinal me subira à cabeça, que não pensei em tomar precauções contra a exótica figura. Procurarei descrevê-la com maior fidelidade, enquadrada à porta, altíssima, cercada pela paisagem de verde e azul intensos. Seu vulto semelhava uma fotografia enorme e descolorida, um cartaz escorrido pela chuva. Era estranhíssimo, vestia-se... como? Poder-se-ia chamar de *batina* àquela veste estreita que descia reta, modelando-lhe as pernas, mas com tal flexibilidade que poderia dar as longas e aéreas passadas? Tudo nêle era côr de couro curtido: o rosto, até os cabelos. Faltavam-lhe viço e relêvo e, no entanto, não havia dúvidas, não era um fantasma, era gente como nós. Soprados pelo vento, os cabelos descoloridos se agitavam em mechas. Olhava-nos fixamente e sua mão que parecia um galhozinho sêco — seus dedos eram longos, jamais vira dedos iguais! — acenava para nós. Aquilo podia ser uma saudação, ou seria o quê? Mas Tuda não perdeu tempo, vermelha como lacre, depois do excesso de rum. Saltou da cadeira, caminhou jovial para o recém-chegado, foi pegando aquela mão murcha e comprida com a mais cordial camaradagem:

— "Uai! Então o senhor é que é o pára-quedista? Mas que roupa mais esquisita!"

Puxou-o, naquele excesso de pressão de amabilidade, fê-lo sentar-se. Reparei que seu olhar era sempre fixo, não evoluía naturalmente de direção, antes passava de um ponto a outro, com instantaneidade surpreendente. Traçado o rá-

pido movimento, o olhar se fixava, penetrante, duro. E assim eu o via, agora, focalizar minha irmã. Ela o incentivava:

— "O senhor levou um susto, heim? Cair nessas lonjuras... Quer um pouco de rum? Ah! desculpe. Pra susto, água é melhor."

Aquela espécie de padre... parecia, malgrado a facilidade com que subira os degraus, e a normalidade de sua respiração, ainda incapacitado para articular uma palavra só, que fôsse. Movimentou duas ou três vêzes os lábios, com enorme esfôrço. Tuda virou para mim o rosto de alvorada:

— "Será que êle é mudo?"

Levou a água à bôca do recém-chegado. Êle tomou uns três goles e com dureza de gesto, tão rápido quanto o olhar, colocou a caneca na mesa. Não havíamos visto nem sequer o percurso entre a bôca e o pousar na mesa. Quando reparamos, já a sua mão-garra estava aberta junto da caneca. Tive uma idéia estapafúrdia:

— "Êste homem deve ser um... um membro da *Sociedade de Iogues*, que se reúne na praia de Bela Face, aqui por perto."

Enfrentei-o na sua calma hierática, sentado na cadeira, como estátua em praça pública:

— "O senhor quer me dizer quem é, e o que veio fazer?"

Aquêles olhos da côr da pele continuavam a mirar-me. Se o uísque me dá doçura, o rum sempre me deu vontade de brigar. Senti uma onda surda de raiva contra aquela intromissão:

— "Não é pelo fato disto aqui ser do Govêrno, que qualquer um pode entrar."

O visitante nem sequer moveu as sobrancelhas. Fêz um grande esfôrço labial e depois disse:

— "Saudaçons."

— "O que foi que êle disse?" — perguntei a Tuda, que abriu a gargalhada.

— "Eu ouvi *saudaçons*" — respondeu, sempre jovial, fungando, por não poder parar de rir.

O olhar do homem fechou para Tuda. Então, depois de algumas tremuras dos lábios, saiu a nova palavra:

— "Amicável."

Tuda careteou:

— "Coitado! Não fala português, mas pelo que está dizendo é boa praça. Será que êle veio da Rússia? — E ela já estava perdendo a naturalidade, com a demorada fixidez dos olhos do homem. — Já vi uma reportagem sôbre um lugar na Rússia chamado... Kassastan... com gente de roupa parecida com essa."

— "Que Kassastan, que nada! Isso está mais é cheirando contrabando. É capaz do fiscal ter razão! Coisa estranha é moamba."

Levantava-me, em minha suspeita. Mas — seria já o pêso da bebida? — as pernas amoleceram e algo me puxou para baixo:

— "Senta" — ouvi.

— "Que ordens são essas?" — disse para Tuda, cada vez mais irritado.

— "Você está maluco? — respondeu-me. — Não lhe dei ordem nenhuma."

Levantei-me, novamente, e ouvi, com a maior clareza:

— "Senta, senta já."

A visita continuava como morto-vivo, a me fixar com seu ôlho de ágata. Seus lábios estavam fechados, quase desapareciam naquele rosto incolor.

— "E agora? — disse a Tuda. — Você quer dizer também que não me deu ordens?"

— "Claro que não."

Imperiosamente, a mesma fala vibrou:

— "Espicha, descansa, dorme."

Enquanto isso, aquêle homem-múmia continuava a me observar com os olhos sem sombreado algum. Senti uma luz na cabeça, apesar dos vapôres do rum.

— "Eu bebi um pouco mais do que devia — disse. — Calcule..." — ia contar à minha irmã sôbre as palavras que ouvira e que, naturalmente, ela não poderia ter dito... porque eram *palavras que o rum inspirara*. Correu-me longa moleza pela espinha. Braços possantes, como que me vergaram o corpo. Emborquei ali mesmo na mesa em sono pesado.

* * *

Lutei contra o sono profundo — quanto tempo? Levantava a meio a cabeça, via Tuda. Primeiro, ela estava mais

longe, no seu lugar à mesa, olhando a visita, mas os dois sempre parados. Depois, via-a levantar-se... Estaria servindo bebida ao visitante? Mergulhava naquele sono invencível e varava por abismos coloridos, azulados, profundos. Reunia todo o meu sentimento de defesa. Um longe de razão me dizia que Tuda estava sòzinha com aquêle homem e que, decerto, era perigoso. Fui e voltei àquelas neblinas azuladas. Senti uma dor de cabeça terrível e, quando por fim me vi dono de minha vontade, o estrangeiro — é lógico que êle só podia ser estrangeiro — emborcava a bebida como um autômato e minha irmã ria às gargalhadas. A luz declinava... Passara tanto tempo assim, ou estaria ameaçando chuva? Tuda virou o pescoço branco na risada. Quando terminou, disse-me:

— "Você é tão frouxo... O velho teria agüentado muito melhor! Você já viu gente rir dando guincho ou... assobio? Nem sei dizer como é, mas espere... que êle já vai rir. Espere só."

Fixava-o com graça provocante:

— "Com êsse jeito de santo antigo, me diga uma coisa: — e apontava para si mesma — você gosta de mulher?"

Então ouvi distintamente uma sorte de fervurinha, como o assobio de uma chaleira, a se escapar dos lábios descorados do visitante.

— "Estou aprendendo com êle, também. É mais *científico* ainda do que os outros. Mas... espere, fique calmo, que você vai entender tudo que êle quer dizer."

Então, aquela voz que me intrigara, vibrou novamente:

— "Calma, calma!"

Talvez pensem que tudo que estou relatando seja efeito de bebedeira. Não, não. Nesse momento eu estava absolutamente lúcido. Prestei atenção e verifiquei. Era a minha própria voz que agora me dizia:

— "Um êrro. O seu pai me chamou. Vim porque êle chamou."

Meu primeiro impulso foi o de gritar-lhe ao nariz:

— "O senhor fingiu de estrangeiro, mas está falando tão bem o português!" — Mas com o assombro que me subjugava, compreendi: as palavras *não soavam para mim, soavam em mim.* Eu mesmo me dizia aquelas coisas, e eu mesmo respondia àquele outro eu:

— "Que quer de nós?"

— "De nós, não. *Nós quer dizer mais de um, não é?*" — Senti a cólera crescer contra aquela divagação absurda, que me enloquecia. E meu pensamento verberou aquela maliciosa resposta, que estalava dentro de mim mesmo com minhas próprias palavras!

— "Fale logo com clareza. O que quer?"

— "Ela — disse simplesmente. — Despachado para ela."

Nesse instante, sem transparecer nenhuma emoção, a visita estendeu o braço reto terminado por aquela mão — agora eu via bem — onde todos os dedos tinham o mesmo tamanho, e enlaçou o pulso de Tuda que, repentinamente, ficou séria e pálida. Do divertimento passara ao mêdo. Encolheu-se.

— "Tuda — pedi a minha irmã — vá para o quarto."

E como eu a visse paralisada, arrastei-a escada abaixo, levando-a para lá.

— "Virgem Maria! — disse-me Tuda. — Por favor, não se zangue com êsse homem. Êle não parece uma pessoa de carne e osso! — Naquele seu velho sistema, persignava-se: — Deus me livre e guarde! Nós estamos sòzinhos — continuou. — O pior é que não basta fechar a casa — seus olhos aumentaram medrosos. — Porque êle, quando quer, entra dentro do espírito da gente, que nem luz varando tudo."

Cerrei a porta, reuni tôda a energia e enfrentei aquêle visitante fantasma, aquêle fantasma vivo. Com bofetões ou signos me veria livre dêle. Talvez eu o prendesse no fundo do poço do farol. Sentia-me agora dono de minha fôrça. Afinal, não estávamos tão sós quanto Tuda havia dito. Para uma emergência assim, o transmissor de rádio serviria. Procurei recuperar minha calma. Os vapôres de rum se haviam dissipado.

* * *

Pacífico, com o olhar reto de animal sôbre a paisagem já escurecida, o visitante estava de pé, os longos braços cruzados no peito. Ao me aproximar dêle como que descobri que crescera. Media, pelo menos, meio metro mais do que

eu. Ajuizava então agora a sua extravagante pessoa. Não, eu não teria mêdo de sua altura. Parecia um doente, com aquêle seu perfil terroso. Entretanto, ainda mesmo o vendo de lado, observei que a sua vista tomava um tom avermelhado e que sua testa vertia um ligeiro suor. Seria como um comêço de vida, naquela sorte de devastação.

Quem me ouve há de raciocinar assim: — "Não me parece muito lógico que em tão pouco tempo e com tanta suspeita, você tivesse lazer para tais observações." Achava-me mergulhado num estado de superexcitação, onde tudo toma um relêvo esquisito. Esperava usar da violência que sua empáfia merecia. Vertiginosamente, a sua figura se deslocou da janela para mim. Os dedos possantes e finos, escuros, enlaçaram-me o pulso. A sua face árida e suada cresceu, quase colada à minha, o olhar avermelhado procurou o fundo de meus olhos:

— "Amicável... amicável..." — isto êle disse.

Arrastava-me com fôrça singular para a porta. Talvez não fôsse *sua fôrça*, mas como que uma incoercível adesão de meu corpo àquele apêrto de seus dedos finos em meu pulso. Não compreendi a minha súbita fraqueza. Reagi, desvencilhei-me. Obscuramente, aceitava que aquêle homem tivesse armas invencíveis. Não, eu destruiria essa absurda impressão. Minhas mãos estavam moles, mas quando se soltaram, agarraram o primeiro objeto que estava perto: uma jarra. Com violência, atirei-a sôbre o rosto do indivíduo. E foi como se eu batesse num boneco, porque nem ao menos fêz uma careta de dor. Mas de sua testa pálida o sangue escorria grosso, côr de ferrugem e se ia avolumando, coagulando, marcando-lhe o rosto com estrias. Êle abriu os braços e ainda disse: — "Amicável" — com esfôrço imenso. Um longe de dúvida me assaltou:

— "Prove! — gritei-lhe, querendo gritar como um forte, mas clamando como criança desarvorada, e continuava gritando: — Prove! — Já teve bastante tempo de dizer quem é e o que vem fazer aqui. Acabe já com êsse mistério. Do contrário..." — e eu corria para a porta, a única saída, pois que de lá do alto ninguém poderia escapar. Dava as costas à passagem e invetivava:

— "Isso que você tem aí na testa é o comêço. Afinal, o farol é como se fôsse a nossa casa. Você nos assaltou..."

A face tatuada de sangue marrom me observava aparentemente sem emoção. Misturando-se, porém, àquelas tarjas escuras, o suor ia crescendo e, sem nenhum aspecto de dor, os olhos marejaram, como se também *transpirasse* por êles. Isto me deu uma feliz impressão: era sinal de fraqueza, era mêdo, aquela transpiração — não pranto, que vinha do rosto burborejando. Uns segundos mais, enquanto eu lhe fechava a saída, observei aquela estranha mudança. Mas já saltava de posição e novamente me agarrava, desta vez cruzando os braços em tôrno de mim. Não disse "amicável", mas dentro de mim suas palavras reboaram, feitas minhas, com minha voz:

— "Você não quer ouvir."

Respondi a mim mesmo — quem sabe se até não estaria falando alto, como um louco?

— "Vê se dá uma boa explicação."

Desvencilhava-me com fúria, mas uma espécie de ópio se dissolvia em meu sangue e em minha vontade. Rematava:

— "Diga o que tem a dizer."

* * *

Entro agora na parte mais difícil desta narração. Já não posso pintar bem a cena. Onde estaria o homem, onde estaria eu, então? Êle falava em mim exatamente como as figuras de sonho falam em nós, e eu me respondia dentro dêsse clima de fatalidade que há no sonho. Naquela súbita moleza, tombaram as últimas defesas de minha consciência. O tempo não contava mais. Vi tudo escurecer e aquela voz — a minha voz — sempre falando. Primeiro, a nossa estranhíssima conversa foi cortada pela intermitência dos raios do farol, ora lívido, ora vermelho. O rosto do visitante se projetava sôbre o meu, com aquêle caminho de sangue coagulado. Depois... depois... minha irmã nos veio fazer companhia. Alçava na mão um candeeiro, tão bonita e tão calma. Dir-se-ia que vinha, dócil, a chamado de alguém. Pousou a lâmpada, pôs as duas mãos sôbre a cadeira — sim, ela estava com as duas mãos aninhadas sôbre a cadeira — e eu não tinha para ela nem uma palavra de reprovação. Agora, a luz sôbre a mesa não nos deixava tão viva a presença do farol, e a conversa que nós três tivemos foi a mais espantosa que já

se ouviu no mundo. Nessa confusa passagem, creio que nos embriagamos novamente. Sim, também acho que se êle não houvesse conhecido os calores da bebida não revelaria êsse segrêdo monstruoso. Nós três, ali juntos na salinha do farol, e alguém fazendo com minhas palavras a maior revelação — sim, vocês que me ouvem, não riam — *a maior revelação desde que o mundo é mundo, desde que se cumpre a nossa história, do fundo dos tempos.*

Abriam-se as garrafas, uma após outra, e Tudinha derramava ora sôbre mim, ora sôbre o estrangeiro, a chuva copiosa de seus cabelos. Às vêzes, ela me falava e sua fala era como um chamado à realidade, ao qual eu não poderia corresponder:

— "Marcos, não tenha mêdo... Êle explicou que tôda a gente dêle é assim. Há séculos que não falam como nós. Por isso perderam a expressão. Diz que nós também *falamos* com o rosto e com as mãos..."

Reunidos hoje todos êstes farrapos de lembrança, que faíscam dentro de mim, entendo que o que fêz livrar seu segrêdo foi que jamais se havia embebedado, pois era cem vêzes mais forte e mais sereno do que nós. Ao cabo, porém, de algum tempo a sua voz, tão minha, principiou a monologar:

— "Avisei que era como amigo e você não acreditou — mas êste luzeiro aqui se projetou até nós."

Dialoguei sempre comigo mesmo:

— "Como?"

Então Tudinha cochilava.

— "Pelo pensamento — onda de luz — seu pai era um *nosso*. Êle detestava, êle odiava os companheiros."

Não houve reação. Em mim, o estranho continuava a expressar-se:

— "Só poderia aproximar-se de nós — era superior. Mas foi difícil conseguirmos a ligação material. Espiritualmente, tomara contato havia vários anos. Êle aproveitava as fases mais propícias das confluências — ó meu Deus, se ao menos eu não tivesse bebido tanto! — e utilizava o raio-luz como veículo do pensamento. Mas de uma feita se arrependeu. Sua natureza terrena o predispunha à fraqueza."

De repente, uma onda sangüínea, massa enorme de calor, me apanhou dos pés à cabeça, como se seu ódio explodisse em mim. Mas sua face continuava pasmada e lunar:

— "Vocês não merecem o mundo que têm. Quando nós desejamos sonhar, e vamos aos enormes sonhadores públicos, ergue-se a visão da Terra e então conhecemos todos juntos as côres que jamais avistamos por lá. Somos ricos de perfeição, mas pobres de moradia. Há séculos que magotes formados por nossa gente emigraram para Deimos, o satélite que possui um pouco ainda de umidade, uns pobres restos de vida. Vivemos em condições artificiais. Avistamos as instalações que alguns de vocês fizeram no Pólo, e nos lembramos como somos infelizes, pois quase todos devemos viver assim."

"Estamos esperando, há séculos, para herdar a sua bela moradia — e eu ria por êle como um doido, pois até de meu riso se apossara. — Há séculos, nos debruçamos sôbre suas paisagens. Houve um louco, meio clarividente, que tentou fazer uma revelação da nossa guerra com vocês. Louco e estúpido — êsse maldito Wells! Foi um dos que pretenderam solapar nossos planos. Louco como quase todos os habitantes desta coisa, pois há Sol demais, o coração bate depressa demais, e a vida apodrece cedo demais: não havendo indivíduo que tenha a cabeça fria como nós a temos. Louco, sim. Pois então nós haveríamos de lançar à morte *gente nossa*? Pois então haveríamos de gastar nosso povo superior, numa luta com indivíduos inferiores?"

Minha cabeça latejava. Sentia a hesitação dos pensamentos do outro. Como que procurava controlar-se, mas a sua torrente de idéias se derramava em mim, num fluxo impossível de ser contido.

— "E aqui todos vão ficando loucos, também. Eu mesmo..."

— "Quer dizer que vocês nunca fariam essa guerra?"

— "Jamais — gargalhava êle em mim, alegremente. — Então não temos tantos trabalhando para nós? Tantos vis escravos?"

Naquele ambiente irreal, um longe de mêdo se incutiu em mim. Êle não haveria de dizer mais do que isso; ou não saberia tudo. Mas, como da outra vez, o espicacei:

— "Vocês, então têm emissários entre nós?"

— "Qual nada — e a sua galhofa se traduzia também por uns arrepios nervosos que me corriam o corpo. — São vocês mesmos, vocês, tipos inferiores que se propõem a trabalhar... para nós. Nós apenas *inspiramos*. Nossa mente mais evoluída espalha o que quer. Vocês estão apodrecendo há séculos. Os seus líderes determinam, e vocês se matam aos montes, mas ainda não descobriram a origem dessas brigas, do suicídio de sua humanidade. A nossa principal façanha, a definitiva, a que nos valerá a entrega do mundo..." — e eu mesmo, eu próprio, perguntei num lamento: — "A guerra atômica?" — ... "essa nossa inspiração já antiga, enciada no raio-luz do pensamento, de progresso em progresso, porá fim ao tempo de angústia em que vivemos e morremos, na esperança de obter enfim a nossa casa, o mundo feito para nós."

Tudinha ora erguia a cabeça, ora cochilava sôbre os braços, os cabelos afogueados sob o clarão do candeeiro. Mas em mim se formou um negror: bem se instalou um silêncio fechado, espêsso, que tinha a configuração de um corpo sólido a me pesar no peito. Ràpidamente, nova centelha, e a máscara do estrangeiro pendia para mim, a voz estalava aqui dentro:

— "Houve um só que, muito antes de principiarmos a nossa tática, previu tudo. Chamava-se... como se chamava?"

A dúvida escaldava minha própria cabeça, e as palavras floresceram, vermelhas, em meu íntimo.

— "Chamava-se *Jesus, filho de José*: "Amai-vos uns aos outros", gritava Êle perdidamente, mas vocês não o ouviram não o ouvirão jamais — isso felizmente para nós! *E nós herdaremos a Terra. Nós a limparemos de seus cadáveres e de sua radioatividade*, mas para isto estamos precisando urgentemente de criar em Deimos uma raça poderosa de fixação. Formaremos o ser intermediário com as condições físicas dos que habitam êstes lugares, e o espírito que nós possuímos, capaz de garantir a herança da Terra."

Senti que qualquer coisa mais negra e mais monstruosa estava para nascer naquela aurora de palavras jamais ditas e que, no entanto, viviam com intensidade em meu próprio ser:

— "Nós levaremos algumas mulheres."

Fiquei paralisado, nem sequer conseguia pensar. Mas o

visitante como que procurava espraiar seus pensamentos até mim, com certo óleo de ternura:

— "Se seu pai vivesse... Êle odiava tanto os seus irmãos... Se seu pai vivesse, êle a entregaria..."

* * *

Conseguiria vencer aquela onda pesada que se abatia sôbre mim, fixando-me impotente na cadeira e, no entanto, captando lùcidamente tais idéias? Meu corpo era de chumbo, mas a voz do meu espírito vibrou:

— "Eu me vingarei" — disse.

Querendo soerguer-me da mesa, atirava-me ao chão. Via dançar à minha frente o vulto do estrangeiro. Tudinha permanecia na mesma posição. Punha-me de joelhos. Se eu conseguisse arrastar-me até a cômoda vizinha, tiraria o revólver. Meu corpo pesava monstruosamente. Sentia-me fixado ao chão, mal progredia no meu afã de atingir o móvel. No entanto, a sua voz subia e aí já era um canto de triunfo:

— "Vocês pensam que têm as suas mulheres, mas não possuem as suas mentes. À noite, nós sonhamos que elas nos mandam o calor de suas aflitas solidões. Vocês nada sabem do requinte que é a posse de um espírito. *A união material pouca coisa é, perto dessa outra.* Levarei sua irmã daqui com sua própria vontade, já que *a vontade é uma das muitas fraquezas que vocês têm, segundo nossos estudos.*"

Isso me deu o último impulso para que pudesse sacudir aquela tirânica ebriedade. Puxei a gaveta da cômoda, apanhei o revólver, mas oscilava. Então, a minha boa voz humana, minha só, berrou para êle, e eu sentia gôsto de sangue no ódio que me contaminava:

— "Mas você morre, diabo, morre já!"

Procurava fixá-lo. Êle dançava no campo de minha visão. Mas eis que me sinto empurrado, o revólver atirado longe de mim. É que Tuda acordara:

— "Não — disse ela. — Não quero."

A surprêsa da intromissão impediu, por uns segundos, que me atirasse ao inimigo. Vacilei, encostei-me à parede. Ela tomava-me a frente:

— "Você está bêbado! Vá dormir!"

Sua voz era áspera, mas logo a modificou:

— "Venha, que eu ajudo..."

Enlaçava-me. Sua cabeça vedou, momentâneamente, a odiosa face do intruso. Desvencilhei-me de minha irmã, quis arremessar uma cadeira. Cambaleei.

A fala de Tudinha era furiosa:

— "Bêbado! Bêbado! Êle não nos féz nenhum mal..."

Quero lembrar-me exatamente o que fazia, então, o estrangeiro. Só posso recordá-lo como estranho espectador, fixando-me atento. Mas o revólver — eu não o encontrava mais ao canto da sala. Desaparecera. Ela procurava dominar-me, tomava um tom cruel:

— "Não permito que você o maltrate."

— "Tuda — disse-lhe. — Êle..." — e procurava palavras, mas como que saíam dolorosas, dificilmente dominadas:

— "Assassino! — gemi, por fim. E o apontava para minha irmã: — Quer levar você..."

Ah, eu possuía as minhas palavras. Eram minhas, minha voz, minha afirmação, meu canto de homem. Senti-me leve. Eu o esmagaria com meus punhos. Recuperando o equilíbrio do corpo, movimentei-me, gritando e espumando de raiva. Tudinha mais uma vez interpôs-se. Empurrei-a com violência, clamando para o estrangeiro:

— "Covarde!"

Sim — era um covarde — e eu ria como um possesso, enquanto o invectivava. Em vez de enfrentar-me — deslocou-se para junto da porta, num daquêles movimentos instantâneos. Agora, eu estava rente à janela, e Tudinha me olhava apavorada. Mas já não via o intruso. Êle... êle desaparecia pela porta. E minha irmã o seguia. Ouvi o estrondo da madeira, com estupor. Depois a chave rodou na fechadura.

— "Tuda! — gritei. — Tuda! Eu não estou bêbado! Abra, Tuda! Você... você está correndo perigo!"

Parecia uma trágica brincadeira, aquêle desfecho. Bati desarvorado à porta, até que meus dedos quase sangressem. Tuda estava à mercê daquele homem. E eu que não pudera fazê-la compreender o mal que o intruso representava!

Acho que chorei, sim. E não me envergonho de dizer. Sentia-me coberto de ridículo, reduzido à situação de uma criança castigada. Deveria forçar a porta. Ainda na mesa estava a faca de cortar pão. Tentei retirar a fechadura. O trabalho foi duro, a lâmina partiu-se, afinal. O tempo corria. Sentia latejar a fronte, e o ódio apertava-me o estômago com tal violência que me vinham náuseas. Afinal, na cômoda de meu pai encontrei uma forte lima de aço, que êle usava nos seus consertos caseiros. Consegui com ela fazer soltar as dobradiças — uma após outra. Penso que levei muito mais de uma hora nessa aflição.

A porta maciça despencou ruidosa. Agora, eu tinha diante de mim a visão límpida do cenário, o sol dourando os penhascos e os cimos das árvores. Queimava-me os olhos um resto de pranto. Febrilmente eu os procurei e, então, em cima do rochedo, vi aquela imitação de árvore, um abraço entre o homem e a mulher como jamais conhecera. Em tudo pareciam planta — uma árvore que fôsse metade sêca, metade viva. O vulto dêle pendia, imenso, encarquilhado, a cabeça entornada sôbre os cabelos castanhos de Tuda pequenina. Êle a enlaçava com aquêles seus braços longos e os dois se plantavam estáticos, as roupas lambidas pelo vento, os cabelos misturados, rígidos como se fôssem sêres inanimados.

Nem o sol, nem o vento, nem o ruído das águas, nem mesmo a preocupação de que eu pudesse persegui-los, perturbava o aconchêgo. Parecia não ter mais fim aquêle beijo — se é que se pode chamar de beijo — aquela serena integração em nada lembrando a discordante violência do desejo humano, antes simulando repouso infinito. Aquilo era mais do que poderia suportar. Como escorreguei desorientado pelos degraus, como subi à pedra, como dêles me aproximei? Então, já se encaminhavam para as árvores e, dessa vez, os passos do intruso não tinham a instantaneidade que eu já conhecia.

Via tudo vermelho. Deveria chorar sangue; estava meio cego e sentia um furor que era mais do que um ciúme de homem; era zêlo, era honra de nós todos. Tuda era minha irmã, mas era irmã de vocês todos, compreenderam?

Quando dei por mim, já havia alcançado com a mão um pedaço da saia de Tuda, que se infiltrava na mata. Dei um forte puxão e agarrei minha irmã em desespêro. Mas

era como se Tuda fôsse outra mulher. Fria, em sua violência, já me empurrava com fôrça desconhecida.

— "Vá embora! Vá embora!"

Assim mesmo tentei lutar com Tuda. O estrangeiro não a procurava reter, antes se imiscuía pelas árvores, mas eu a sentia bem dêle. Êle a largava como quem deixa a sobra de seu eu, o resto que se juntará ao todo, a fatalidade de um complemento.

Ainda expiarei minha vergonha, dizendo que lutei, é verdade sim, com minha irmã. Eu a queria reter com êstes meus braços. Era seu irmão, era seu pai e era, também, o homem de sua humanidade que a deveria proteger. Mas que sólida vontade, que fôrça interior êsse absurdo intruso nela imprimiu, pois que me vi afastado, rolando à borda do precipício, ainda com restos do vestido de minha irmã prêso aos dedos? Acho que, na queda, magoei muito a cabeça porque, então, não conseguia mover-me. Só pensava e ouvia. Escutava o estrondo das ondas e imaginava a lancinante separação, êsse degradante afastamento que estava para acontecer. Sabia que iria morrer daí a pouco, ainda com aquêles restos de Tuda agarrados às mãos. Outro dia não chegaria para mim e, no entanto, eu deveria sair daquela paralisação da morte, deveria mover-me, alertar pelo rádio, deveria chamar por todos. Lá da profundeza de minha lembrança, vinham-me as palavras:

— "Houve um, um só... que previu tudo. Chamava-se Jesus, filho de José. *Amai-vos uns aos outros*, gritava êle perdidamente."

Eu iria morrer. Ninguém mais, até que a terra fôsse limpa da podridão de nossos cadáveres, saberia o porquê de nossa destruição. Tuda se desgarrara de mim para uma separação muito mais terrível do que a distância da morte. Pensava isto e o mar batia nos rochedos, e eu me via sacudido pelas ondas, sentindo-me suspenso sôbre o abismo, e um longínquo pensamento me vinha de que se conseguisse viver algumas horas, em minha humildade preservaria o futuro de todos os sêres da Terra. Estas idéias me assaltavam como rajadas, varriam minha cabeça que doía cada vez mais. Eu não podia prever nunca o que sucederia: um vivo clarão de aurora me esmagou sem que o visse e, em seguida, houve uma brutalizante sensação de falta de

ar e de opressão. Compreendi que êles nos deixavam para sempre. Entreguei-me à música dos ventos e do mar, à acomodação com a idéia da morte.

* * *

Abri, admirado, a vista para uma floresta de olhos crivados em mim. Eram pescadores, chamados por Piquira. E o que havia de pureza na mensagem que eu imaginava entregar, se perdeu naquela incrível acusação de crime de morte, em tôrno de um pedaço de vestido.

De agora em diante, eu saberia que deveria ter uma palavra de advertência, que deveria gritar a todos para que se unissem, ainda mesmo sendo chamado de bêbado mistificador, de fratricida, ainda ouvindo os seus risos e sofrendo seus motejos. Os homens não acreditarão na minha inocência, cobrir-me-ão de ridículo.

"Uma história por demais fantástica, tentando encobrir um crime vulgar..."

Chorarei por Tuda, por minha irmãzinha, hoje uma saudade e referência para mim inscrita num canto do céu, naquele ôlho sangüíneo que, à noite, se fixa sôbre a exígua abertura da parede de minha cela de prisão.

Sacudirei as grades como um louco; farão ameaças, mas eu continuarei repetindo:

— "Vocês não me querem ouvir. Vocês não me ouvirão, miseráveis, insensatos, perdidos. *Êles herdarão a Terra. Êles herdarão a nossa Terra!*"

O CARIOCA

Ficaram à mercê do vigia, um nortista de falar sòzinho, que bulia, ela pensava, nos fios elétricos e na instalação de gás. Às vêzes, todos os aquecedores do prédio vazio enfureciam-se, incendiados por chamas vivíssimas. Outras, o único elevador, tapado ainda de sacos e de esteiras, ficava teimando: não subia além do sexto andar, ou então despencava dois ou três andares, retomando sua descida natural, após a vertigem dos visitantes que iam fiscalizar suas futuras habitações.

Moravam no último andar — o décimo segundo — e se avistavam através da área pelada de plantas e ainda triste de borrões de cal. Sabiam vagas coisas um do outro. Ao perguntar pela vizinha, ao guarda do prédio, êle ouvira a informação, dada de lábio espichado e levantar de ombros:

— "Sei que é resto de defunto."

E ela, querendo saber a respeito do único morador daquela vastidão, cheirando a tinta fresca:

— "Coisa boa êle não faz, porque tem tudo trancado."

À noite, o encarregado desligava a eletricidade, que havia oferecido as mais diversas manifestações, durante o dia: lâmpadas que acendiam em luz vivíssima, piscando e queimando, em seguida; rumôres subterrâneos no aquecimento central que entrava a gorgulhar. E o vigia, soberano, dizia à senhora — a única a fazer reclamação:

— "O azar é seu, madama. Quem pariu Mateus que o embale. Ninguém mandou a senhora mudar antes da hora. Desligo a luz às nove, o resto é por sua conta e do outro que também se meteu aqui."

Com explicações como essa, ou nenhuma, o nortista desligava a energia do prédio e ia tomar parte numa reunião de paus-de-arara, num outro edifício em construção.

Êles se espichavam nas rêdes e fumavam. Uns tocavam violão, outros contavam histórias de suas terras. E um ventinho do mar mandava a saudade da arejada e limpa noite sertaneja. O horário do encontro com a terra tanto podia ser às nove como às oito, ou até as sete. "Os avexados que se danem."

Conheceram-se, de falar e cuidar, só uma semana depois de se terem avistado, diàriamente, como ilustrações curiosas. Naquela noite, chegaram ao prédio às oito e meia. O vigia já havia desligado a luz. Então, subiram juntos as doze escadas, na escuridão, sob lampejos de fósforos, e risos nervosos da mulher.

A princípio, ela conservou os sapatos de salto, tão ressoantes, a ponto de incomodar. No terceiro andar, quando falseou o pé por tê-lo enfiado numa falha de ladrilho, êle sugeriu que ela se descalçasse e lhe pareceu gentil ver o vulto baixar de altura, suspirando. Sentiu-se, em seguida, vagamente interessado no ritmo comum das respirações. No quinto piso, como subissem depressa demais, passaram a respirar quase ruidosamente. Êsse rumor compartilhado o levou à recordação de seu velho costume — o da criatura que estertorava como para morrer. Mas esta respiração, a de sua vizinha, era muito mais jovem, delicada, e até cheirosa, pois que seus hálitos se entrecruzavam acima das chamas dos fósforos. Se a vizinha era viúva, então agora deveria estar constrangida, com o fungar mais violento, que êle já não conseguia reprimir, e como que se dirigia à nuca invisível da companheira. Isso não poderia deixar de trazer qualquer lembrança. Naqueles instantes, forçosamente, ela pensaria no marido.

No sétimo andar, havia uma quantidade de pias e de fogões atravancando o corredor. O vizinho, só então, muito gentilmente, ofereceu o braço à companheira. No oitavo, êles se separaram. Estava desimpedida a passagem, que desembocava para uma janela deixada aberta, retendo um clarão de lua invisível que fingiram ignorar. No nono, ela assustou-se com o bater das portas e no décimo e décimo primeiro, através dos movimentos iguais da vizinha, êle provou qualquer esquisita sensação de posse. Chegando ao décimo segundo, a ilusão desfez-se:

— "Muito obrigada. Se o senhor quiser descansar um pouquinho..."

Aquilo era encantadoramente idiota, pois bastavam alguns passos para que êle atingisse a porta do seu apartamento e se largasse na cama. No entanto, aceitou o convite, se bem que se acusasse interiormente por não ter sabido manter o isolamento a que se propusera, quando mudara para ali.

Um fósforo ainda — ela rodou a chave — e se acharam numa escuridão apenas mais impermeável, rescendendo a um vago odor de óleo de limpar móveis. Então, a vizinha tateou, rindo e falando no escuro, e acendeu as duas velas virgens que ornamentavam a mesa.

— "Gosta do arranjo?"

Calçou os sapatos, indicou o lugar ao companheiro, sentou-se de dona de casa diante dêle, na mesa. Só um ôlho seu clareou, meio lavrado e misterioso como recém-descoberto engenho de ouro.

Êle exagerou:

— "A senhora fêz milagres! O apartamento parece ter o dôbro do tamanho do meu!"

Era quase um salão. Percebeu o sofá-cama, um paravento chinês, o vaso com flôres de plástico, e acima da cabeça da vizinha, num grande retrato, o vulto de um homem numa canoa. Não via bem, mas achou que êle devia estar rindo e com a superioridade do riso da segurança.

— "... Algum parente?"

— "Meu marido. Morreu há dois anos..."

— "Ah!"

Comovidamente, contou. Ela, que nunca soubera tirar boas fotografias, fôra excepcionalmente feliz, naquele passeio. Não poderia haver "retrato mais parecido"...

— "Uma semana depois, êle caiu de cama e nunca mais se levantou..."

Parecia estar radiante por ter a quem contar as dificuldades passadas. Elogiava o marido e se queixava da família dêle, de suas mesquinharias.

— "Não imagina como estou bem, agora, aqui sòzinha, depois do tal "apoio" que êles me davam... Trabalho de manhã na Prefeitura, passo as tardes descansando e vou ao cinema na sessão de seis às oito... Ainda agora estou chegando do Metro..."

A bôca avermelhava, sob a luz, os dentes brilhavam, para êle, e os olhos, agora, eram sombras negras:

— "E o senhor?"

Êle pretendeu escapar. Fingiu que pensava que ela se interessasse por sua família.

— "Meu pai era quase um velho. Um vice-almirante. Eu nasci quando êle estava em missão na Inglaterra..."

Discorreu sôbre sua infância descosida pelos mapas.

— "Mas o senhor... o que faz?"

Êle ficou tolhido:

— "Tenho uma atividade pouco comum... Meu trabalho interessa a muito pouca gente. Nem vale a pena contar..."

— "Ao contrário..."

— "É um ramo no qual até hoje nenhuma mulher apareceu."

Ela achou que respondeu brilhantemente:

— "Isso não quer dizer que elas não tenham aptidão para apreciá-lo."

— "Eu me dedico à Cibernética."

— "Como foi que o senhor disse? Ciber..."

* * *

A camaradagem e a convivência não vieram, em seguida, como era de supor. Pelas manhãs, uma toalha enrolada nos cabelos, a vizinha dizia vagos adeuses que o vizinho, de *chambre* severo, retribuía com certa formalidade. Nunca mais se encontraram a sós.

Dentro de duas semanas, os donos e inquilinos do prédio começariam a mudar. Ela já conhecia algumas senhoras e havia feito festinhas às crianças que em breve estariam povoando a área de risos e de gritos.

Passaram-se, assim, alguns dias em que se olhavam novamente, de longe, como figuras num livro aborrecido, quando houve uma mudança. As persianas dêle ficaram fechadas. Não ocorreu mais o cumprimento. Três ou quatro dias, após, o vigia encontrou-se com ela à entrada do prédio:

— "E agora — essa! O homem está ruim, mesmo!"

Com isto, deu às costas à viúva. Ela o reteve, adiante:

— "Então o vizinho está doente?"

— "Está — respondeu de mau humor. — Não tenho outra coisa a fazer senão cuidar dêsse homem. É a tal história: mudam antes da hora, e depois um pobre de Cristo, como eu, que agüente. Está com um febrão daqueles!"

A vizinha foi visitá-lo. Ficou, primeiro, à porta, constrangida, perguntando se êle queria alguma coisa. O vizinho, já meio barbado, soergueu-se um pouco na cama, os olhos fuzilando de febre, o rosto em fogo:

— "Deve ser gripe. Nunca fiquei doente."

No meio do quarto havia uma cortina descida e para ela corria uma enxurrada de pequenos objetos, papéis amarrotados, roupas.

— "Quer que eu dê alguma ordem? O senhor teria mais confôrto."

— "Não é preciso, minha senhora, eu estou bem."

Ela forçou a oportunidade de servir. Êle cuidava: "Coitadinha, deve lembrar a doença do marido." E acabou concordando, dèbilmente.

Ela foi à cozinha, onde as pilhas de pratos, as latas abertas, se amontoavam. Em alguns momentos, de lá voltou rescendendo a sabão, com o café já pronto, fumegando na xícara posta em brilho e pulcritude.

— "Enquanto o senhor toma, vou arrumar isto por aqui."

— "Aí não, por favor."

Ela obedeceu, meio desapontada. Recolheu roupas do chão, varreu os papéis, e suando, visìvelmente envergonhada, foi dizendo adeus e se esgueirando pela porta. Êle pediu:

— "Sente-se aí. Fique mais um pouquinho."

Ela sentou-se na ponta de uma cadeira, em cujo encôsto havia aberto o roupão. Entraram a conversar muito polidamente quando, de súbito, êle sentou-se e apertando o peito, em dispnéia, quase chorando:

— "Estou me sentindo tão mal! Não agüento mais. Eu... eu nunca estive doente, nunca incomodei ninguém!.. "

Ela chamou o empregado do prédio, despachou-o à procura do médico da primeira farmácia. E afinal, com um pouco mais de tempo, cuidou descobrir o mistério do vizinho.

* * *

Êle já estava medicado e sentia um certo alívio, mas a vizinha não o deixou. O vigia não estava na portaria. Saíra sem avisar, para não ouvir as reclamações da senhora. O doente estava ali completamente abandonado. Talvez, se continuasse assim, o melhor seria chamar a ambulância de um hospital. Êle ainda estava tão vencido pela febre, que aceitou a permanência dela como coisa natural. De súbito, porém, a luz — pois que o vigia sempre tinha êste cuidado e êle fôra tomar um cafèzinho no bar, em frente — apagou. Ela acendeu a vela no castiçal já sujo de espermacete e ficou olhando para o vizinho e se lembrando — agora, sim, era verdade — do marido, de como o sentiu seu dependente, agarrando-se às suas mãos como uma criança apavorada, poucos momentos antes daquilo que depois soube ser a sororoca. Agora, estava ali ao lado daquele esquisitão — e não sabia por que se sentia tão acalentada por dentro, com essa doença do homem. Dava-lhe a sensação de voltar, mas voltar certo, não em equívoco, ao passado. E coisas doces e resignadas lhe vieram passando pela cabeça, como se se confessasse por dentro e se pacificasse inteiramente. Foi então que ouviu um estalido, um rumorzinho pelo chão e, lá das profundezas da cortina, alguma coisa se agitou e veio deslizando. Era uma coisinha rasteira e brilhava. O doente, com o rosto voltado para a parede, parecia, agora, absolutamente alheio à presença da viúva. A coisinha veio vindo — era um pouco menor do que um prato e semelhava uma tartaruga — atingiu o campo da iluminação da vela, e rodou de lá para cá, visìvelmente fascinada, como se fôsse um pesado inseto de verão, de asas arrancadas.

A viúva não podia sequer gritar. Aquilo era repelente, aquêle bicho esquisito, jamais visto, que participava do brilho do metal e festejava a luz com animação tão evidente. Ela só conseguiu dar um gritinho, depois de ter levantado as pernas do chão e de se ter aproximado da cama. Mas, foi o

suficiente para que o doente saísse de seu ensimesmamento. Voltou-se, assustado e, afinal, compreendeu:

— "Mas é o Toniquinho" — disse. E ria manso.

— "Faça essa coisa parar, faça essa coisa parar" — implorou a vizinha, em aflição crescente.

Neste instante, já tendo chegado de seu café, o encarregado ligou a luz. E as numerosas lâmpadas do apartamento se acenderam ao mesmo tempo.

Agora, os pés ainda levantados, tremendo, ela viu aquêle bichinho brilhante correr pela sala, esgueirando-se atrás da cortina. O doente sorria com mansidão:

— "A senhora assustou-se com o pobre do Toniquinho."

Ela foi baixando os pés sôbre o tapête, mas sentiu uma doida vontade de partir.

Êle sentou-se com algum esfôrço. Puxava a sua mão, exatamente como a vizinha, sem o saber, desejara havia alguns momentos, mas agora era diferente e ela desconfiava dêle.

— "Não há outro remédio senão contar. Toniquinho é parte do meu trabalho. Aliás, não há nêle nenhum mérito especial. Não constitui nenhuma invenção."

Estava cansado.

Ela, com simplicidade de mulher, concluiu, já de pé:

— "O senhor, então, fabrica brinquedos..."

— "Brinquedos científicos" — assentiu o vizinho, olhando-a demoradamente. Sorriu, depois, com simpatia:

— "Toniquinho sempre me prega peças."

E explicou:

— "Êle reage à luz fraca, aproximando-se e, à luz forte, afastando-se."

Deu um sorriso meio conivente para a cortina, atrás da qual Toniquinho estava escondido, fugindo àquela claridade insuportável.

Ela fêz menção de sair. Sentia-se meio apatetada, e desconfiava cada vez mais do vizinho. Mas êle puxava sua mão e a retinha. Continuava a falar, excitado, de Toniquinho, como um namorado que faz carícias e fala em assuntos diferentes, para não afugentar:

— "O Professor Grey Walter, de Bristol, fabricou três tartarugas como esta..."

A viúva sentiu a quentura das mãos do vizinho. Êle não a deixava, mas também não dizia nada de terno. Agora, sem que ela mostrasse curiosidade, no paroxismo da febre, êle mesmo esclarecia:

— "Toniquinho, se você quiser chamar, sabe? basta apitar, que êle aparece com um simples apito, pois... — os braços eram tateados pelas mãos febris — estabeleci como o Professor Walter... nas tartarugas dêle — ela não percebia nada — ...um reflexo condicionado, em Toniquinho — as mãos viajavam nos braços dóceis — fiz reagir a uma luz, mas experimentando esta reação com um apito, Toniquinho passou a reagir independentemente a êle..."

A vizinha não entendia mais coisa alguma mas, naquela noite, deixou-se ficar e beijar. E aquêle esquisitão lhe deu uma sorte de piedade retrospectiva do marido. Ela se negara ao coitado, que ia morrer. Mas a êste, não.

E êle, só então, na excitação da febre, se esqueceu de pensar que ela estava, justamente, pensando no marido.

* * *

Depois de três dias, estava completamente curado, se bem que um tanto desvalido de cansaço. E deu para queixar-se, enquanto ela lhe coçava a cabeça: sofrera com a Fraulein, com o primeiro internato na Suiça, o segundo na Inglaterra e o terceiro nos Estados Unidos. E, principalmente, com o desinterêsse do Govêrno brasileiro pela Cibernética. E, depois de sua canção do ressentimento, vibrou com alguma esperança:

— "Juntei a carta do Professor Ducroq sôbre minhas experiências, no requerimento ao Ministro da Guerra."

— "O Ducroq é o tal das rapôsas? — perguntava a vizinha, já quase bem informada em Cibernética. E sem transição: — É triste que tudo tenha acontecido sem uma palavra de amor."

— "Palavras... pròpriamente não — dizia êle, fixado nos mistérios da curva de seus joelhos roliços. — Mas eu lhe posso dizer amor à minha maneira."

Bateu com o salto do chinelo no metal da cama. E as "primas", isto é, as raposinhas, segundo Ducroq, vieram para junto. Eram mecânicamente quase perfeitas.

— "Não demora muito e se afagam. Espere."

Foi o que aconteceu. Elas caíram numa sofreguidão ruidosa, e se encostavam, e se roçavam, e uniam gravemente os focinhos cromados.

— "Você me desculpe, mas acho isto nojento."

— "Coitadinhas das minhas "primas". São lésbicas... Mas como se amam! Amam-se porque se atraem irresistìvelmente — como os que se amam."

E êle ria, com ternura paternal.

Então, de seu esconderijo, Toniquinho saiu.

— "Veja! — dizia êle — Toniquinho está faminto!"

A tartaruga rodou até um pequeno foco luminoso, no rodapé, junto a uma tomada de eletricidade. Voltava-se, agora, e se prendia à corrente, para restabelecer a bateria.

— "As "primas" são temperamentais, mas Toniquinho é mais inteligente. Muito mais inteligente até do que o Carioca. Avalie: êle é capaz de esconder-se tão bem que..."

— "O Carioca?"

— "É. Um *trabalho* que ainda está na cidade."

Nalgum lugar do Valongo, sabia que êle tinha a sua oficina, ou seu laboratório. O Carioca estava lá. Decerto, era uma experiência científica semelhante àquela dos insuportáveis sêres mecânicos, depositados atrás da cortina do seu apartamento: os coelhos com reflexos, os macacos com "pressão sanguínea". Tudo horrível, do ponto-de-vista de quem aprecia os brinquedos alemães ou japonêses.

— "Já vi um macaco que fuma e ri. Uma amiga trouxe de Paris."

Êle não chegava a irritar-se:

— "A Cibernética preocupa-se em criar *vida* e não aparência..."

Aos poucos, ela conseguiu fazê-lo, ainda convalescente, mais seu, mais companheiro, vindo passar algumas horas em seu apartamento. E se queixavam tanto da vida, e se empurravam de tal maneira, desesperadamente, um para o outro, que eram como as rapôsas mecânicas, segundo Ducroq. Só que não sabiam.

Para seus males — os dela — a vizinha já havia descoberto remédio. Possuía o seu senso prático. "E se êle abandonasse o trabalho tão menosprezado no Brasil e criasse uma pequena indústria de brinquedos não científicos, reservando os de ciência para deleite próprio? Com alguns empregados mais..."

Aquela sugestão o feriu tanto que êle deixou a companheira abruptamente. Ela foi à porta de seu apartamento, tocou em vão a campainha. Percebia, no entanto, pelos rumôres, que êle soltara o bando de suas criaturinhas repugnantes.

"Tenho de aceitar isso, como se fôssem... bichos de estimação. Mais ainda... como filhos escondidos."

A vizinha meteu a sessão do Rian, de seis às oito, em cima de sua decepção.

Fizeram as pazes, no dia seguinte, quando chegaram juntos — ela da Prefeitura e êle de seu laboratório, ou oficina.

E se queixaram novamente, mil vêzes, e se prantearam e se acariciaram resmungando e foram duas solidões a forçar uma sôbre a outra. Depois, ela fêz café, o cheiro povoou o quarto, e êle tirou uma carta em inglês, do bôlso. Traduzia, gaguejando um pouco, entre os goles, muito animado.

Ela foi perfeita. Pôs mais açúcar na xícara, engoliu e fingiu curiosidade:

— "Quer dizer que... o Govêrno americano está interessado em suas experiências... Você ainda vai ganhar muito dinheiro!"

— "Sim — disse êle, e voltou a ser homem magoado. — Mas o Carioca, como o nome que lhe dei, é bem nosso. Tem de ser reconhecido, oficialmente, como invento brasileiro... Acho que já posso ter confiança em você. Amanhã, às nove horas, vou apresentá-lo, numa sessão secreta, para a Escola Superior de Guerra."

Naquela noite, veio ao apartamento da vizinha e não se lamuriou, entre beijos. Estava exultante. Carregou-a para um jantar regado a vinho. Foram, depois, ao teatro e, após, vadiaram pelas ruas, para desoprimir um pouco o insuportável apêrto da alegria:

— "O Carioca foi um sucesso!"

Ela continuava a sentir uma prevenção orgânica, de mulher, por aquelas aberrações. Mas sabia fingir:

— "Até agora não sei bem o que é o Carioca..."

— "Acho que nem posso esconder. Seria injusto. Aliás, êle vem amanhã mesmo. Faça um cafèzinho que eu conto."

Subiram as doze escadas — êle radiante, ela com uma sensação estranha de lôgro, impossível de ser definida. Ainda um pouco sem ar, êle leu, sob a luz do nôvo lampião de gasolina — ela ninava as suas más recordações — oferecendo-se pequeninos confortos — a manchete de um jornal:

ROBÔS SERÃO OS PRIMEIROS VIAJANTES A MARTE E VÊNUS.

E embaixo:

Determinados cientistas russos e americanos julgam que os primeiros "homens" a serem enviados ao planêta Marte, ou a Vênus, devam ser engenhos com algumas reações humanas. Devido ao progresso da Cibernética, vários robôs, com os requisitos necessários a um completo estudo sôbre o comportamento da natureza humana no espaço sideral, estão sendo feitos. Até agora, os mais notáveis, são os de Krause, na Alemanha Oriental, e o de Geiffer, na Pensilvânia. Os cientistas reconheceram que ainda não resolveram alguns problemas básicos. Todavia, em breve, talvez possam proporcionar um ser mecânicamente tão aproximado do homem que..."

A vizinha quebrou uma xícara:

— "Meu Deus... então o Carioca é..."

— "Êle vem amanhã. Vou guardá-lo aqui. Agora, que está pronto, deve ser bem vigiado."

De manhã, quando a vizinha saía para o trabalho, viu, parada uma camioneta do Ministério da Guerra. Dois soldados carregavam uma enorme caixa, que punham em pé, no elevador, diante dos olhares suspeitosos do vigia.

"O Carioca", ela pensou. E imaginou o que diriam os parentes do marido se soubessem da história. "Ah, meu Deus, por que viera parar ali? Por que, entre tantos edifícios de Copacabana, ela escolhera, justamente aquêle?"

* * *

— "Bem — disse o vizinho — o que torna o Carioca extraordinário é a conjugação de esforços científicos que representa. Tudo o que a Ciência produziu, até hoje, como

cérebro eletrônico, estudo da pressão sanguínea, com suas múltiplas reações, "comandos" da energia "mental", dirigidos aos membros, tudo isto fêz do Carioca um *super-robô.*"

— "Deve ser verdadeira maravilha. Mas, sabe de uma coisa? Prefiro não ver. De repente, tenho uma febre, desenrolo a língua..."

— "O Carioca vai ser conhecido universalmente. Logo virão buscá-lo, pois, nos Estados Unidos, dará os melhores testes nas câmaras de pressão."

Êle não compreendia que ela estava apavorada:

— "Já está todo montado. Venha."

Diante dos olhares do vigia, que atravessava o corredor com um molho de chaves, entraram no apartamento dêle.

— "Tem mais essa! Ô desrespeito!" — comentou o homem.

A cortina fôra puxada para um lado. Na enorme caixa em que viera o Carioca, amontoavam-se agora, sem vida, as "primas", os coelhos, os macacos e Toniquinho. Havia uma grande cadeira, sob a lâmpada, coberta por um lençol.

Ela tremia.

Êle acendeu a luz de tom laranja, vivíssima, e descobriu o lençol. A risada da vizinha teve um engasgo:

— "Pensei que fôsse mais feio. É como um sujeito que vi num filme, ontem: *Explorador... Explorador do Espaço.*"

— "Já lhe disse que a aparência não tem nenhuma importância. Mas fui obrigado a vestir assim o Carioca, porque esta é a indumentária científica das viagens siderais. Também a roupa é testada por êle. Espere um pouquinho e veja sua reação ao calor."

Ela olhava aquêle mostrengo sentado, de cabeça grande e metálica, e enormes pernas gordas, em couro ou plástico. O que correspondia aos braços e às mãos estava tombado ao longo do "corpo".

Houve um barulhinho, como um tênue arranco de motor e um "braço" levantou a garra movente tateou pelo peito impassível, abrindo um grande botão. Então, da altura do "pescoço", saiu uma fumaça e como que o "homem" minguou, perdendo pêso. A roupa, aparentemente, deixara sair o ar, estava mais leve e êle — mais delgado.

Pouco a pouco, ela perdia o mêdo:

— "Até que é simpático" — falou baixinho. Mas ainda tremia e estava branca.

— "Preste atenção. Vou submetê-lo a um ligeiro teste de pilotagem. Não poderemos fazer outros, porque aqui não tenho o aparelhamento indicado. Mas, quando houver necessidade de contrôle..."

Ao lado da cadeira estava uma vara de ferro. Êle, ràpidamente, deu um puxão, por trás, no encôsto. E o Carioca, com a mão direita, fixou-se nela rìgidamente.

"Agora, vamos experimentar seu sentido vital. Como todo ser vivo, êle deve ir à procura de seu bem-estar. Você vai sentir um pouco de frio, mas é preciso."

Ligou, no máximo, o aparelho de ar condicionado. O robô estava imóvel, agora. De súbito, novamente estalaram seus vagos ruídos, que foram aumentando. E, majestosamente, o Carioca levantou-se da cadeira.

— "Vou-me embora. Vou já."

Batiam-lhe os dentes.

— "Bobinha. Não tem confiança..."

O vizinho estava no auge do contentamento. Êsse teste havia falhado várias vêzes, mas agora...

O Carioca veio vindo com seus rumôres conjugados, os da "barriga" e os das "pernas". Com sua garra direita, abriu a porta da cozinha, passou com dificuldade...

— "Venha ver!"

Êle a arrebatou e ela quase chorava.

No centro da cozinha, o Carioca estava novamente *gordo* e protegido em suas vestes, parecendo aguardar, tranqüilamente, que a temperatura melhorasse no quarto.

* * *

Já em seu apartamento, ela foi sôfregamente ao armário do banheiro apanhou o vidro do tranqüilizante, que não tomava desde a última briga com o cunhado e a cunhada, e tomou duas pílulas.

Depois, deitou-se no sofá e ficou inquieta, esperando chorar docemente, mas o chôro não veio. Meia hora depois, o vizinho apareceu e como sempre pedindo licença, com aquêle seu jeito um pouco formal que a intimidade não conseguiu desfazer.

Êle se sentou ao lado e fêz, depois de um grande esfôrço, a primeira confissão de bem-querer:

— "Você precisa acostumar-se. Poderá ser para a vida tôda, se você quiser..."

Aquilo era um pedido de casamento, ou o quê? A viúva desejou lágrimas, mas não as teve. Sôbre êles pendia o retrato do marido, num riso mais do que evidente.

Êle lhe deu, e muito a sério, as primeiras lições sôbre Cibernética. Falou longamente em algo que chamou das teorias do *modêlo*. Explicava tudo, como um adulto fala à criança, docemente, pausadamente:

— "Quem estuda Cibernética tem de enfrentar o problema humano da correspondência, da mensagem. Já é conhecida e vulgar entre nós aquela imagem das figurinhas que dançam numa caixa de música. Elas se movem, segundo um modêlo. Certamente, êsse molêlo não vai além dos limites compreendidos entre o mecanismo e os bonecos. Elas não têm, as marionetes, outro sinal de transmissão com o mundo exterior, senão êsse, unilateral, com a caixa de música. Os bonequinhos são cegos, surdos, mudos e a sua atividade jamais se afastaria do modêlo preestabelecido. Aí está, minha cara, a diferença fundamental entre os brinquedos mais perfeitos, que você tanto elogia, e a nossa ciência. Nós estudamos os animais e, fazendo criaturas mecânicas, criamos a possibilidade, entendeu?... de que elas se comuniquem, elas mesmas, com o mundo exterior, usando seus próprios recursos. Criamos, assim, verdadeiras vidas autônomas, que embora não sejam marionetes perfeitas, têm algumas reações semelhantes às dos animais."

Ela o mirava, primeiro sem piscar. Várias vêzes, em sua solidão, havia desejado uma voz de homem junto dela, uma presença de homem. E êsse simples pensamento a perturbara. Agora, ela o tinha ali e as coisas de que falava eram tão impenetráveis quanto enfadonhas. Nem sequer pareciam misteriosas e perturbadoras. Aborreciam, simplesmente. Ela, tranqüilizada pela droga, não sentia coisa alguma pelo vizinho, senão um interêsse a que se forçava obscuramente.

Mais uma vez, nesse dia, êle falou do Dr. Grey Walter, com quem se correspondia, a propósito do Carioca.

— "Com muito poucos recursos e a boa vontade do Conselho Nacional de Pesquisas, consegui montar um aparelho,

não tão aperfeiçoado quanto o *toposcópio* do Prof. Walter, é verdade... mas, assim mesmo, fui feliz, submetendo nêle a exames até sêres humanos e animais. Cheguei a várias conclusões interessantíssimas a respeito do Carioca. Êle reage apenas um pouco mais rápida e violentamente do que um homem, em seu cérebro eletrônico, pois as correntes provenientes do cérebro humano são muito fracas, um décimo de volt..."

A vizinha piscava, agora, intensamente.

— "Mas não consegui dêle nenhuma reação semelhante às que o aparelho registra quanto a emoções e sentimentos humanos — que são as chamadas ondas da atividade do *ritmo teta*. Você ficará assombrada se eu lhe disser que Toniquinho..."

Ela cerrava os olhos.

— "...reagiu dez vêzes menos que um cão, é verdade, mas reagiu, sem nenhuma dúvida."

Ela abriu os olhos, sorriu fatigada, mas ainda com certo heroísmo.

— "Acho que acabarei "pescando" alguma coisa disso tudo."

Êle repetiu a sua dose de esquiva ternura:

— "Você me está dando sorte. Terei entrevistas seguidas com o Ministro da Guerra... Se derem certo, como espero, o Carioca irá submeter-se aos testes na Flórida, e depois participará do Congresso de Astronáutica de Roma, caso seja aprovado, como contribuição do Brasil."

Sim, ela começava a compreender. Aquilo não deveria envergonhá-la. Poderia ter até — a questão era aceitar a coisa — orgulho do companheiro. Faria um esfôrço para "adotar" os seus horrendos filhos cibernéticos. Mesmo porque não havia homem sem estranheza. As do marido... Êle tinha verdadeiro desprêzo pelos seus terrores com as tempestades. E ela havia vencido seu pânico totalmente, num heroísmo de amor jamais alcançado. Agora, nem que fôsse a poder de tranqüilizantes, ela dominaria sustos e pavores daqueles filhotes eletrônicos.

* * *

Se a cunhada, entretanto, sabendo de tudo lhe viesse perguntar:

— "Por que foi que você escolheu êsse *tan-tan*?" — ela não saberia responder sôbre seu apêgo.

Tinha tido na rua, no cinema — principalmente no cinema — algumas incomodativas atenções masculinas. Teria sido a subida da escada? Provàvelmente, sim: fôra a subida. Mas quem entenderia isso? Sua natureza muito feminina estava inclinada a essa servidão que nada indaga sôbre o amor verdadeiro. Muitas pessoas jamais compreenderão isto, e nem deverão tentar compreender, pensava.

Assim, achou que iria caminhar naturalmente para um casamento, e se vestiria de rosa, levando flôres tais como orquídeas, cravos, camélias tintas de vermelho em suas mãos e teria, de tôda a família do marido, incorporada, a demonstração mais perfeita da inimizade cordial, com os famosos e terríveis risinhos de debique.

Agora, o vizinho saía cada vez mais e ela se ocupava do apartamento dêle, como do seu. Compreendia por que no prédio as lâmpadas duravam tão pouco e havia os misteriosos ruídos no aquecimento central. O encarregado do prédio não era tão demoníaco, quanto pensara. A culpa seria mais de Toniquinho, das rapôsas, de suas luzes vitais, ou não.

A vizinha acreditava em regras para fazer amigos, em sistemas de boa vontade, que levam à plenitude da vida. Durante a ausência do companheiro, fêz, ela própria, algumas experiências com as rapôsas-amantes e Toniquinho. Acabou perdendo até o mêdo de um dos macacos, o Sepetiba, que tinha reações agressivas, sob determinadas condições — por exemplo, com simples mudanças atmosféricas — era capaz de flagelar-se, rodando obstinado sôbre si mesmo, ou então atirando-se ao encontro do primeiro móvel ou objeto pois, normalmente, "sabia" contornar todos os "perigos" do seu caminho.

Ela custou, porém, a dominar aquela estranha sensação de desconfiança, de mêdo de fantasma, que o Carioca despertava. Só o fato de ter de limpá-lo, retirando-o de seu sudário, era o suficiente para produzir arrepios. Mas, com tenacidade feminina, tentava, depois de ter feito com os outros, a "amizade" com êle.

O vizinho dava-lhe a chave do apartamento. Passava por uma fase de excitação tão grande que nem tomava mais, sentado, o cheiroso cafèzinho da vizinha.

Repontavam, apesar de tudo, velhos ressentimentos:

— "É a tal história... Exército e Marinha. Há desconfianças com o filho do Almirante. E há também burocracia no meio, só pelo fato de que eu não tenha feito curso completo de Física, você imagina. Eu, que mereço a confiança do Professor Grey Walter! Isto aqui é terra, mesmo, do complexo de caipira..."

Depois mudava, achava o Ministro um *homem arejadíssimo* e seu humor escaldava de entusiasmo. Mas, com tudo isso, distanciava um pouco a atenção da vizinha, ela sentia.

* * *

Tirou o lençol, acendeu a luz — a chamada luz vital — alaranjada, e esperou, recordando vagas coisas das "lições" de Cibernética. O Carioca, aquecido, fêz o primeiro gesto: abriu o botão.

Então, ela teve um ato de audácia feminina, ou de inconseqüência dada pela droga: deu uma volta, numa violência contra seu pavor, e puxou totalmente a cadeira.

Pensou que o Carioca estivesse, agora, desconjuntado, imprestável. Estava caído, como um pneumático velho. Teve um vago prazer e imaginou o que o vizinho diria dêsse desajeitado *teste* seu.

Mas o Carioca entrou a gorgulhar por dentro, suas "articulações" tiveram um guincho, e êle se pôs de pé. Como se "viesse" também atrás, fêz marcha-à-ré e tornou a ocupar, impávido, a cadeira, dois metros mais longe.

"Como se chamava o tal raio? Teta? Tepa?"

Ela procurava raciocinar: "As rapôsas se afagavam, o macaco era um sujeito neurastênico e hostil a si mesmo, Toniquinho, um imprevisível brincalhão, mas êsse Carioca, até agora, não mostrara nenhuma "personalidade". Talvez o que êle tivesse fôsse, só mesmo, *tamanho*, e essa roupa de viajante da lua ou de qualquer mundo desconhecido. O companheiro não estaria exagerando suas possibilidades? Resolveu usar sua argúcia rasteira, mas prática, afinal. Sentia-se mais forte, depois de ter dado o tombo no Carioca.

"Na verdade — ela o considerava em sua massa de couros e de metais — se não tem os tais raios — e êle já fôra

mais do que experimentado nesse sentido — é um aparelho engraçado, porém mais inútil do que o elétrico, de fazer massagem, que guardo no banheiro."

"Os tais tepas ou tetas devem ter uma influência decisiva no comportamento dos viajantes siderais. A dor da separação, o mêdo de estar sòzinho, uma falta doida de gente igual..."

Contemplava a viúva o Carioca e refletia em coisas jamais pensadas de cambulhada com outras — "que diriam os colegas da Repartição, se a vissem, nesse momento?"

Teve uma idéia, para mais uma experiência: abriu a refrigeração, mas não no máximo. O robô fêz os barulhinhos costumeiros, iniciou a sua viagem para a cozinha. Mas, chegando à porta, hesitou, fêz uma barulheira interior. Procurava o seu bem-estar mas, aparentemente, ainda não decidira sôbre o que lhe era mais desagradável: se a temperatura, não de todo fria, ou a hostil e contundente abertura, contra a qual sempre esbarrava.

A vizinha aproveitou êsse instante de indecisão para chegar junto. Tocou-lhe, com absoluto domínio, o ponto mais *sensível*: o "pescoço", que reagia ao calor, e deveria reagir ao frio.

Passou a mão por ali e fêz mais, com absurdo prazer da descoberta: começou a soprar seu hálito quente, junto de onde o Carioca soltava sua "respiração" de fumacinha quando minguava.

Agora, não havia mais a contraditória barulheira interior. Dir-se-ia que o calorzinho da vizinha era delicioso para o Carioca. "O robô *decidiu* não mais sair" — foi o que ela pensou, depois de uns momentos em que lhe mandou o bafo tépido.

Ela, depois disso, deu uns passos pelo quarto.

"Agora, sem aquêle bom arzinho mórno, êle deve procurar a cozinha" — raciocinou. Mas, para seu espanto, depois de uma escala de ruídos desconhecidos, o Carioca fêz a fácil marcha-à-ré e se colocou à sua frente, aguardando tranqüilo.

"Não vamos acostumá-lo com isso" — ela cuidou, um tanto admirada. E virou simplesmente o corpo.

Aí, o Carioca entrou a funcionar sôfrega e ruidosamente, enquanto ela quase ria, já de lado. E, com impetuosa bruta-

lidade, a garra a alcançou, fê-la voltar-se, dolorida. Não a deixava, como não havia largado a vara de ferro.

Ela compreendeu que não poderia recobrar a liberdade, enquanto não o satisfizesse. Bafejou pelo campo sensível junto ao "pescoço" do robô, e os ruídos pouco a pouco foram sendo pacificados. De súbito, êle a largou e ela, aliviada, desligou o ar condicionado. O Carioca, longe de voltar para a cadeira, teimava, a seu lado.

Não precisou muito para que ela compreendesse que êle a seguiria como um cachorro.

"Estabeleci um *reflexo* (não é assim que se diz?), como aquêle do Toniquinho com a luz e o apito..."

Para que o Carioca a deixasse partir, foi preciso que ela o levasse à cadeira, e respirasse bastante tempo ali, pondo nêle seu hálito de vida. Depois, estando o robô inteiramente quieto, ela o cobriu com o lençol e apagou a luz.

Chegou a seu apartamento com a indizível sensação de uma conquista. E esperou em vão o vizinho, até de madrugada, para contar a novidade. No dia seguinte, ela mal o viu. O vizinho viera tomar o café de manhã e falava, aos borbotões, num monólogo que só se interrompeu à despedida:

— "Só falta convencer o último membro do Conselho... Vai ser hoje! Adeus! Deseje-me boa sorte."

— "Boa sorte! Escute... o Carioca..."

Mas o companheiro foi surdo como as marionetes da caixa de baile, do célebre exemplo da Cibernética. Não houve comunicação possível, senão com o próprio mecanismo que era a atividade burocrática, em tôrno da oficialização do invento.

* * *

Agora, ela experimentava como que um longe de sentimento de posse; até mesmo de um certo orgulho, quando lidava com o apartamento do companheiro. Precisava "ninar" o Carioca, para que êle a deixasse limpar e arrumar em paz. Conjurou até, num dia úmido e chuvoso, os demônios mecânicos do macaco Sepetiba, com a imposição de suas mãos, de calor mágico. "Ensinou", sem apitar, o fugidio Toniquinho a vir para perto. Sentava-se e êle lhe procurava a sombra da saia.

Quanto ao companheiro — mistério do cotidiano — tanto mais ela possuía o seu mundo, quanto êle desertava do próprio ambiente, entregue às suas batalhas com militares, funcionários e cientistas.

Naquela noite, ela fôra preparar-lhe a cama, como sempre o fazia, dobrando os lençóis com tristes pensamentos conjugais. À falta costumeira do vizinho, que ela sentia sem nem saber por que, teve furiosa vontade de alguma companhia. Se o encarregado do prédio não fôsse tão intratável...

Maquinalmente, como quem põe um disco na vitrola, acendeu a luz vital e esperou que o Carioca viesse.

O robô em progressos, livrou-se, sòzinho, da coberta, e marchou para ela. Para distrair-se, ela fugiu umas três ou quatro vêzes, enquanto a engrenagem mecânica entrava em estado de superexcitação. Depois, estirou-se na cama, absorta. Seria possível que o companheiro não viesse à hora combinada, uma vez mais? Deitou-se esquecida, quase, do Carioca, que fazia raivosa marcha-à-ré, junto da cozinha. De súbito, ela viu a porta abrir-se e se ia pondo de pé, para receber o vizinho, quando a garra do robô a empolgou. Ela ria. O vizinho entrou rindo, mas ficou sério, quando viu o Carioca abaixar-se.

— "Êle quer... êle quer que eu respire... assim..."

Inclinado a meio "corpo", o robô recebia a respiração, mas ainda não afrouxava a garra. Ela bafejava mais e mais, de fôlego curto porque queria rir.

— "O que é que você andou fazendo com o Carioca?"

— "...Deixe-me acabar... que eu explico..." — ela ria.

Aquêle apêrto era ainda constrangedor, quando o vizinho calcou em dois pontos, atrás da cabeça do Carioca e o imobilizou. Em seguida, arrastou o robô para a cadeira e o cobriu.

— "Que foi que andou fazendo?" — perguntou o companheiro, de fisionomia totalmente mudada.

— "Uns testes... como você chama."

Ela não podia alcançar aquela zanga súbita.

— "Alguma coisa de mal aconteceu... O Ministro..."

— "Nada disso. Conte-me o que fêz?"

Era difícil, no momento, dizer tôdas aquelas mudanças que considerava como pequeninas vitórias. Da maneira pela qual êle lhe fazia perguntas, aquelas inquisições agora a envergonhavam. Ela começou a dizer qualquer coisa e, de súbito, a luz apagou. Acendeu, então, a vela, sentou-se junto e começou a explicar-se:

— "Não vejo o motivo de tanta zanga. Você poderá fazer o mesmo..."

E com a inabilidale de mulher, que diz infalìvelmente a palavra certa para que o último grau de exasperação seja atingido:

— "Até parece que você está com ciúmes, será possível? Meu marido também era tão ciumento... que não permitia que eu abraçasse o travesseiro... Dizia... dizia que eu fazia uma cara indecente..."

Riu sem graça e viu que êle se escondia além da claridade, apertando as mãos brancas, que se recortavam, nervosas, nítidas, na sombra.

Toniquinho deslizou de seu canto e em vez de rodar, bêbado de prazer, sob a luz fraca, enveredou por entre as pernas da viúva.

— "Espera — disse êle — o que você fêz também a Toniquinho?"

— "Gosta de ficar aninhado debaixo do meu vestido. Há algum mal nisso?"

Ela tomou a tartaruga e a colocou sôbre seus joelhos, fazendo-lhes festas:

— "O que acontece é que, agora, eu me dou bem com todos. Até com Sepetiba... E tudo isso eu fiz... só por você."

A voz desafinava, minguava, e ela sabia.

O vizinho foi à janela, acendeu o cigarro, voltou. Queria começar qualquer coisa, mas estava tão perplexo, que se agitava, apenas. Depois de algumas indecisões, em que ela experimentou a desagradável sensação de ser julgada por êle como vândala — tão desoladora e triste era a impressão do companheiro — a luz acendeu novamente, e ela pôs Toniquinho no chão. A tartaruga correu para seu esconderijo.

Ela estava assustada, os olhos já plenos d'água, mas tentava ser simpática, procurando acertar o motivo daquele desentendimento:

— "Experimente você com o Carioca. É só ligar a refrigeração, no médio, e depois bafejar no "pescoço" dêle. É do calorzinho que êle gosta. Você verá."

Com movimentos bruscos e passadas nervosas, êle foi até a comutador do aparelho de ar refrigerado, abriu e esperou. O robô, com lentidão e dignidade, saiu da cadeira, passou por êle e foi direto à viúva.

— "Venha aqui — disse-lhe ela. — Faça como eu."

E enquanto a vizinha se arredava, êle abaixou e respirou sôbre o Carioca que, incontinenti, fêz marcha-à-ré, procurando-a. Por fim, alcançou-a, prendendo-a, rígido, em pleno estertor dos seus ruídos de impaciência.

— "Desligue, por favor" — rogou ela.

O vizinho tocou atrás da cabeça do Carioca e o paralisou. Estava no auge da cólera.

— "Sinto muito — disse ela com voz de menina — mas, em vez de você ficar tão zangado, por que não me explica, não diz o que foi que fiz de mal?"

Arrastado o robô para a cadeira, e já coberto, o vizinho ia sair novamente.

— "Não — disse ela, interpondo-se à sua passagem e fazendo apêlo a tôda a doçura de que era capaz — primeiro você tem de dizer qual foi o meu êrro. Que prejuízo, enfim, eu lhe dei?"

Com voz mais baixa:

— "Juro que pensava que você ia ficar até muito satisfeito com as nossas relações."

— "Dizer a quem não tem a mínima idéia, o mínimo respeito por uma criação de Cibernética? Mas eu não lhe contei que o Carioca vai ser testado, agora, nos Estados Unidos, que vai ser treinado para pilotar? E justamente quando eu o considero pronto, você lhe põe um *reflexo* que poderá desmantelar tudo! Isso, exatamente, na véspera da partida!"

— "Por favor, lembre-se daquilo que você me disse sôbre os raios tetas ou tepas, não sei mais. Se êle *gostar* de uma pessoa..."

O vizinho fazia um ar de escárnio.

— "... também não oferecerá maior interêsse nos testes?"

— "Não, minha cara — e êle agora continuava sarcástico — o que nós remeteremos como o envio do Brasil — e você deveria ter pensado mais na importância nacional do invento do que em sua pequenina satisfação de doméstica — *será um robô inteiramente viciado...*"

Ela ria, já, por entre lágrimas, e êle perdeu a última possibilidade de controlar-se:

— "Você ainda ri, sabendo que poderá ter estragado irremediàvelmente o Carioca?"

— "Êle se esquece. Tem de esquecer. Você criará outros *reflexos...*"

— "Mas como, criatura, *se um robô nunca se esquece,* e tudo nêle fica registrado?"

Ela, de costas para a porta, procurava acariciá-lo, dominá-lo, enfim, com suas mãos capazes de aplacar Sepetiba.

— "Tenho que sair. Preciso pensar sôbre o que isto poderá determinar de mudança nas reações de contrôle do Carioca. Terei que preparar um nôvo relatório para o Dr. Grey Walter. Talvez seja necessária uma modificação no *cérebro...*"

A inabilidade simpática da vizinha tocava as raias da loucura:

— "Quem sabe? Se houvesse alguma mulher, assim como eu... na Base..."

Firmemente, êle afastou-a do caminho.

* * *

Eram quatro horas da madrugada e ela fixava o mostrador fosforescente do relógio, quando ouviu os passos do vizinho no corredor. As doses do tranqüilizante não lhe haviam proporcionado sequer minutos de sono. Divagava, no escuro. Havia perdido o companheiro?... Não. Aquilo fôra um desentendimento tão estúpido, que a situação não poderia ficar assim. Procurava, reunindo trechos de filmes, imaginar o comportamento do Carioca na câmara de pressão, diante dos cientistas, e o robô entrava e saía de filmes e se engraçava com a primeira cientista bonita que ela vira numa fita do Metro. Manchetes cobriam um têrço dos jornais: *O Carioca prefere as mulheres,* e gargalhadas urravam.

Em seguida, afastava êsses pensamentos. Vinha-lhe uma tardia compreensão, alguma coisa lhe subia à tona; era uma sorte de preciência: "êle não teve ciúmes de homem. Teve ciúmes *de pai*. Acha injusto que o Carioca *me prefira*, que Toniquinho *goste* do meu aconchêgo, que Sepetiba fique em paz só com o toque de minhas mãos."

Preocupou-se. Deveria ir procurá-lo, agora? Talvez, se ela tivesse a oportunidade de um instante, poderiam até discutir, num momento de amor diferente, sem conversa de bem-querer, como naquela vez. Com êsse companheiro, tôdas as relações viravam esquisitices.

Havia já meia hora que êle chegara, quando ela não suportou mais o remoer dos pensamentos. Vestiu o roupão, atravessou o corredor e viu luz sob a porta.

Estava tão transtornada que ficou indecisa, lembrando-se do Carioca à porta da cozinha:

"Não sei como também já não estertoro em perplexidade!"

Encostou o ouvido na madeira, o coração bateu desenfreadamente, pois reconheceu, de pronto, o ruído de todos êles. Eram as vozes mecânicas mais contundentes de Sepetiba, mais doces das "primas", mais intermitentes de Toniquinho. Eram as expressões dos delicados mecanismos, com pequenos arrancos, dos coelhos. E era, principalmente, a nervosidade dos movimentos dos "joelhos" e da "barriga" do Carioca.

Êle se havia reservado uma sorte de *balé*, de *Sabat*, de suas criaturas, e se comprazia com tôdas elas, como o rei de um outro reino animal.

Com tôda essa movimentação, êle jamais poderia perceber que havia alguém chorando atrás da porta. Alguém que retomava em desalento o seu caminho.

* * *

Ela saiu de óculos escuros mas, assim mesmo, a claridade da manhã feriu seus olhos doentes de falta de sono. Ao desembocar na área, viu um tropel de gente, que vinha espiar a movimentação de um grupo de soldados, levando do interior do prédio para a calçada, a enorme caixa do Carioca, com os dizeres: *FRÁGIL, FRÁGIL.*

Dessa vez, havia uma enfática honra militar. Já lá fora, outros soldados aguardavam junto de uma pesada viatura do Exército.

O Carioca partia para a aventura dos testes, para a viagem sideral? Sentiu a garganta fechada e se abateu sôbre ela um cuidado, assim como de uma ternura ofendida, de alguém ao ver embarcar seu cão num engradado, sujeito ao sofrimento de uma longa viagem. O Carioca partia, e ela rememorava:

"Um robô nunca se esquece."

Ela experimentou, depois de ter visto partir o Carioca, um desejo de ver o *outro*, aquêle que, por sua natureza, *sempre se esquece*! Não se importaria até de faltar à repartição. Entrou no elevador e só desta vez reparou que as esteiras haviam sido retiradas. Um homem uniformizado atendeu-a, antes de subir:

— "Madama, é do décimo-segundo andar? Eu sou o seu porteiro."

— "E aquêle nortista?"

— "Foi mandado para uma construção da Companhia, na Tijuca. Eu me chamo José, sim senhora, e estou às ordens..."

Chegou ao seu andar e foi diretamente ao apartamento do vizinho. A porta estava escancarada. Lá no fundo, um homem desconhecido arrumava os coelhos, o macaco, as raposas e Toniquinho, numa caixa. Era um sujeito despachado, metido num avental branco, com manchas de café, numa atitude impertinente que fazia mal.

— "Então, é a dona que mora aqui neste andar? O patrão me mandou também apanhar a chave, que está com a senhora."

O coração dela diminuiu, encolhendo no peito. Ela já não tinha mais nada em seu lugar e ia desfalecer. Mas reagiu e seu motorzinho entrou a funcionar: devia ser um engenho que se comportava segundo o modêlo preestabelecido.

— "Mas onde está seu patrão?"

— "A essas horas já deve estar no Aeroporto, esperando o avião militar. O tenente que veio buscar a caixa atrasou um pouco. O patrão mandou pedir muitas desculpas, mas

disse que, como vou ficar dormindo no laboratório, êsses — bateu em cima da caixa — ficam mais bem guardados por lá."

Ela abriu a bôlsa e tirou a chave, entregando-a sem dizer palavra. Agora, voltava as costas àquele quarto que via, assim mesmo, como o Carioca antes de dar marcha-à-ré. A direita estava a tomada, onde Toniquinho matava a fome. À esquerda, a vela, ao lado da cama, em que fôra infiel à memória do marido. Deixava o campo que florescia com o círculo de luz mágica, capaz de atrair a tartaruga a derivar para o aconchêgo de sua roupa. E lá, bem longe, largava a *luz vital*, que punha o Carioca em marcha — Carioca, o *robô que nunca se esquece*, e que provàvelmente seria submetido a uma operação equivalente à lavagem do cérebro.

Deu uma paradinha em seu apartamento, só para banhar o rosto escaldante e tomar mais uma dose de sedativo. Depois, desceu. Ao passar pela área, viu a chegada de duas famílias: uma era a de um senhor calvo, com três crianças, a babá carregando dois vasos de avencas e a senhora transportando, piedosamente, a gaiola dos papagaios em gritos histéricos diante da novidade; a outra era de gente estrangeira: uma velha senhora levava o cachorrinho pela corrente, um homem, possìvelmente seu filho, carregava um saco, de onde se desprendiam pungentes miados, e uma mocinha transportava um *cachepô* antigo com begônias ruivas. Era a irrupção da vida, de quente vida humana, naquela manhã de verão.

Mas a primeira moradora do prédio, atordoada, como que estranhava os novos inquilinos. Ela, que tanto desejara ver povoado o edifício, com crianças batendo bola sob as colunas, e plantas alegrando as sacadas, achava intempestiva a mudança.

Transpôs a margem da calçada, onde homens em macacão desciam, de um carro de transportes, uma voluptuosa cama Luiz XVI, contando sôbre indissolúveis apelos conjugais.

Voltou-se uns segundos, desnorteada. Tomou, depois, o rumo de seu ônibus e pediu ao sol aberto, aos sêres de carne, da manhã plena de seiva, que conjurassem suas doloridas saudades de coisa alguma.

OBRAS DE
DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ

(Prêmio Machado de Assis de 1954, para conjunto de obras, da Academia Brasileira de Letras)

FLORADAS NA SERRA, romance — Prêmio Antônio de Alcântara Machado da Academia Paulista de Letras (1940) — 1.ª ed., 1939; 2.ª, 1939; 3.ª, 1940; 4.ª, 1941; 5.ª, 1944; 6.ª, 1952; 7.ª, 1954; 8.ª, 1955 — 9.ª (junto com a 2.ª ed. de *Margarida La Rocque*), 1961. Tôdas da Livraria José Olympio Editôra, Rio de Janeiro. 10.ª, 1961, Col. Edições de Ouro, Tecnoprint Gráfica S.A., Rio de Janeiro.

A SEREIA VERDE, novela e contos — 1.ª ed. Livraria José Olympio Editôra, Rio de Janeiro, 1941; 2.ª, Col. Edições de Ouro, Tecnoprint Gráfica S.A., Rio de Janeiro, 1962.

MARGARIDA LA ROCQUE (*A Ilha dos Demônios*), romance — 1.ª ed., 1949; 2.ª (junto com a 9.ª ed. *de Floradas na Serra*), 1961. Ambas da Livraria José Olympio Editôra, Rio de Janeiro.

A MURALHA, romance comemorativo do IV Centenário da Fundação de São Paulo — 1.ª ed., janeiro de 1954; 2.ª, abril de 1954; 3.ª, 1956. Tôdas da Livraria José Olympio Editôra; 4.ª, 1961, Col. Edições de Ouro, Tecnoprint Gráfica S.A., Rio de Janeiro; 5.ª, 1969, Editôra Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

AS AVENTURAS DO HOMEM VEGETAL, romance para crianças (ils. de Luiz Canabrava) — Edições Condé, 1951, Rio de Janeiro.

O OITAVO DIA, peça em seis quadros e um epílogo — Livraria José Olympio Editôra, 1956, Rio de Janeiro.

ERA UMA VEZ UMA PRINCESA... (*Isabel, a Redentora*), *in* Coleção Grandes Vocações — Editôra Donato, 1960, São Paulo.

AS NOITES DO MORRO DO ENCANTO, contos — Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, 1950 — Editôra Civilização Brasileira, 1957, Rio de Janeiro.

ÊLES HERDARÃO A TERRA, ficção científica — Edições G.R.D., 1960, Rio de Janeiro.

OS INVASORES, romance comemorativo do IV Centenário do Rio de Janeiro — Gráfica Record Editôra, 1965, Rio de Janeiro.

A PRINCESA DOS ESCRAVOS — Gráfica Record Editôra 1966, Rio de Janeiro.

VERÃO DOS INFIÉIS, romance — Livraria José Olympio Editôra, 1968, Rio de Janeiro.

A MURALHA, FLORADAS NA SERRA (em quadrinhos) — Editôra Brasil-América, Edições Maravilhosas, 1957, Rio de Janeiro.

EM COLABORAÇÃO:

HISTÓRIAS DO ACONTECERÁ — 1, ficção científica — Edições G.R.D., Rio, 1961.

O MISTÉRIO DOS MMM, romance, organizado por João Condé — Edições O Cruzeiro, Rio, 1962.

QUADRANTE — 1, crônicas — Editôra do Autor, Rio, 1962.

QUADRANTE — 2, crônicas — Editôra do Autor, Rio 1963.

PUBLICADOS NO ESTRANGEIRO

Na Argentina: Cuando la Sierra Florece, Club del Libro A.L.A., Buenos Aires, 1942.

Na França: L'Ile aux Démons (Margarida La Rocque), Julliard, Paris, 1952.

Na Espanha: El Juicio de Dios (Margarida La Rocque), Colección Grandes Novelistas, Editorial Ahr, Barcelona, 1952.

PQ9697. Q54C6

a39001 004208164b

Composto e impresso nas oficinas
da COMPANHIA BRASILEIRA DE ARTES
GRÁFICAS, à Rua Riachuelo,
128 - Rio de Janeiro (GB)
para a EDITÔRA LAUDES S. A.
Praça Saens Peña, 55 — Gr. 409
ZC-09 — Rio de Janeiro — GB
Tel. 48-7558

Carioca, todos lançados no volume intitulado **Êles herdarão a Terra**. **O Carioca**, que figura já em antologia latino-americana que se publica na Venezuela, forma com **Comba Malina**, dentro da literatura dêsse gênero, um nôvo tipo de humor, com características muito pessoais e brasileiras. Às histórias **Êles herdarão a Terra**, **A Universidade Marciana** e **O Carioca**, Dinah em 1961 acrescentou **A Ficcionista**, escrita para a "Antologia Brasileira de Ficção Científica" e no mesmo ano, publicou com outros autores, em **"Histórias do Acontecerá"**, o **Céu Anterior**. Os contos **Comba Malina**, **Anima** e **Os Possessos de Núbia** foram escritos em 1968.

Resistirá a ficção científica à prova das descobertas espaciais? Será uma literatura de tempo contado? Claro que não. A rota aberta por um Arthur Clarke, por um Ray Bradbury, não ficará tão cedo fechada para nós. O mistério que nos cerca continuará por muito tempo a carrear para a Ficção Científica, as fantásticas personagens e o tropel de sonhos oriundos da perplexidade e da sêde de aventura de um mundo que só agora "se viu" do lado de fora. Escritores como Dinah Silveira de Queiroz não temem o desafio. Êles chegam sempre "antes", êsses lúcidos fanáticos — sempre um pouco antes do que os cientistas e os cosmonautas.